

Nesta breve reflexão pretendo discutir as idéias liberais no período da Revolução Farroupilha ou Guerra Civil dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, de 1835 a 1845, que produziram uma ruptura com o Império do Brasil, que possuía instituições imprestáveis e obsoletas, com idéias conservadoras de uma evolução natural do meio social. É evidente que as idéias liberais, com seus objetivos de mudanças, eram compartilhadas pelos principais segmentos da cultura e de instituições sociais que reuniam latifundiários, grandes comerciantes e militares. A maioria da população, por ser analfabeta e ignorada pelos segmentos superiores, não compartilhava das idéias liberais, lutaram na revolução ou contra ela impelidos pelo desejo do saque, conforme o costume da época.

Após o retorno de D. João VI a Portugal, o liberalismo, quer como ordem econômica, quer como ordem política, passou a ser discutido nos gabinetes de leitura, nas lojas maçônicas e nos jornais. Na ordem econômica os jornais debatiam a liberdade da propriedade, a não intervenção do Estado nos negócios, a alta dos impostos e principalmente a saída dos impostos do local de cobrança, com destino a obras inúteis na Corte do Rio de Janeiro. Na ordem política desenvolveu-se a luta contra a centralização do poder e contra os portugueses que permaneciam em cargos da administração brasileira após a abdicação de D. Pedro I.

No Rio Grande do Sul, o liberalismo era discutido no Gabinete de Leitura, na casa do major João Manoel de Lima e Silva, irmão do regente Francisco de Lima e Silva, que dera o golpe de 07.04.1831. Esse Gabinete publicava o jornal *O Republicano* que tinha como redatores o padre Caldas e o argentino Manuel Ruedas, revolucionários que pretendiam separar a província do Rio Grande do Sul, unindo-a à República do Uruguai.

As dificuldades econômico-financeiras do Brasil, refletidas pelo pagamento de parte da dívida de Portugal à Grã-Bretanha, no Tratado de Comércio

---

<sup>44</sup> Palestra no IHGRGS em 15.12.1999

de 1810, com os britânicos, renovado em 1827, a liquidação do Banco do Brasil, a descapitalização decorrente do regresso da Família Real e as grandes despesas com a Guerra Cisplatina geraram a intranquilidade do primeiro reinado e do período regencial.

A Revolução Farroupilha faz parte dos movimentos liberais que abalaram o Império do Brasil no período regencial, após a abdicação de D. Pedro I, quando explodiram dissensões políticas entre os liberais e os conservadores nas províncias do Ceará (1831-32), Pernambuco (1831-35), Minas Gerais (1833-35), Grão Pará (1835-40), Bahia (1837-38) e Maranhão (1838-41).

Os liberais exaltados, que queriam mudar o Estado através de uma revolução, eram chamados de farrapos ou farroupilhas, com o significado de revolucionários. O apelido era anterior à Guerra Civil, pois já em 1831 circulavam no Rio de Janeiro os jornais intitulados *Jurujuba dos Farroupilhas* e *Matraca dos Farroupilhas*. O jornal *A Sentinela da Liberdade*, de 14.10.1834, criticou a existência do Partido dos Farrapos em Porto Alegre. O deputado liberal moderado Domingos José de Almeida, em carta de 30.05.1835, à sua esposa, referiu-se que não podia sair à noite para fazer visitas porque sua casa, em Porto Alegre, se enchia de farrapos. Portanto o termo não foi usado porque os combatentes andavam esfarrapados, pois é anterior à Guerra Civil e também porque todos os seus líderes e comandantes eram abonados fazendeiros e oficiais do Exército ou da Guarda Nacional.

Os liberais, em sua concepção de uma ordem política, baseada na liberdade individual dentro da lei, preocupavam-se com a extensão do poder, não admitiam mais o absolutismo do monarca, e acreditavam que a constituição era o único meio de garantir a liberdade e a propriedade.

O limite do poder seria estabelecido pelo Legislativo forte que evitaria o perigo da ditadura militar do Executivo, sinal de decadência do governo. Este antagonismo agravou-se no Brasil com a Assembléia Constituinte de 1823, formada em sua maioria por deputados liberais, que pretendiam limitar o poder do Imperador D. Pedro I, ampliando os poderes do Parlamento.



Desde o período colonial houve uma relação autoritária e absolutista entre Portugal e o Brasil, pois este tinha suas autoridades e principais funcionários nomeados pela Metrópole. As Câmaras municipais brasileiras não possuíam forais, não podiam legislar, transformadas em mero órgão administrativo, fiscal e judiciário para as pequenas causas. Dentro deste regime os brasileiros não tiveram oportunidade de desenvolver o espírito associativo em assembléias, à semelhança dos colonos norte americanos, tão importante para a implantação de um sistema liberal.

D. Pedro I, possuindo formação absolutista e autoritária, dissolveu a Assembléia Constituinte de 1823, quando os deputados discutiam o projeto de limitação do Poder Executivo. O imperador outorgou a Constituição de 1824 que lhe permitia reunir em suas mãos o poder Executivo e o Moderador, enfraquecendo e tornando quase inoperante os poderes Legislativo e Judiciário. Paradoxalmente o Imperador D. Pedro I possuía um poder absoluto e autoritário baseado na Constituição, o que contrariava os princípios liberais.

Os farroupilhas afirmavam a necessidade de garantir aos cidadãos o direito de propriedade e de liberdade. Todo aquele que violasse o direito de propriedade, estaria violando a liberdade e quem violasse a liberdade estaria cometendo um sacrilégio. A fim de sustentar a Guerra na região platina o governo imperial extorquia do povo cavalos, carretas, bois, escravos e até dinheiro, sem pagar indenização. A liberdade foi violada também com o recrutamento forçado de homens que trabalhavam. Assim o Império roubou a propriedade dos rio-grandenses e tirou-lhes a liberdade, só restava proclamar a República para o povo ser livre.<sup>45</sup>

A Constituição, para os liberais, era a garantia da liberdade e da propriedade. A Constituição devia ser de acordo com o costume do povo, pois se assim não fosse, nem as autoridades iriam respeitá-la. A lei natural não poderia ser contrariada pela Constituição.

Quinze dias após a Revolução Farroupilha o jornal *O Mensageiro* informou que a luta aconteceu por causa dos "contínuos desvarios da transata administração" e pela "desproporção com que se haviam imposto imensos tributos

nas diversas classes de cidadãos". Referiu-se à instalação da Assembléia da qual esperavam que "saíam leis adequadas aos nossos costumes, que afugentem para longe de nós os males que nos tem ameaçado".<sup>45</sup>

Nos jornais liberais, o termo *povo* significava apenas os cidadãos, aqueles que tinham direitos políticos, que podiam votar e ser votados, ou seja, os proprietários. Quem não tivesse propriedade, nem renda fixa anual de 100\$000 réis, por bem de raiz ou emprego estava excluído da lista de eleitores paroquiais.

No projeto de Constituição da República Rio-grandense, em 1842, consta a definição de quem é cidadão:

Art. 6º - São cidadãos rio-grandenses:

- I - Todos os homens livres nascidos no território da República;
- II - Todos os brasileiros que habitavam no território da República desde o memorável 20 de setembro de 1835 e têm prestado serviços à causa da revolução ou da independência, com intenção de pertencer à nação rio-grandenses.

Estabelecer a existência de homens livres é admitir a escravidão. Sendo apenas cidadãos os homens livres, as mulheres estavam excluídas da cidadania, pois não podiam ser cabeça de casal, viviam sob a tutela do pai, do marido ou de um tutor. Do mesmo modo os escravos, tidos como instrumento que falava e como objeto de propriedade que podia ser vendido, hipotecado e alugado, não podiam participar do povo rio-grandense.

O mesmo projeto de Constituição relacionava os que estavam impedidos de votar:

Art. 92 - São excluídos de votar nas assembleias paroquiais:

---

<sup>45</sup> Jornal *O Povo*, nº 10, 03.10.1838, p. 2 e 3.

<sup>46</sup> Jornal *O Mensageiro*, nº 2, 06.11.1835, p. 7.

I - Os menores de 21 anos, em cujo número se não compreendem os casados e oficiais militares que forem maior de 18 anos, os bacharéis e os clérigos de ordens sacras;

II - os filhos de família que viverem na companhia de seus pais, menos se servirem em officios públicos;

III - os criados de servir, em cuja classe não entram os guarda-livros e primeiros caixeiros das casas de comércio e os administradores das fazendas rurais e fábricas;

IV os religiosos e quaisquer que vivem em comunidade claustral;

V - os soldados, anseçadas e cabos de exército de linha;

VI - os que não sabem ler e nem escrever.

Art. 94 - II - os libertos.

Os conservadores apoiavam o Imperador, procurando manter a situação, pois se norteavam por uma concepção evolucionária dos fenômenos culturais e qualquer revolução viria romper com a ordem natural e modificaria o quadro de sistema de valores das relações sociais com o Estado e com a Igreja, adaptadas à centralização do poder político e da economia.

Os liberais passaram para a oposição porque se consideravam traídos pela Constituição de 1824, outorgada pelo Imperador e que acumulava o poder Executivo e Moderador. Os liberais não aceitam o poder Moderador porque através dele o Imperador podia dissolver o Congresso Nacional, governando como um monarca absoluto, contrariando os princípios liberais. A maioria dos oficiais do exército brasileiro pertenciam às fileiras do Partido Liberal. Sem apoio militar, restou ao Imperador D. Pedro I contratar mercenários nos Estados alemães, onde eram embarcados como se fossem colonos de primeira classe. Os batalhões de mercenários permaneceram no Rio de Janeiro, em apoio ao governo. Os alemães com famílias, chamados de colonos de segunda classe, foram levados para a Colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O contrato de mercenários durou de 1824 a 1829.

As guerras da Cisplatina e da Argentina sacrificaram inutilmente os rio-grandenses, que contribuíram com a maior parcela de soldados, cavalaria e gado. A província do Rio Grande do Sul foi transformada num acampamento militar, onde as leis do aboletamento e da requisição de alimentos não garantiam o pagamento de indenização.

A oposição aumentou quando D. Pedro I passou a se preocupar com a sucessão do trono de Portugal, tentando garantir a coroa em favor de sua filha menor, a princesa D. Maria da Glória.

D. Pedro tentou manter-se no governo, chegando a convocar brasileiros natos para constituírem os dois últimos ministérios, mas esses ministros não eram populares entre os liberais. Finalmente em 07.04.1831, não tendo mais o apoio das tropas brasileiras para debelar as agitações populares no Rio de Janeiro provocadas pelos farroupilhas, o Imperador evitou a revolução, não usando as tropas mercenárias, e abdicando em favor de D. Pedro de Alcântara, que contava apenas cinco anos, consolidando a independência com a continuidade da casa reinante, evitando que o Brasil se dividisse em diversas repúblicas como aconteceu com o império espanhol na América.

Os conservadores fundaram a Sociedade Militar, com o objetivo de amparar as famílias dos militares. Em 1833, a instituição iniciou uma campanha para o retorno de D. Pedro ao trono do Brasil. A campanha era amparada por militares conservadores, comerciantes e portugueses.

Em 24.10.1833 o Partido Farroupilha promoveu uma manifestação popular em Porto Alegre contra a instalação da Sociedade Militar na província.

Os liberais passaram a chamar os conservadores de caramurus, de escravos e de portugueses porque apoiavam o Imperador. Ser liberal era sinônimo de brasileiro livre. Dentro deste imaginário político, *O Recopilador Liberal*, jornal que circulou em Porto Alegre de junho de 1832 a junho de 1836, trazia no alto da primeira coluna:

Subscreve-se para esta Folha nas casas dos CIDADÃOS  
BRASILEIROS NATOS E LIVRES: Joaquim José de Santa

O Império do Brasil era um Estado unitário, com a centralização do poder no Rio de Janeiro.

Em 1831, por pressão de deputados liberais, é criada a Guarda Nacional e o Exército Imperial é desmobilizado. As Câmaras Municipais passam a eleger os oficiais da Guarda Nacional entre os grandes proprietários e comerciantes da sede municipal. A nova corporação, formada por cidadãos armados tem a missão de manter a ordem no termo municipal e de repelir qualquer invasão estrangeira. Os municípios, tendo a única força militar, passam a exigir autonomia, desencadeando grande debate político em torno da idéia de federação. Os liberais farroupilhas não queriam a centralização do poder, por isso lutavam pela federação das províncias.

O termo federação confunde-se com o de confederação. Os federativos ou farroupilhas usam o termo federação como derivado da palavra *foedus*, aliança entre países amigos. Consideram que ela é possível apenas em instituições republicanas. Na idéia de república, considerada a tábua de salvação do Brasil, estava embutida a idéia de federação, pois a forma monárquica era considerada efêmera. Na tentativa de unir todos os rio-grandenses, os revolucionários em suas proclamações iniciais, em setembro de 1835, dão vivas à união e a integridade do Império. Em artigos em que protestam fidelidade ao monarca, negam a existência de um partido republicano na província. Os revolucionários entregaram a presidência ao doutor Marciano Pereira Ribeiro, conhecido republicano. Em fevereiro de 1836, afirmam que há republicanos na revolução, mas que é intriga dos conservadores o propósito de separar a província do Império, para formar uma nova nação.

Em abril, publica-se uma proclamação no jornal *O Mensageiro*, assinada por Um Rio-grandense, onde no final ele pede:

E vós, Republicanos, Moderados, Federalistas e Exaltados! A  
pátria está em perigo: ponde de parte vossas intrincadas

---

<sup>47</sup> Jornal *O Recopilador Liberal*, de 21.10.1835, p. 1.

opiniões; adiai vossas querelas. Uni-vos em massa, formai um antemural inexpugnável e correi em auxílio de vossos irmãos. Brasileiros, salvai a bela província do S. Pedro do Sul e o Brasil será salvo. Brasileiros! A honra vos chama: a Liberdade vos invoca e quarenta séculos de glória vos esperam. Viva a Revolução de 20 de setembro. Vivam os patriotas que estão em campo em defesa da Liberdade!<sup>48</sup>

No jornal *O Povo*, um longo artigo ataca a monarquia absoluta e os portugueses, conclama os brasileiros para a formação de um novo tipo de Estado:

Uni-vos a nós. A confederação das repúblicas brasileiras é altamente reclamada pelas circunstâncias do país, pelas exigências das Américas, pelos interesses do mundo em geral.<sup>49</sup>

Na sessão extraordinária de 03.03.1839, da Câmara municipal de Caçapava, então capital da República Rio-grandense, os vereadores resolveram seguir as leis brasileiras, enquanto não fosse votada a nova constituição e permitir a federação das províncias brasileiras que adotassem o sistema republicano, desde que "nem levemente se opusesse à liberdade e ao bem estar desta República".

No projeto de Constituição dos farrapos estava incluída a idéia de que as demais províncias poderiam se federalizar à República Rio-grandense, que conservaria o poder federal.

Muitos historiadores imaginam que as teorias democráticas faziam parte do ideário farroupilha, porque o italiano Luigi Rosseti, contratado como redator do jornal *O Povo*, órgão oficial da República Rio-grandense escolheu como dístico a máxima de Mazzini:

---

<sup>48</sup> Jornal *O Mensageiro*, nº 47, de 29.4.1836, p. 3.

<sup>49</sup> Jornal *O Povo*, nº 42, de 23.01.1839, p. 3.

O poder que dirige a revolução tem que preparar os ânimos dos Cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modéstia, de igualdade e desinteressado e ardente amor à Pátria (Joven Itália - Vol. V).<sup>50</sup>

As idéias de Mazzini não permaneceram unicamente no dístico do jornal. No mesmo primeiro número de *O Povo* seu redator afirmou que

As palavras que traduzimos da Joven Itália, folheto que se imprime na Europa, resumem inteiramente os princípios que nos hão de guiar na redação deste jornal.<sup>51</sup>

O artigo de Rosseti *O Povo! O Povo!*, defendendo os direitos da plebe e criticando a tirania da aristocracia deve ter ferido o orgulho dos latifundiários rio-grandenses que sempre marginalizaram a plebe e não poderiam aceitar o princípio de que a classe inferior pudesse participar na política e na administração do Estado.<sup>52</sup>

*Aparentemente há um contra-senso entre nossa afirmativa e o fato de os farroupilhas serem democráticos e liberais. A idéia de democracia confundia-se com a idéia de república, o governante não seria mais hereditário, mas eleito por determinadas classes, que assim exerciam o poder, numa adaptação do conceito francês de democracia, deixando de lado a massa que não constituía o povo no conceito liberal.*

O liberalismo dos farroupilhas era individualista, idéia combatida por Mazzini e também por Rosseti. A principal mão-de-obra era a escrava e os liberais da República Rio-grandense consideravam os escravos como propriedade, não podendo o Estado libertá-los. O Tesouro do Estado possuía escravos que alugava aos cidadãos e o jornal *O Povo*, publicava anúncios de compra e venda de cativos negros.

---

<sup>50</sup> Jornal *O Povo*, nº 1, de 01.09.1838, p. 1.

<sup>51</sup> Jornal *O Povo*, nº 1, 01.09.1838, p. 1.

<sup>52</sup> Jornal *O Povo*, nº 6, de 19.09.1838, p. 4.

Luigi Rosseti, em comunhão com as idéias mazzinianas, escreveu em seu artigo intitulado *Legalidade*:

É o espírito da Democracia, é o princípio popular que, até agora desprezado, se levanta da lama para ressurgir à vida luminosa que o espera, para colocar-se nas fileiras do Exército Humanitário, que uma mesma causa de um ponto extremo ao outro do mundo convoca os Povos à reunião para marchar todos juntos à destruição dos últimos restos feudais.<sup>53</sup>

Mazzini, na Europa, lutava pela unificação dos Estados italianos, os farroupilhas rio-grandenses batiam-se pela federação, mas não à república que se poderia proclamar no Brasil e sim à República Rio-grandense. Em seu projeto de Constituição consta que os rio-grandenses não poderiam se federalizar a outra República com perda de sua soberania.

O choque da idéia de unificação de Mazzini com a ação dos farroupilhas é analisado por Luigi Rosseti que considera a federação como um erro fatal ao Brasil e contrário à doutrina da Joven Itália.<sup>54</sup>

A doutrina mazziniana referente à questão social e ao trabalho é oposta ao conceito de propriedade e mão-de-obra dos latifundiários rio-grandenses, líderes da Revolução Farroupilha. Mazzini considera a propriedade eterna e ligada à iniciativa particular. Faltando aquela, esta fenece. Os bens devem ser distribuídos equitativamente através dos meios de produção e de trabalho, a fim de que todos tenham propriedade. Segundo a máxima bíblica, adotada por Mazzini, "quem não trabalha não come", o trabalho é um dever e não um direito. Tais idéias estavam de acordo com a Europa em fase de industrialização e com mão-de-obra assalariada, mas que não tinha ressonância em uma sociedade latifundiária e escravocrata.

Rosseti, em seu artigo *O Povo! O Povo!*, ataca as classes superiores:

---

<sup>53</sup> Jornal *O Povo*, nº 7, de 22.09.1838, p. 5.

<sup>54</sup> Carta de Rosseti a F. Álvares Machado e Vasconcelos, 16.11.1840. Coleção Varela, AHRs.



Estes pobres descalços esfarrapados que tantas vezes, vós os privilegiados do Universo, tendes postos em movimento, conseguiram nunca gozar na mais pequena proporção do bem comum ao qual portanto tinham tão grande direito de participar [...]. Por qual razão fazeis pesar quase exclusivamente todo o cargo das despesas nacionais sobre esta infeliz classe jornaleira que tudo compra e nada vende?<sup>55</sup>

Em uma sociedade escravocrata o homem livre tem horror ao trabalho mecânico por ser coisa de escravo. Na sociedade brasileira do século passado o homem livre vivia à custa do trabalho escravo, alugando os negros para as mais diversas tarefas, como pedreiro, padeiro, lavadeira, boleiro, lavrador e ama de leite. Naturalmente o preço do aluguel seria pago ao dono do escravo. O homem livre aguardava uma nomeação para o emprego público, pois um cargo de funcionário ou posto militar, ou profissão liberal eram as únicas compatíveis com a mentalidade da época.

Portanto as idéias mazzinianas, professadas por Rosseti eram altamente subversivas para os farroupilhas. A tensão constante levou Luigi Rosseti a brigar com o seu revisor, um cadete de gênio violento e liberal, quando este mudou a frase do redator italiano: "O povo é invencível, eterno onipotente como Deus" para "Ele é invencível e um dia, dia que não está longe, vos pedirá conta de vossos delitos". Luigi Rosseti, não aceitou tal mudança, brigou com o revisor e foi agredido. Pediu demissão do cargo de redator do jornal *O Povo*, denunciando os talentos aristocráticos que comandavam a revolução liberal, em carta ao ministro da Fazenda, Domingos José de Almeida.<sup>56</sup>

O fato de o jornal *O Povo* apresentar como dístico uma frase copiada da Joven Itália e de transcrever artigos de Rosseti, inspirados em princípios mazzinianos, não basta para concluir que as doutrinas trazidas da península itálica

---

<sup>55</sup> Jornal *O Povo*, nº 6, de 19.09.1838, p. 4.

<sup>56</sup> Carta de Rosseti a Domingos José de Almeida, de 20.04.1838. Coleção Varela, AHRs

orientaram os chefes farroupilhas, porque elas, como vimos, estavam em oposição à estrutura doutrinária da elite revolucionária rio-grandense.

O jornal *O Povo* traçou um quadro do Brasil no século XIX, analisando a grande enfermidade que provém do ceptismo político, moral e religioso, da ausência de todas as crenças que servem de apoio ao movimento social. Considerou os brasileiros indiferentes em matéria de política, religião e moral:

Não somos religiosos é porque a educação literária do Brasil desde a aurora da nossa emancipação foi exclusivamente formada pela filosofia francesa do século passado, essencialmente irreligiosa, sensual, inimiga da autoridade em todos os gêneros! Sob este ponto de vista somos ainda os franceses do século XVIII, estamos atrasados cem anos.<sup>57</sup>

O redator aponta como solução a atualização da instrução pública.

A breve reflexão precedente, sobre as mudanças e tendências dos principais segmentos da cultura rio-grandense, demonstra que no período após a independência do Brasil não havia partidos, apenas facções decorrentes de opiniões maniqueístas, que dividiam em liberais e conservadores. A facção dos conservadores seguiam a doutrina que a ordem social existente era obra de Deus e que era necessário manter a ordem em que se vivia no presente. Os conservadores tinham consciência de ser parte da classe dominante e queriam manter seus privilégios. Qualquer mudança significava anarquia. Durante seus ministérios, os conservadores realizavam apenas concessões políticas, mantendo as mesmas estruturas sociais e econômicas.

Dentro deste imaginário político, os conservadores classificaram o movimento liberal dos rio-grandenses, que pretendiam uma nova Constituição baseada nos costumes, a federação e um novo pacto social, como uma sedição

anárquica, pois não aceitavam a intervenção do cidadão no governo. Os conservadores construíram um sistema fechado, sem abertura política, religiosa ou social, presos aos valores do passado e aos privilégios dos grupos dominantes.

O Brasil, no período monárquico, continuou com a economia semelhante ao período colonial, baseada no latifúndio e na monocultura. Do grupo dos latifundiários saíam os senadores, deputados, a magistratura e os altos cargos na burocracia, formando uma aristocracia com o título de doutor ou de excelência. Os liberais rio-grandenses tentaram romper com o conservadorismo, provocando uma ruptura com o Império, sob forma de uma república liberal, de 1835-45. Infelizmente foram esmagados pelos conservadores e só em 1862 conseguiram fundar um novo Partido Liberal que durou até 1889.

### Bibliografia:

- CHEVALLIER, Jean-Jacques. *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*. Rio de Janeiro: Agir, 1973.
- EISENSTADT, S. N. *Revolução e a transformação das sociedades*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- PRÉLOT, Marcel. *As doutrinas políticas*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.
- SCHILLING, Kurt. *História das idéias sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

### Fontes:

- Coleção dos Jornais *O Povo*, *O Mensageiro* e *o Americano*. Edição facsimilada, Porto Alegre: Globo, 1935.
- Jornal *O Recopilador Liberal*. Museu de Comunicações Sociais Hipólito José da Costa, Porto Alegre.
- Coleção de Alfredo Varela. Documentos do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

---

<sup>57</sup> Jornal *O Povo*, nº 98, de 04.09.1839.

# O NOTICIADOR

## EXTRAORDINARIO N. 1.

CIDADE DO RIO GRANDE NA TYP. DE F. X. FERREIRA 1855. Rua Direita.

### PROCLAMAÇÃO

AOS CIDADÃOS ARMADOS.

COMPATRIOTAS, e Companheiros d'armas! Neste dia uma nova coroa ornará vossas frentes. A benemerita Cidade do Rio Grande vos deve a sua liberdade: vosso brío, e vossa decisão, pela cauza das Leis, bastarão para afugentar os poucos facciosos, que nella se abrigavam. Uma justa e nobre satisfação deve encher vossos corações. Oh! Quanto é doce ter corrido a salvar a Patria! Já livre a Provincia da fiação inimiga de vosso socogo e liberdade, e disfrutando os bens, que emanão de um Governo Patriótico e Liberal, podereis com orgulho dizer a vossos filhos; — eu fui dos bravos, que combatendo a arbitrariedade, conjuzei a restaurar o imperio da Lei, segui o meu exemplo, e vosso collo nunca se dobre ao pesado jugo do despotismo. A nossa bella Provincia jamais será habitada por um Povo de escravos. — Compatriotas! Essa será a linguagem, que tereis, e a lembrança dos serviços feitos a Patria, será para vós a fonte dos mais puros prazeres: mas quereis dar maior lustre a vossos loiros? Usai de moderação depois do triumpho. Sim, os Erisos Rio-Grandenses, que libertarão a Capital, Rio Pardo, S. Gabriel, e de mais pontos da Provincia aonde encontrarão opposição, vos derão o exemplo dessa virtude propria dos Livres: generosos por caracter, doces e respeitadores das Leis, estou certo, que o seguireis. Quais pequeno insulto ás pessoas, e bens de vossos inimigos, será uma mancha a vossa gloria. As Leis, tão somente as justas Leis, devem punir os perversos, que cavarão o abysmo a nossa chava Patria; integros Magistrados cumprirão este sagrado dever; descançai em sua justiça, o crime jamais ficará impune. Compatriotas! Em nome da Patria, eu agradeço vossos altos serviços, elle vos deverá sua prosperidade, e sua grandessa; este é o digno premio a que tão só aspirão os homens verdadeiramente virtuosos, e Livres. **VIVA A LIBERDADE! VIVA A CONSTITUIÇÃO REFORMADA! VIVA O NOSSO JOVEN MONARCHA CONSTITUCIONAL O SR. D. PEDRO II! E VIVÃO OS BRITOSOS RIO-GRANDENSES LIVRES!**

Campe junto a Cidade do Rio Grande 21 de Outubro de 1855.

*O Coronel Bento Gonçalves da Silva.*

TYP. DE F. X. F. RUA DIREITA.

Proclamação de Bento Gonçalves da Silva, de 21.10.1835, publicada pelo Jornal *O NOTICIADOR* [fac-símile]

*“Por isso, ao passo que espíritos eminentes,  
como o dr. Sylvio Romero, escrevem com  
mão tremula ácerca deste assumpto,  
ennegrecendo o futuro com muitas  
desconfianças, nós meditamos com  
severidade sobre a elaboração da  
nacionalidade brasileira”.*

Alcides Maya

1898, p.76.

Retomarei algumas teses implícitas dos trabalhos apresentados aqui no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, nesta série de discussões, por: **Sérgio da Costa Franco** “*Camões e a geografia*”; **Telmo Lauro Müller** “*Imigração alemã: 150 anos de história*” e por **Cezar Saldanha Souza Júnior** “*Posição do Brasil diante de Portugal antes da Independência*”.

Sobre os *Lusíadas*, objeto da análise geográfica de Sérgio da Costa Franco, é preciso enfatizar a luminosa percepção global do mundo que **Camões** afirma no primeiro canto:

*“Cesse tudo o que a musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta”.*

Camões anuncia a modernidade: o “*outro valor*”, sem comparação com o velho mundo. Anuncia o novo mundo que não é só a América: é o mundo que passa a ser finito, o mundo que criará e utilizará as novas técnicas e seus conseqüentes paradigmas nestes últimos cinco séculos.

Uma porção do processo migratório, originado da transição econômica, social e ideológica na Europa e das necessidades da construção dos novos espaços geográficos em porções da América, foi o objeto do trabalho apresentado por **Telmo Lauro Muller**.

No processo de construção do Brasil o tema imigração é fundamental e sobre ele farei algumas observações.

Finalmente, **Cezar Saldanha Souza Júnior** aborda a questão da difusão do cristianismo - e da Igreja Católica - como “motor” à conquista de novas terras, na verdade uma viva manifestação da longa agonia da Idade Média, de seus

---

<sup>58</sup> 24 de novembro de 1999

pressupostos ideológicos e da posição da Igreja Romana no campo de força do poder nos momentos dos descobrimentos.

Estas foram algumas questões colocadas e que, no conjunto, indicam claramente as determinações e conflitos entre o local e o global nos espaços geográficos.

### Algumas questões de método

Permitam-me, entretanto, iniciar estas notas com uma **questão de método** e, para tal, retorno aos momentos de parto deste Instituto em 1920 e, muito especialmente, ao então tenente **Souza Docca** para o qual “...*não pensamos... fazer história exclusivamente Riograndense, porque isto seria inominável absurdo... a história do Rio Grande do Sul está estreitamente vinculada aos principais fatos da história do Brasil e da civilização*”

Esta é uma posição metodológica: heurística e moderna.

O eu é substituído pelo eu e os outros.

A partir deste método de análise da **História** e do **Espaço** é possível, com o mínimo de subjetividade e sem idealismo filosófico, falar sobre a construção do Brasil; da inércia e do projeto e, especialmente, em defesa da Nação.

O Brasil é um projeto, uma construção. Um projeto português que no tempo, através de suas contradições e energias, cria novos projetos, interrompidos ou acelerados em função das relações com o Mundo. Projeto português que é uma novidade histórica, como observou **Delgado de Carvalho**, no momento em que “...*desaparecia a idéia romana da monarquia universal, diante da formação de grandes unidades continentais, ao aparecerem as Nações*”.

Projeto que se objetiva na modernidade do Tratado de Madri (**13 de janeiro de 1750**), com o aparecimento do “*espírito de nacionalidade americana, a tendência de não mais comprometer os interesses do Estado luso em formação na América nas intrigas dinásticas européias*” (p.12).

É nesse movimento - complexo e rico - que a questão metodológica colocada por **Souza Docca** adquire significado luminoso. Mesmo porque é com o Tratado de Madri que o atual território do Rio Grande do Sul, a Amazônia e o Mato Grosso se incorporam ao projeto do que seria o Brasil, já fertilizado pela idéia do “*nacionalismo*”, produto de uma formação econômica e social original na transição do mundo da Idade Média para o mundo Moderno, onde o local/regional e a totalidade se confundem e se fertilizam, mesmo porque não existe geração espontânea da vida e da História. O nacionalismo se reflete com precisão nos objetivos das negociações de **Alexandre de Gusmão** com Espanha, quando enfatiza que: “...*o gado do Rio Grande do Sul era o complemento econômico indispensável à vasta zona das Minas, centro e base da economia brasileira; que o Rio Grande, como hoje o conhecemos, era parte inalienável de um todo geográfico*”, segundo **Jaime Cortesão**.

## A originalidade do Brasil: a síntese

A construção portuguesa do Brasil foi realizada - e não poderia ser de outra maneira - segundo as determinações ideológicas, sociais e econômicas da Idade Média na Península Ibérica e de sua adaptação no Mundo Novo.

A força de trabalho necessária à construção e utilização do novo espaço era infinitamente pequena o que explica o retorno em massa à escravidão. A África foi o celeiro dessa primeira grande imigração, sem dúvida forçada.

Depois, no século XIX e início do XX, a Europa produz seus excedentes de homens “*sem-terra*” e “*sem-emprego*”, o excedente rural da transformação do feudalismo. Massa incapaz de ser incorporada no processo industrial ou de permanecer no campo. É esta sobra histórica que explica o segundo e grande fluxo de imigração.

É no resíduo e no acúmulo destes fluxos que o Brasil é construído.

O Rio Grande do Sul, como o Brasil, foi construído por migrantes, antes mesmo de sua descoberta e ocupação. E mais, o Rio Grande do Sul foi construído por gente “*sem terra e sem destino*”, como enfatiza **Borges Fortes** em consequência de um amplo movimento no bojo da Humanidade, da Civilização, como diz Souza Docca, e de um unificador modo de produção global.

Estes encontros e contatos seguem a regra dialética. Deles resulta a síntese - sempre em transformação - contendo os elementos do passado e do futuro mas não sendo nenhum deles.

O Brasil é, assim, síntese civilizatória em contínuo realizar-se.

O processo de construção do Brasil nunca foi de “branqueamento”, apesar da imprecisão do conceito. A originalidade do Brasil é seu “amorenamento”, apesar da elite procurar, em diferentes momentos, o branqueamento da pele. Independente dessa vontade - expressa ideologicamente pelos elogios à aparência física com os dominantes: os “rosados” e “marmóreos” ingleses, de olhos despigmentados e de cabelos louros - a sociedade construiu outro modelo, processo que **Darcy Ribeiro** percebeu com clareza, com a emoção e o entusiasmo de um **Michelet**:

*“O Brasil tem sido, ao longo dos séculos, um terrível moinho de gastar gente, ainda que, também, um prodigioso criatório. Nele se gastaram milhões de índios, milhões de africanos e milhões de europeus. Nascemos no seu desfazimento, refazimento e multiplicação pela mestiçagem. Foi desindianizando o índio, desafrikanizando o negro, deseuropeizando o europeu e fundindo suas heranças culturais que nos fizemos.*

*Somos, portanto, um povo síntese, mestiço na carne e na alma, orgulhoso de si mesmo, porque entre nós a mestiçagem jamais foi crime ou pecado. Um povo sem peias que nos atenham a qualquer servidão, desafiando a florescer, finalmente, como uma civilização nova, autônoma e melhor”*

(Ob.cit. p.13)

O quadro demográfico do Brasil, segundo a cor (do Brasil Tabela 1), ainda e felizmente com muita imprecisão, parece muito simples e extremamente

explicativo, como revelam os dados resultantes do Censo Demográfico de 1991 retratando a síntese de um longo processo histórico:

**Tabela 1.**  
Brasil  
População, segundo a cor nas áreas urbanas e rurais  
1991  
(em porcentagem)

| Cor            | Total        | Urbana       | Rural        |
|----------------|--------------|--------------|--------------|
| Branca         | 51,6         | 55,3         | 39,9         |
| Preta          | 5,0          | 4,9          | 5,3          |
| Parda          | 42,4         | 38,8         | 53,7         |
| Amarela        | 0,4          | 0,5          | 0,2          |
| Indígena       | 0,2          | 0,1          | 0,6          |
| Sem declaração | 0,4          | 0,4          | 0,3          |
| <b>TOTAL</b>   | <b>100,0</b> | <b>100,0</b> | <b>100,0</b> |

Fonte: IBGE. Censo demográfico do Brasil - 1991.

Dos dados da Tabela 1 outras leituras são possíveis na discussão das origens dos componentes étnicos do Brasil.

A tabela revela que em 1991, no mínimo, 47,4% da população brasileira era de origem africana com um percentual de 59,0% nas áreas rurais do país. Em termos absolutos o Brasil é o segundo país de raiz negra (70 milhões de habitantes), depois da Nigéria (126 milhões) e mais do que nos Estados Unidos da América do Norte.

Antes mesmo da “descoberta” o atual território brasileiro foi espaço de múltiplas invasões migratórias, de expansão demográfica e cultural sobre os povos existentes. Os Guaranis aqui são exemplares dessa invasões e destruição - quando podiam - de outras culturas.

A chegada dos portugueses e de outros europeus, produto de múltiplas processos migratórios de invasões e dominações - não foi um fato novo. Novo foi a aceleração do processo, como mostram as séries demográficas históricas.

Também não foi nova a escravidão, o novo foi a sua magnitude. Fenômenos criados pelas descobertas e a velocidade da “mundialização”.

### A Fragmentação

Independentemente da passagem do século ou do milênio transitamos por uma transformação cujos sinais seriam insuspeitáveis há alguns anos atrás. A esta fase a mídia designa de **globalização**, os franceses de **mundialização**, outros de **globalização** adjetivada de **financeira** em que, paradoxalmente, dois fenômenos se apresentam com muita força: a **globalização** (o modelo do mundo clássico romano, a transfiguração semântica do imperialismo) e a **fragmentação** (o modelo da Idade Média, a outra face da globalização, o neocolonialismo). Alguns dirão inclusive que estamos vivendo uma outra Idade Média (como **Umberto Eco**, citando o trabalho do geógrafo italiano **Giuseppe Sacco**), no bojo de profunda modificação no



capitalismo, na época, também designada de pós-moderna ou de período científico tecnológico.

Se a **globalização** se organiza e comanda em redes, a **fragmentação** se faz com conflitos e terror, ambos associados a um misticismo explosivo e as múltiplas formas de fundamentalismos.

É neste paradoxo contexto que a questão me preocupa.

A fragmentação está aí, antes mesmo da não tão insuspeitada implosão da URSS, afetando o Ocidente e o Oriente através dos movimentos “*regionalistas*” e fundamentalistas. Alguns explícitos outros, nem tanto...

A mim preocupam algumas manifestações recentes que enfatizam a inevitabilidade da fragmentação do Brasil.

Não se trata de nenhum subjetivismo, de nenhuma fantasia, mas de ver e ouvir algumas vozes do mundo e daqui, como por exemplo:

**Eric Hobsbawn** na obra traduzida universalmente “*The Age of Extremes*” (A Era dos extremos), dedica duas linhas preocupantes:

“...os únicos sinais de separatismo significativo na América Latina vinham do estado mais rico do Brasil, o Rio Grande do Sul” (página 416 da edição brasileira de 1995, 1ª reimpressão; página 422 da edição norte-americana de 1995).

Ou os textos dedicados por **Blij (e) Muller** no livro “*Geography realms and regions and concepts*”, obra também de circulação internacional, ao separatismo no sul do Brasil.

Em dezembro de 1998 a última página de **Le Monde Diplomatique** sob o título “*Danger! Prolifération étatique*”, **Pascal Boniface**, se refere ao: questão separatismo no Brasil em razão dos desequilíbrios regionais entre o norte e o sul do Brasil.

Recentemente, **Manuel Correia de Andrade** escreve “*As raízes do separatismo no Brasil*” onde explicita “*Ao se analisar o caminhar de uma ideologia separatista em escala nacional, com o desejo, por parte dos seus partidários de fragmentarem o país, é conveniente lembrar que vivemos um momento de modernização do imperialismo (Tourraine, 1996)*”, acrescentando que “*Por isto, chama a atenção para as diferenças nacionais e regionais e estimulam, quando de seus interesses, a ideologia separatista*”.

Aumenta o número de trabalhos acadêmicos sobre o separatismo e é inegável um místico independentismo do Rio Grande do Sul, com os mesmos argumentos que se encontram na Espanha, na Itália, na Bélgica, sem falar nos países da Europa do Leste e da ex-URSS: a absoluta falta de solidariedade nacional e do rompimento com os princípios republicanos de Nação, desses movimentos *regionalistas* que traduzem na verdade os interesses de elites regionais ou dos irresponsáveis oportunistas políticos.

É evidente que também me preocupa o resultado da pesquisa entre estudantes de uma escola pública de Novo Hamburgo, divulgada por **Nestor André Kaercher**, onde os jovens estudantes adolescentes assim se expressam, como vozes da ideologia do mercado, negando o espírito republicano, a solidariedade, o orgulho nacional:

“O norte atrasa o desenvolvimento do Sul”.

“Norte e nordeste é um outro país, um outro povo. Aquilo não tem nada a ver conosco. Nordestino só sabe de festa... não querem saber de trabalho”.

“Nós temos uma indústria e uma economia auto-suficiente.

Não são necessários comentários... se considerarmos também as pesquisas divulgadas respectivamente pela *Folha de São Paulo* (23 de maio de 1993) e pela revista *Isto É*, cujos resultados foram analisados por **Monon**.

É evidente no mundo as preocupações com o destino da Nação no processo de globalização. Não é tola nem descabida a discussão aberta por **Yves Lacoste** (1997) com seu livro “*Vive la Nation!*”, nem as discussões sugeridas por **Christopher Lasch** (199) em “*A rebelião das elites e a traição da democracia*”; ou de **Richard Rorty** (1998) com “*Para realizar a América - o pensamento de esquerda no Século XX na América*”, ou ainda o artigo de **Samuel Huntington** “(1997), *The Erosion of American National Interests*” (A erosão dos interesses nacionais norte-americanos). publicado na revista *Foreign Affairs.*, vol.76 (5) ou **Robert Hughes**, (1994) com *Culture of Complaint* (A cultura da complacência).

Ampliam-se os “tribunais” para o **juízo da História** como “*os outros quinhentos*”, simples e tosca adoção do pensamento da esquerda cultural dos meios acadêmicos norte-americanos que se traduzem em instrumentos de fragmentação da Nação, em razão da substituição da justiça social pela liberdade individual; do orgulho nacional pelo acirramento das “*políticas da diferença*” ou das “*identidades*” o que resulta nas hostilidades étnicas, religiosas e de costumes sexuais, enquanto 25% da população se entrega ao cosmopolitismo globalizado sem Nação.

No Brasil a questão dos índios ou dos negros não é a cor da pele mas sim a pobreza as exclusões e as humilhações que determinam os preconceitos que também atinge os brancos. Ver a questão de outra forma é racismo e escamoteamento da sociedade real, isto é, a idealização da história.

Não poderia deixar de registrar - até mesmo acreditando num erro de informação - a notícia publicada pelo *Correio do Povo* (21/11/1999, p.7):

“*Aqui são outros 500*” o projeto para  
“*homenagear o passado brasileiro, levando em conta  
a cultura dos índios e dos negros, além das  
imigrações alemã e italiana, fundamentais para a  
formação econômica e cultural do RS*”.

A exclusão dos portugueses é, na verdade, uma substituição leviana de Marx por Freud.

### Para terminar

Mais do que nunca a proposta metodológica de **Souza Doca** é contemporânea. Das histórias e dos espaços parciais é necessário compreender, mas não a história fragmentada. Fundamentalmente - nos tempos pós-modernos - importa e tem significado a história das relações internacionais e de suas consequências ou resistências locais/regionais, isto é a geopolítica ou se preferirmos, a geografia política, nas suas diferentes escalas.

É evidente a aproximação da proposta de **Souza Docca** com **Milton Santos** quanto a questão regional, para o qual “ *a cada momento histórico o que se convencionou chamar de região,... é um subespaço do espaço nacional total...*” (Ob.cit, 1985,p.67)

O Brasil não é inércia, esta idealista razão da direita e da extrema esquerda que parasitam a fragmentação.

A sociedade não admite a inércia e é por esta negação que faz história.

Designo de inércia os momentos em que algumas partes ou em todo o território, as elites se envolvem com as crises paralizantes do mundo num ambiente de perplexidades ou fatalismo.

O repouso não é um fato geográfico. Pelo contrário, a estagnação ou inércia de uma parte determina movimentos complexos que fazem superar as inércias. A esses movimentos luminosos de superação designo de projetos.

O Rio Grande do Sul é simultaneamente local (regional) e global na sua história e na construção e uso de seu território.

A autonomia do Rio Grande do Sul foi e é relativa, pois o espaço geográfico se constrói através das instituições criadas pelas necessidades da Nação e de suas relações com o global, em cada momento da História, como já mostrava **Alexandre de Gusmão** durante as negociações do Tratado de Madri.

Rio Grande do Sul não é uma parte, é o Brasil: o espaço da nação brasileira, árdua e dolorosamente construído e delimitado.

Sem qualquer ufanismo, considerando as humilhantes e brutais disparidades e desigualdades; a escandalosa distribuição de renda, do desemprego crescente e seletivo, do monumental analfabetismo, a sociedade - conflituosa é verdade - se movimenta.

É a este movimento que **Raymond Pébayle** designa como título de um de seus belos livros “ *Os brasileiros, pioneiros e construtores*”. É assim o movimento da sociedade brasileira.

O Brasil é **projeto**, entendido como continuidade e transformações históricas e espaciais, tal como foi claramente percebido pelos fundadores deste Instituto em 1920, onde a unidade nacional, a construção da Nação, explicitada no discurso ideológico, se transforma em ação a partir de 1930.

A saída da inércia exige, das elites e das massas, uma vigorosa defesa da Nação que há 500 anos está sendo construída e cujo resultado é este original e singular espaço geográfico que se chama Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correa de. **Raízes do separatismo no Brasil**. Editora Universitária da UFPE. Recife. 1997.
- BARK, William Carroll. **Origens da Idade Média**. Zahar Editores. Rio de Janeiro.1974.
- BECKER, Bertha (e) EGLER, Cláudio A.G. **Brasil nova potência regional na economia-mundo**. Bertran Brasil. Rio de Janeiro. 1994 (2ª edição).
- BLIJ, H.J de (e) MULLER, Peter O. **Geography realms regions and concepts**. John Willhey & Sons. 1997, p.253.
- BONIFACE, Pascal. **Danger! Proliferation étatique**. Le Monde Diplomatique. Paris. Janeiro, 1999, p.32.
- CALÓGERAS, Pandiá. J. **A política Exterior do Império**. Câmara dos Deputados/Fundação Alexandre de Gusmão/Cia Editora Nacional. Brasília. 1989, Vol.I e II.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Cultrix. São Paulo. 1993, p.21.
- CARVALHO, Carlos Delgado de. **História diplomática do Brasil**. Senado Federal. Brasília.1998. Edição fac-similar.
- CASTROGIONANI, Antônio Carlos et alli.. **Geografia em sala de aula**. AGB. Seção Porto Alegre, 1998.
- CHAMBAZ, Bernard. **Quand le bac sacrifie l'histoire**. Le Monde Diplomatique. Paris. September, 1999, p.32.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Editora da UFSC. Florianópolis.1999.
- CONNOR, STEVEN. **Cultura Pós-Moderna**. Edições Loyola. São Paulo, 1992.
- CORTESÃO, Jaime. **Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madid**. Revista de História (17), 1954.
- DOCCA, Saouza. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Ano I, 1º Trimestre. Porto Alegre. 1921.p.133.
- ECCO, Umberto. **Viagem na irre realidade cotiniana**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1987.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. Formação do patronato brasileiro. Edit. Globo. Porto Alegre.1985.
- FORTES, Borges. **Casaes**. Edição Centenário Farroupilha. Porto Alegre. 1932.
- FREITAS, Décio. **O desfalecido orgulho gaúcho**. In. Nós os Gaúchos. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1992.
- FURTADO, Celso. **Brasil a construção interrompida**. Paz e Terra. Rio de Janeiro.1992.
- FURTADO, Celso. **O longo amanhecer**. Reflexões sobre a formação do Brasil. Paz e Terra. Rio de Janeiro.1999.
- GOYTISOLO, Juan (e) GRASS, Günter **Mondialisation, misère sociale, racisme, nacionalismes. Que peut la littérature ?** (Conversação).Le Monde Diplomatique. Novembro, 1999, p.28-29.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Livraria José Olympio. Rio de Janeiro.1968.
- HUGHES, Robert. **Culture of complaint**.The fraying of America.Warner Books edit. New York. 1993.
- HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações**. Objetiva. Rio de Janeiro.1997.
- HUNTINGTON, Samuel P. **The Erosion of American National Interests**. Foreign Affairs, vol.76 (5). September/October, 1997, p. 28-49.
- KAERCHER, André Nestor. **Separatismo: autonomia x autoritarismo ou através da fala dos adolescentes questionamos o senso comum**. In CASTROGIOVANI. Antônio Carlos et alli. **Geografia em Sala de Aula**. AGB, Seção Porto Alegre.1998, p.81 a91.
- LASCH, Christopher. **A rebelião das elites e traição da democracia**. Ediouro. Rio de Janeiro. 1995.
- MARTINS, Carlos Estevam. **Capitalismo de Estado e modelo político no Brasil**. Edições Graal. Rio de Janeiro. 1977.
- MAYA, Alcides. **O Rio Grande independente**. Typographia da Agencia Literaria. Porto Alegre. 1898.
- MOLON, Newton Duarte. **Colapso da União. Separatismo no Brasil**. Pensieri. São Paulo.1994.
- OLIVEIRA, Sérgio Alves de. **Independência do Sul**. Martins Editor. Porto Alegre.1986.
- PÉBAYLE, Raymond. **Les brésiliens pionniers et bâtisseurs**. Flammarion. Paris.1989.
- PRADO Jr. Caio. **Evolução política do Brasil e outros estudos**. Brasiliense. São Paulo.1957.
- PRADO Jr. Caio. **A revolução Brasileira**.Brasiliense. São Paulo.1966
- PRADO Jr. Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**.Brasiliense. São Paulo.1976
- PRADO Jr. Caio. **História econômica do Brasil**. Brasiliense. São Paulo. 1970.
- RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema**.Francisco Alves. Rio de Janeiro.1995.
- RORTY, Richard. **Para realizar a América**. DP&A Editores.Rio de Janeiro.1999.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. HUCITEC. São Paulo.1996.
- SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. Nobel. São Paulo.1985.
- SARTRE, Jean Paul. **Questão de método**. Difusão Européia do Livro.São Paulo.1966.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A revolução burguesa no Brasil**. Novos Rumos, 4 (14). São Paulo. 1989.
- TOURRAINE, Alain. **Riscos do pensamento único**. Folha de São Paulo. São Paulo (18/02/1996).
- UNGER, Roberto Mangabeira. **A segunda via: presente e futuro do Brasil**. CartaCapital. Carta Editora. São Paulo. 1999.
- VALLADÃO, Alfredo. **Le métissage como identité**. Projet. Paris, dezembro, 1996.

Arquivo Athos Damasceno Ferreira<sup>59</sup>

Apontamentos para a História de Porto Alegre

Fonte: Jornal Correio do Sul. 1852-1855-1857

1852

CORREIO DO SUL - Jornal diário - Dado à publicidade a 1º de Outubro de 1852  
Redação: Rua da Praia nº 26 - Assinatura: ano 12\$000, semestre 7\$000 - Sucedeu ao Correio de Porto Alegre, de cujos compromissos assumiu a responsabilidade - Era editor do jornal: J. B. da Silva Brasil.

INDUMENTÁRIA - Filipe Bohrer era estabelecido com Sapataria à Rua da Praia nº 97, Bom calçado, tanto para homens quanto para mulheres e crianças.

REMÉDIOS - À Rua de Bragança<sup>60</sup> nº 40 encontravam-se as milagrosas Pilulas da Família - Um porrete prá tudo quanto era doença !!!

DIVERTIMENTOS PÚBLICOS - Na Rua de Caxias, (hoje Av. Getúlio Vargas - [Bairro] Menino Deus) se realizavam carreiras. Esse divertimento não tinha lugar nem com frequência nem com regularidade. Acontecia, às vezes. - Em 1852, houve ali carreira muito movimentada entre os cavalos Garça e Boi - este de Pedras Brancas<sup>61</sup> e aquele de P. Alegre. - Corno sempre, houve mau jogo: Afinal- ganhou o Garça.

SAÚDE PÚBLICA = Além da tuberculose, era a Disenteria a moléstia que produzia maiores estragos na população; - (consultar Dreys, Saint-Hilaire etc., sobre alimentação) Em 1852 reuniu-se na cidade a Sociedade Médico-Farmacêutica aqui existente para discutir: 1º Quais as causas da disenteria então grassante e o seu tratamento mais adequado. 2º - análise das águas potáveis - 3º descrição das propriedades físicas, químicas e medicamentosas da Japecanga- J. M. Domingues era o secretário da Sociedade.

INSTRUÇÃO - Por falta de verbas, foram sobrestadas em 1852 as obras do Liceu D. Afonso. A construção fora orçada em 27:000\$000.

MUNDANISMO - a 13 DE Novembro realiza-se na Soirée Porto Alegrense

---

<sup>59</sup> Estes apontamentos de Athos Damasceno Ferreira estão datilografados. Athos tinha por hábito lançar em cadernos estes apontamentos. No acervo desse consócio, abrigado no IHGRGS, existem vários cadernos manuscritos com notas diversas de levantamentos realizados em periódicos e de que ele se utilizou para escrever os seus livros.

<sup>60</sup> Rua Marechal Floriano Peixoto

<sup>61</sup> Guaíba / RS

brilhante reunião. Antônio José Pedroso era o Secretário da Sociedade. Vide data fundação, Est.

**ILUMINAÇÃO** - Do relatório do Luiz Alves Leito de Oliveira Belo - vice-presidente da Província, 1852 - "Foi contratada a iluminação desta capital e das cidades de Rio Grande, Pelotas o Rio Pardo – únicas que a tem - (a iluminação era à azeite...) – Entretanto: "Tendo-se proposto o arrematante da iluminação desta capital – José Antonio Rodrigues Ferreira – a faze-la por meio do gás hidrogênio líquido, depois de algumas experiências em que se verificou a grande superioridade da luz do gás sobre a do azeite, não hesitei em contratar com ele essa iluminação pelo prazo de três anos, à contar de 1º de Janeiro de 1853, devendo começar a substituir os lampiões desde já, à proporção que se forem aprontando os novos, de maneira que naquela data sejam todos acendidos a gás. – Acrescentaram-se lampiões em algumas ruas que se têm aberto de novo, ou tornado transitáveis, como as descidas da Rua de Bragança e travessa da Rua do Poço<sup>62</sup>, a Rua da Figueira<sup>63</sup> e a da Margem<sup>64</sup> até a Fonte. O preço de cada lampião a gás é de 6\$700, por mês, somente 620 réis mais do preço de cada lampião a azeite". A proposta ficava sujeita à aprovação da Assembléia [Legislativa].

**RELIGIÃO** – Trecho do relatório do vice-presidente da Província – 1852: "Há mais falta de Igrejas nas povoações da Província. Em algumas destas, aliás bem importantes pela sua população e riqueza, nem a Matriz existe, e são celebrados os Ofícios Divinos em casas particulares ou Oratórios, sem a decência e o decoro indispensáveis ao culto da Divindade."

**CULTURA** - A 13 do Novembro de 1852, instala-se na casa de moradia do Dr. Cyro José Pedrosa uma sociedade que tinha por objeto organizar um gabinete de leitura nesta cidade. Foram eleitos para dirigi-la os seguintes srs.

Presidente: dr. Martiniano M. de S. e Oliveira Fogaça

1º Secretário: dr. Inácio Manoel Domingues

2º Secretário: dr. Tomaz Lourenço de Campos

Tesoureiro: Luiz Candido Gomes

Bibliotecário: dr. Cyro José Pedrosa

Informa o Correio do Sul: "Na ocasião mesmo de sua instalação foi obsequiada a nova sociedade com mais de 80 volumes sobre diferentes obras. Seria para desejar que essa louvável instituição alcançasse da briosa população de Porto Alegre toda a proteção de que se faz credora."

**BARBEIRO** – João José Maxado Mattos – Rua da Praia nº 169. Em frente à Tesouraria.

---

<sup>62</sup> Rua Jerônimo Coelho

<sup>63</sup> Rua Coronel Genuíno

<sup>64</sup> Rua João Alfredo

## REMÉDIOS -

BIXAS!!! – Na Rua da Praia nº 137, entre Arroio e Clara, casa do calista Felizardo, vendiam-se e aplicavam-se, pelo preço de 400 e 320 réis, e a qualquer hora do dia ou da noite – BOAS E LEGÍTIMAS BIXAS DA EUROPA!

Também na Rua da Praia nº 180, havia um Depósito de bixas européias, da mais superior qualidade, as quais se vendiam em porções e a varejo, aplicando-se ainda a qualquer hora e por preço muito cômodo. O depósito era de propriedade da firma Ferreira & Cunha.

REMÉDIO – Quem quisesse ficar radicalmente curado de sardas e outras manchas da pele e recuperar uma cutis delicada, nada a mais tinha a fazer do que usar o famoso

LICOR ESTERLINO.

No largo do Paraíso nº 48 – Casa do costume – esse infalível cosmético era vendido à razão de 1.500 o vidro.

BARBEIROS – Os barbeiros só mais tarde hão de ganhar alguma importância. A princípio, não a tinham. Barbeiros, dando tosa e escanhoamento, vendia sanguessugas e... bilhetes de loteria. Dois deles: João Antônio Gonçalves Franco – Rua de Bragança, 74 – entre a Rua da Praia e a Praça do Paraíso – Justino José da Silva: Rua da Praia 166, em frente ao “mercantil”.

INSTRUÇÃO – O professor João Francisco Pereira Soares principia a lecionar o latim, francês e inglês em sua aula de Instrução Elementar, à Rua da Ponte 173.

COMIDAS – Na rua Nova existia o CAFÉ PORTOALEGRENSE. Seria bem freqüentado? A gente, que ali se reunia, era gente distinta? Ou era a ralé que, entre dois goles do saboroso caldo, enfiava a sua mal cheirosa lambisóla? Não sei. Não me foi possível apurar nada a respeito. Sei apenas que, para maior movimento da copa, ali também se vendiam bilhetes de loteria e... artigos outros muito relacionados com... a Sorte!...

BARBEIROS – Muitas barbearias ou Lojas de Barbeiro funcionavam na Rua da Praia. Havia uma, por exemplo, defronte à Tipografia do Correio do Sul. E mais outras na mesma rua nº 180 – perto da casa de Pacheco & Assis. Todos eles vendiam bilhetes de loteria e miudezas, sobretudo pentes, cosméticos, perfumes, medicamentos para pele, etc.

MUNDANISMO

SOCIABILIDADE

OFICIALISMO - BAILE – Anteontem (29/12/1852) houve lugar o sarau com que Sua Excia. o Sr. Presidente da Província foi obsequiado em nome da população de Porto Alegre, por uma reunião de pessoas gradas e distintas, que quiseram demonstrar o seu apreço pelas qualidades que adornam o caráter do nobre administrador da Província. Uma comissão composta dos srs. Dr. Oliveira Belo, General Bittencourt e Barão de Gravataí apresentou ao Exmo. sr. Presidente o convite no dia 27 e S.Exa. dignou-se aceitá-lo com a maior cortesia e urbanidade. O



baile começou às 9 horas da noite, que foi a da chegada do Exmo. Dr. Cansanção, terminando às três da madrugada, muito depois de S.Exa. se ter retirado. O exmo. sr. Comandante das Armas, com o seu estado-maior, o sr. Comandante da Guarnição e sua oficialidade, dr. Chefe de Polícia, Juizes de Direito, do crime e cível, oficiais gerais e superiores, reformados e avulsos, empregados públicos e comerciantes nacionais e estrangeiros, constituíam uma brilhante e seleta concorrência, digna do objeto que a havia reunido. Dizer que o belo sexo era lindo, numeroso e elegante, seria repetir uma banalidade para todos aqueles que têm a fortuna de conhecer o nosso belo Porto Alegre – esta terra feliz onde o sol faz desabrochar as flores mais formosas e as jovens mais dignas dessas flores. A música, bem como o serviço, não deixaram a desejar coisa alguma, e completaram os prazeres dessa noite de doces e meigas impressões.

ESCOLA MILITAR – Criada por decreto do Governo Imperial a Escola Militar da Província do Rio Grande do Sul, - aqui se discute com paixão e veemência sobre qual deveria ser a sua localização. Parece que havia promessa de Caxias (ainda Marquês) de conseguir sua instalação em Rio Pardo – entretanto, forte corrente de opinião pendia para Porto Alegre. O Correio do Sul, formando ao lado dessa corrente, lançou o seguinte editorial, em seu nº 65, de 31/12/1852: “Uma correspondência que hoje publicamos lamenta com singular amargura que a Escola Militar mandada criar nesta Província não seja colocada em Rio Prado, quando isto era ponto decidido. Nem sabemos de nenhum ato do Governo que autorize aquela suposição. Que o sr. General Marquês de Caxias era dessa opinião, e que a tem advogado perante o ministério, isso sabemos nós; porém que os esforços do digno general tenham conseguido os seus fins, nada há que no-lo possa indicar. Assim, as lamentações do nosso correspondente são, quando menos, muito prematuras; pois que nenhum indício temos ainda de colocação final da referida Escola. Convirá, porém, que seja escolhido Rio Pardo para lhe servir de sede? Eis o que duvidamos nós. Argumenta-se com a decadência de Rio Pardo, com as vantagens que pode colher com a presença da Escola Militar, com os antecedentes bélicos de sua população, e com o número de generais distintos e de heróica soldadesca que têm dado às glórias da Nação. Porém, concedendo valor a semelhantes argumentos, nenhum prova que a Escola Militar ganhe tanto em ser colocada em Rio Pardo, com o Rio Pardo a possuir a Escola. No entanto, esta é a face da questão que preferentemente cumpre averiguar. Os altos poderes do Estado não quiseram fornecer um tônico que restaurasse as forças combalidas de Rio Pardo. Quiseram organizar uma aula que fornecesse ao nosso valente exército tanta instrução e conhecimento que lhe sobra em galhardia. A esse fim primordial é portanto subordinar todas as demais considerações, e sinceramente confessamos que não nos parece que Rio Pardo possa convenientemente preenche-lo. A instrução não nasce unicamente das frias preleções dos bancos. As lições de um lente são para logo esquecidas, se um campo mais vasto não excita a discuti-las, e não as esclarece e sanciona pelo choque de outras luzes, e o contato de uma sociedade mais adiantada e mais culta. O Rio Prado, desgraçadamente, não pode proporcionar tais elementos. A sua posição central, a sua falta de população de comércio, de navegação, lhe negam esta qualidade essencial para a colocação da Escola, e até certo ponto não só



neutralizariam os progressos desta, como até poderiam atrasá-la. Por outra parte, a economia e as facilidades da vida são outras das condições indispensáveis para a colocação da Escola. E Rio Pardo não pode garanti-las. A sua população é muito acanhada, o seu recinto muito estreito, para que o súbito acréscimo da população flutuante, pela concorrência que chamaria a Escola não elevasse os preços de todos os artigos de primeira necessidade, tornando o passadio mais dispendioso e difícil. Qual seria entretanto o resultado? A diminuição da concorrência à Escola, na proporção da dificuldade de manter-se nela; e consequentemente a inutilização desse magro benefício outorgado à mocidade estudiosa do Rio Grande. A par desses inconvenientes para a Escola, vejamos quais seriam as vantagens que a recolheria Rio Prado de a possuir no seu grêmio. Quando muito o consumo de mais cem ou duzentos indivíduos, forçosamente escassos e parcimoniosos. Por de pronto o seu comércio de retalhos, e algumas dessas pequeninas e obscuras indústrias domésticas que vivem às expensas do celibatário, teriam um aumento que os alucinaria e que aumentaria o bem estar de uma até duas ou mesmo três dúzias de pessoas. Porém, a pouco e pouco, esse progresso recairia em suas condições normais e nem mesmo esse pequeno círculo realizaria as brilhantes perspectivas que se lhes autilham [sic] à imaginação. O Rio Pardo se acha de fato numa situação tão precária quão melindrosa, e reclama com instância a assistência e zelo da administração. Tem jus a ela como membro da comunidade brasileira; e como membro de antigos méritos e de serviços recentes e valiosos. Porém para que a ação administrativa pudesse ser eficaz e realmente benéfica era preciso aproveitá-la para criar a indústria que não tem Rio Prado para lhe fornecer os meios de aumentar a sua produção agrícola, difundindo pela população os hábitos de um trabalho permanente e lucrativo. O Rio Pardo, retalhado em pequenas propriedades, em sua maior extensão, tem querido, não obstante, conservar-se fiel às tradições de seu passado. Não podendo, porém, criar em grande escala, aplicou-se ao mister de carreteiro, e quase todo o município, não vive de outra indústria que de fazer transportes... Essa indústria negativa é que faz a sua ruína, e enquanto se lhe conservar constante, não vemos como possa levantar-se do abatimento em que jaz. Assim, pois, que as principais influências de Rio Pardo tomem a iniciativa, que estudem os meios de fazer nascer nas suas férteis campinas uma indústria viva e produtiva, e que ninguém, então, o apoio da administração [sic].

1855

junho a novembro

COMIDAS – Em junho inaugura-se na Rua da Praia nº 409 o Hotel Drugg, de Pedro Drugg. O edifício onde se achava instalado era a elegante propriedade de dois andares do sr. comendador Ferreira Porto. O hoteleiro Drugg, já bastante conhecido da cidade, pois já havia alguns anos aqui exercia a sua profissão – informava que o seu estabelecimento dispunha de todas as comodidades e recreio, assim para hóspedes como para pensionistas de mesa e outros fregueses. E que a elegância do edifício reunia o asseio e a variedade de comidas. (junho a novembro 1855)

CULTURA – Na livraria existente à Rua da Praia nº 218 encontravam-se à venda as seguintes obras, entre outras:

Paraíso Brasileiro

A Constituição do Império

Guia dos Fazendeiros

Dicionário do Bom Gosto

Guia dos Namorados

Guia Homeopático

Pedro Cem

Astúcia de Bertoldo

E as *Horas Marianas*, ricamente encadernadas em veludo de cores e dourados...

MÚSICA – Para a segunda edição de P.S. e P., em Porto Alegre: Achille Malavasi, professor de flauta, aqui realizou em junho um sarau músico e dançante. Pela imprensa agradeceu muito aos dignos professores, seus ilustres colegas, o concurso que lhe prestaram, bem como às pessoas que concorreram para o brilhantismo de sua festa. Terminava pedindo às pessoas que por inadvertência haviam demorado na remessa de suas oblações para o custeio do concerto, que se servissem fazê-lo com brevidade, enviando-as à Rua da Igreja, n. 149 – sua residência.

INSTRUÇÃO – Funciona à rua do Rosário nº 26 o Colégio de Instrução Secundária do Professor Carlos Hoeper.

MÉDICOS, CIRURGIÕES, BOTICÁRIOS E DROGUISTAS... (só em Porto Alegre)

De acordo com edital da Comissão de Higiene da Província, acham-se habilitados, em 1855, para exercer a sua profissão os seguintes cidadãos:

MÉDICOS: dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, dr. José João de Araújo Lima, dr. Tomaz Lourenço de Carvalho Campos, dr. João Pires Farcinha, dr. José Bernardino da Cunha Bitencourt, dr. Cyrio José Pedrosa, dr. Luiz da Silva Flores, dr. Manoel José de Campos, dr. Baltazar Pereira Guedes, dr. Ernesto Ricardo Heizelmann, dr. Jerônimo da Cunha Galvão, dr. Fidêncio Nepomuceno Prates, dr. José Ilha Nogueira da Silva.

CIRURGIÕES: Ignácio Manoel Domingues, Antonio José de Moraes, José das Dores Siqueira Rovisco, Domingos Gonçalves Ramos, Porfírio Joaquim de Macedo, Cristóvão José Vieira, José Alves Cunha.

BOTICÁRIOS: Victor José da Silva, Vasco Antonio de Medeiros, Antonio Simões Pereira, Adolfo Covnetet, Firmiano Antonio de Araújo, André Jesuino de Oliveira Barros, Feliciano Antonio de Castro, Luiz Afonso de Azambuja, João Nepomuceno das Chagas, Laurindo José de Siqueira, Francisco José de Oliveira Figueiredo, Francisco de Paulo Cezimbra Moura, Luiz Antonio de Medeiros.

DROGUISTAS: Omar Lafourcade, Nicolau Rato, Francisco José Belo, José Pinto da Fonseca Guimarães, Clarice Marvel Vicente Porto, Ângelo Henrique da Silva, Joaquim José Ferreira Barbosa, Pinto do Valle.

FABRICANTES: Ângelo Henrique da Silva, Paulo Cartier, Pedro Fontaine, Joaquim Manoel Ferreira, Frederico Knops &...

REMÉDIOS – Dois grandes preparados em voga:  
Salsa Parrilha de Bristol e Xarope do Bosque

MÓVEIS E UTENSÍLIOS – No armazém de Frederico Bier, à Rua Nova da Praia<sup>65</sup>, nº 12, havia para vender cadeiras hamburguezas, assento de palhinha, ditas americanas de palhinha e pau, relógios americanos com corda para 8 dias, [...] americanos. E ainda vinhos de Bordeaux, champanha, pianos de armário e de mesa, etc.

INDUMENTÁRIAS – D. Simpliciana Rosa de Vera-Cruz, já a muito conhecida pelas difíceis obras de fio de ouro que fazia, informava aos interessados que continuava à disposição de seus fregueses, principalmente militares, podendo ser encontrada em sua residência à Rua do Rosário, ou na firma Palhares & cia., Sirgueiras [sic].

INSTRUÇÃO – Existe aqui o Colégio São João – dirigido pelo professor João Francisco Pereira Gomes.

INDUMENTÁRIA – Muito em voga na cidade os tecidos escoceses. Na loja de Pacífico José de Menezes, à Rua da Praia 225, havia grande sortimento de Mantas à Varsóvia, para saída de bailes e teatros.

FOGOS DE ARTIFÍCIO – Para as noites de São João, Santo Antônio, São Pedro e outros – havia na Loja de Muidezas, à Rua da Praia nº 251 – enorme sortimento de fogos como: Pistolões de lágrimas (de 1 à 8), rodinhas, foguetinhos, bombas, bicha de crina, etc.

REMÉDIOS – O unguento de Holloway – curava pronta e radicalmente as seguintes enfermidades: caimbra, calos, cancro, escrúpulos, erupções escorbúticas, feridas incisais, fístulas, frio nas extremidades, gota, inchaços, queimaduras, reumatismo. E ainda – moléstias das pernas, dos peitos e dos olhos!...

INDUMENTÁRIA – Na loja de fazendas, miudezas e perfumarias, de Antonio José Pereira Júnior, à Rua da Praia nº 206, a freguesia podia encontrar: casimira, fustão, gorgorão, cortes de cetim branco para coletes de homens, cambraia e Irlanda de linho, lenços pretos de gorgorão, cortes de coletes de casimira, bengalas, escovas de dentes, cortes de vestidos de bereje – Rainha das Flores – ricas bocetas de búfalo, etc. E, sobretudo, os conhecidos e apreciados extratos: Fantasia de d. Francisca e Capricho de d. Januária...

INDUMENTÁRIA – Antonio de Magalhães Freitas, estabelecido em loja de alfaiate, na Rua da Praia nº 431, anunciava um rico sortimento d'obras feitas de todas as qualidades e gostos. Tinha ainda em estoque excelentes fazendas como casimiras, linhos, etc. (ver anúncio ilustrado – Correio do Sul nº 204)

---

<sup>65</sup> Rua Sete de Setembro

COMIDAS – Em julho, João Baptista Bluigini, aqui muito conhecido, instala o Café da Fama, à Rua Nova nº 40. Servia, com o máximo asseio – café, chá, chocolate, gemadas, refrescos, licores, vinhos, etc. E, aos sábados e domingos, preparava excelente empadinhas quentes, que eram um regalo. A imprensa, noticiando a inauguração do Café – disse o seguinte: “Um novo estabelecimento de conforto e recreio acaba de ser aberto nesta cidade, sob os auspícios e direção do infatigável Bluigini. Repetir esse nome é dizer que o novo Café da Fama merece bem a clientela a que aspira, pela conveniência do local, pela propriedade do serviço e pela decência e bom gosto que reina nele. O Hotel Drugg tinha vindo despertar a saudável emalação [sic] do do Comércio, para preencher uma lacuna que era já sensível na cidade que vai tendo tanta novidade como a nossa. Faltava-lhe porém um café-bilhar digno deste nome, onde certas classes da sociedade pudessem achar algumas horas de solaz e conchego, sem arriscar-se a emparelhar com uma reunião menos digna de si e de sua educação e estilo. O sr. Bluigini teve a boa inspiração de acudir a esta conveniência pública, pela criação do seu estabelecimento. E realmente quanto se pode julgar do futuro pelo presente, o Café da Fama preencherá muito satisfatoriamente o seu objetivo.”

INSTRUÇÃO – O Colégio São João, à Rua da Ponte nº 237, era, como se sabe, dirigido pelo professor João Francisco Pereira Gomes. Dividia-se em dois: Inst. Primário e Secundário. Além do diretor, compunham o corpo discente os seguintes professores: João Marques de Azambuja Pradel, Albino Gomes Neto, Francisco de Paula Soares, Carlos Jansen, Joaquim José Gonçalves Benjamin e Francisco Ther.

MATÉRIAS: Primeiras letras, Aritmética elementar, prática e teoria, Escrituração e prática mercantil, francês, alemão, Latim, Desenho e Doutrina Cristã.

Professores residentes: O diretor e o vice A. G. Neto. Médico do estabelecimento: dr. Manoel José de Campos. Internato, meio-internato e Externato.

| Primário                      | Secundário             |
|-------------------------------|------------------------|
| pensionistas...25\$000 p. mês | pensionistas...32\$000 |
| meio-ditos.....12\$000 p. mês | meio-ditos.....16\$000 |
| Externos.....25\$000 p. mês   | Externos.....8\$000    |

ALMANAQUE – Raimundo Moraes da Motta, proprietário da Litografia Imperial, lança, em agosto, 1855, O Almanach Rio-Grandense do Motta – para 56 – anuncia que a sua publicação é em português e alemão e que vem suprir uma lacuna – Terá sido esse o primeiro almanaque rio-grandense? Verificar.

INDUMENTÁRIA – Na loja de G. M. de Oliveira, à Rua de Bragança nº 110, vendiam-se: camisas de cassa [sic] bordada, cortes de lã, chitas barradas, vestidos de garça para bailes e... Chapéus à Carijó!!!

INDUMENTÁRIA – Chapéus de extraordinário e variado gosto encontravam-se na Chapalaria de Deniz Leirand, à Rua da Praia nº 202. Era francês?

INDUMENTÁRIA – Além das famosas luvas Jouben, aqui se usaram luvas de seda de todas as cores (1\$000 o par) – para senhoras e meninas. Também luvas bordadas e rendadas.

INDUMENTÁRIA – Joaquim Palassim, alfaiate francês, estabelecido de frente à Alfândega, participava à sua freguesia ter recebido em direitura de Paris, tudo quanto havia de mais moderno em *toilete* masculina: casimiras, pano, cortes de colete de veludo e seda, botões de todas as cores, artigos moderníssimos para bailes e *soirées*, caça e viagens. Tudo era de Paris. E seus ofícios eram hábeis e de primeiro mérito!...

MÚSICA – A artista lírica italiana d. Tereza Questa de Rondelli, que aqui atuou em mais oportunidades, acabou fixando residência em Porto Alegre e dando lições de piano e canto. Residia à Rua da Ponte nº 216 e cobrava os seguintes preços.

Por mês

Piano..... 10\$000

Canto..... 12\$000

P. e Canto..... 16\$000

INSTRUÇÃO – O professor José Joaquim de Campos Leão – pertencente ao corpo docente do Colégio União (novo) – oferecia-se para lecionar particularmente – gramática da língua nacional

SOCIABILIDADE E CIVISMO – A sociedade bailante *Soirée-Porto Alegrense*, o mais prestigioso grêmio mundano de então, somava às suas atividades recreativas as preocupações de natureza cívica. Em agosto de 1855, reunindo-se a sua diretoria, ficou deliberado a criação de uma entidade constituída não só de elementos da *soirée* como também de outras sociedades interessadas para o fim de, permanentemente, promover, organizar e realizar festividades patrióticas, especialmente as que estivessem ligadas aos fatos culminantes da nossa história. O 7 de Setembro, por exemplo, seria uma das datas visadas, e, ao tomar-se essa resolução logo aderiram à idéia muitos elementos da escól porto-alegrense, destacando-se entre eles, oficiais e alunos da Escola Militar da Província – O projeto teve logo a aprovação do Presidente do Rio Grande, bem como de todas as autoridades que prestigiaram a iniciativa, apoiando-a sem reservas. A sociedade recebeu o nome de “7 de Setembro”.

CULTURA – Dela Rue & Kaiser, livreiros, estabelecidos à Rua da Praia nº 218, anunciavam livros científicos – entre estes a Aritmética, Álgebra e Geometria, de Ottoni.

REMÉDIOS – Para tosse, asma, coqueluche e outras doença do peito não havia coisa melhor do que o XAROPE PEITORAL BALSÂMICO (de Carlos) na opinião, está claro, dos seus fabricantes...

REMÉDIOS – Para sardas e limpeza da *cútis* das senhoras LICOR DAS BELLAS

COMIDAS – Excelente pão de milho, com mais farinha do que os pães de milho geralmente vendidos na praça, só a encontrava com garantia, no Mercado Público, portão fronteiro à Praça do Paraíso. Tratar com Simião da Cunha Brochado. Até as 8 horas este pão ficava à venda. Era superior aos demais, tanto no gosto como no tamanho. E feito com a máxima limpeza!

MÚSICA – CULTURA – Conforme nota por mim publicada em Palco, Salão e Picadeiro a Litografia Imperial deu início em 1855, à publicação de um álbum musical. De parceria com o professor Carlos Bernardino de Barros, o proprietário da referida litografia Raymundo Alvares da Motta lançou-se mesmo à arriscada empresa. Aparecia Bernardino como editor e Raymundo como seu impressor. Intitulava-se o álbum: A ESTRELLA DO SUL. No “Correio do Sul”, lê-se o seguinte à mão:

#### A ESTRELLA DO SUL

Publicação musical rio-grandense de clássicos autores para Picho e piano e canto, pelos empresários Barros e Motta. Publicada na Imperial Litografia do Motta. 47 – Rua do Ouvidor – 47.

Subscreve-se nesta mesma litografia e em casa dos srs. Luiz Afonso de Azambuja & Cia. – Praça do Paraíso nº 13 – Joaquim Alves Leite – Rua da Praia nº 210. Em cujas casas acha-se a indicação dos preços e tempo determinado para os senhores que quiserem assinar. Editor: Prof. de piano Carlos Bernardino de Barros.

IMPORTANTE: o primeiro número dessa publicação veio a lume a 7 de Setembro de 1855, em comemoração à data da Independência do Brasil. A propósito, o “Correio do Sul” publicou a seguinte notícia:

A ESTRELLA DO SUL: Os srs. Barros e Motta tiveram a bela lembrança de inaugurar no dia do aniversário da Independência política do Império a bela publicação musical a que deram o título que consagramos nós a esta notícia.

A primeira entrega consiste numa fantasia inglesa intitulada – Rússia – perfeita e nitidamente impressa em três papéis de formato grande e coberta em capa de papel de cor com um frontispício trabalhado que é sem dúvida a mais preciosa e perfeita obra de litografia que tenha visto a luz de Porto Alegre. Para a segunda entrega consta-nos estarem preparando os empresários – O Carnaval de Veneza – magnífica fantasia de H. M. Prenst, que ouvimos executar por madame Brillante tão primorosamente e que tão notáveis impressões legou aos amadores. Mais extensa que a Rússia, deverá abranger talvez mais do dobro de páginas que esta última. Vê-se, pois, que o sr. Barros escolhe com esmero a parte da publicação que lhe toca e que se esforça por levá-la num ponto em que o favor do público seja consequência forçada do merecimento. Porém se os seus conatos são verdadeiramente meritórios, os do sr. Motta, na execução litográfica, e do sr. Ben. seu hábil desenhador, na parte que lhes toca não são menos merecedores de elogios nem prometem menos feliz futuro à uma publicação que tão bem começa.

INDUMENTÁRIA – Na loja de Fazendas, Miudezas e Perfumarias de Antonio José Pereira Júnior, à Rua da Praia nº 205, havia o seguinte sortimento:

Ricos cortes de vestido de seda adamascada branco e de cores.  
Manteletes de seda de diferentes gostos  
Capinhas de seda modernas  
Ricos bandós de blond  
Chalés de bareje rainha das flores  
Cabeções bordados, talagarsa para bordar  
Jouvin – luvas de pelica  
Gravatas de seda de diversos gostos, ditas de cetim branco bordadas  
e lenços finíssimos [de] cambraia de seda nos quais se vê estampas a Exposição de Paris, o Sítio de Sebastopol, etc. etc.

INDUMENTÁRIA – Na loja de Manoel Leite Vieira Guimarães, à Rua da Praia nº 325, esquina Ouvidor – havia:

Cháles de retrós de cor bordados à imitação de manteletes  
Manteletes de filó de seda preta forrados de cor  
Chalés de merinó preto com barras de cor  
ditos de casimira de cores  
cortes de vestido de cassa [sic] branco adamascado e de cores, enfeitados para meninas  
camisinhas de cassa branca bordadas para senhoras  
Luvas de cetim branco e preto e de cores – homens e senhoras  
cortes de calças de casimira francesa de belos padrões  
ditos de linho e brim de cores  
casimiras pretas e de diversas qualidades  
merinós de cores, veludos verdes finos para colete  
gravatas e chapéus de merinó pretos finos  
ditas brancas de castor  
sobrecasacas de pano preto e de cor

CULTURA – Na livraria de De la Rue & Kaiser encontravam-se os seguintes livros:  
Histoire du Consulat et du l'Empire, de Thiers  
Geografie Universelle de tous les parties du Mond, de Malte-Brun  
Leçons de Literature et de Moral, de Noel et La Place, etc. etc.  
Também na mesma livraria – Lampeões de papel de várias cores muito própria para luminárias nos dias de festas nacionais.

SOCIEDADE – Havia aqui, em 1855, uma sociedade denominada BAGADUS. O que era? Que pretendia? De que gente de constituía? Verificar.

INDUMENTÁRIA – A loja de Antonio José Pereira Júnior – Rua da Praia nº 205 – dispunha de grande sortimento de chapéus pretos franceses modernos para homens, bem como luvas de pelica Jouvin e luvas brancas e pretas.



MÚSICA – Frederico Bier, estabelecido à Rua Nova da Praia<sup>66</sup> nº ..., vendia superiores pianos de mesa e de armário, entre os quais havia alguns de três cordas. Preços cômodos.

REMÉDIOS – BIXAS DE HAMBURGO de superior qualidade recentemente chagadas à esta cidade vendem-se e aplicam-se por preço muito razoável em casa de Antonio Teixeira Borges – Rua da Ponte<sup>67</sup> nº 228 – onde também se amola toda qualidade de instrumentos com perfeição e em muita conta.

INSTRUÇÃO – E havia na cidade o professor Telesino Justiniano de Castro que, em 1855, mudou a sua “eschola” de primeiras letras – da Rua da Ponte para a Rua Nova<sup>68</sup> - casa que serviu de Correio.

MÉDICO – O dr. José João de Araújo Lima, médico e cirurgião, oferecia seus préstimos à população. Residência: Rua da Igreja<sup>69</sup> nº 149  
Quer de noite, quer de dia,  
de frasco ou bistury,  
atendia a freguesia...

RAPÉ – O melhor rapé do mundo era o Princesa, preparado em Lisboa e aqui vendido. Muito melhor que o Areia Preta, fabricado na Bahia...

#### SOIRÉE PORTO ALEGRENSE

SOCIABILIDADE – A zelosa diretoria da Sociedade Bailante Soirée Porto-Alegrense, aproveitando uma vantajosa oferta do valorioso e hábil senhor Angel Cassapi, propõem-se a prosseguir e completar uma idéia que recordamos haver sido lembrada pela sua honrada antecessora sem ter podido conduzi-la a cabo. Trata-se de iluminar a gás de hidrogênio o magnífico salão da Sociedade por meio de um pequeno aparelho adrede preparado pelo sr. Cassapi, e cujo custo total, inclusive as despesas de colocação, bicos, etc., não passará de 2:800\$000 [dois contos e oitocentos mil réis] – moeda corrente. A Diretoria, para obter essa quantia que a Sociedade não tem em cofre disponível, convida a todos os seus sócios, quer acionistas, quer simples assinantes, para ajudarem-na com quota determinada a título de empréstimo; que se compromete a reembolsar com mais o juro anual de 9% com a economia resultante de substituição deste sistema ao de bugias atualmente usado. Como garantia da verdade e praticabilidade desse melhoramento, os círculos da diretoria, apresentam as assinaturas do sr. dr. José Alves Nogueira da Silva – presidente – Joaquim Maria de Azevedo Guerra – Secretário – Francisco Pacheco da Silva Leão – Tesoureiro – e José Leal de Azevedo – Procurador da Sociedade; pois que de certo pessoas de tanto crédito e responsabilidade não tomariam a peito o patrocínio de um projeto que não resumisse a sua evidente e grande utilidade muita segurança de plena e pronta validade. Sob este conceito, fazemos votos bem sinceros porque a boa vontade de os assinantes e acionistas corresponde ao apelo da honrada

---

<sup>66</sup> Rua Sete de Setembro

<sup>67</sup> Rua Riachuelo

<sup>68</sup> Rua Andrade Neves

<sup>69</sup> Rua Duque de Caxias



Diretoria da Soirée Porto-Alegrense, dando à sua associação a glória de ser a primeira que naturalize na Província, embora numa escala resumida, um melhoramento que tanto tem de progressivo e brilhante quanto de econômico e conveniente.

REMÉDIO – LICOR DE BELLAS – receita italiana. “Serve para tirar sardas do rosto e das mãos e quaisquer outras manchas, ajuntando à dose um pouco de sumo de limão e uma colher de chá com polvilho, torna-se muito eficaz para quem se acha queimado do sol e tiver a cutis áspera, lavando todo o rosto ficará em poucos dias com uma cor muito natural, observando o resguardo e o método na bula prescrito – vidro 1\$000 [mil réis]. Largo do Portão<sup>70</sup> n.º 327 – Farmácia”.

MÚSICA – Em novembro é publicado mais um número da Estrella do Sul, da parceria Barros & Motta, contendo a Canção da Cigana, da ópera de Verdi, “O Trovador”.

CULTURA – Em livraria existente da Rua da Praia n.º 229, havia os seguintes livros à venda:

Esteios poéticos-musicais  
Parafrase de artes plásticas  
Tratado de versificação portuguesa  
Metamorfoses, de Ovidio  
Memória, de Laforge  
e outros

INDUMENTÁRIA – Na loja de Domingos Gonçalves Martins da Silveira, à rua de Bragança<sup>71</sup> n.º 11, havia para vender: chapéus de seda pretos para homens, cascariha [sic] preta e de cores, cabeções de cassa e de filó bordados, camisinhas com mangas bordadas, saipa [sic] e nobreza de seda preta, peitos para camisas lisos e bordados, etc.

INDUMENTÁRIA – Na loja de Domingos Gonçalves [Martins da Silveira], atrás citado, havia ainda:  
cortes de vestido à mazurka, de tarlatana, em escosceces e garsa [sic] de seda.  
casimiras de cores à Leprandy (?)  
coletes de gorgorão bordados

MÚSICA – Segundo nota publicada no Correio do Sul, de 13 de novembro de 1855, e relativa a um festival realizado em favor de uma orfã recolhida à Casa de Caridade, ficava-se sabendo que a orquestra do Teatro D. Pedro II era formada dos seguintes músicos (mestres e professores):

Joaquim José de Mendanha  
Domingos José da Costa Pereira (regente da orquestra)

---

<sup>70</sup> Proximidades da atual Praça Conde de Porto Alegre

<sup>71</sup> Rua Marechal Floriano Peixoto

Antonio Joaquim de Souza  
Jerônimo Rodrigues Missel Júnior  
Antonio Fernandes Porto  
Antonio José Alves Braga  
João Cândido de Figueiredo  
João Alves de Almeida Couto  
Manoel Fernandes Porto  
Jacinto Francisco dos Santos  
Luiz Antonio Marajó  
João José da Silveira  
Antonio Luiz  
Bernardino Joaquim de Carvalho  
Feliciano José de Barros  
Lino Carvalho da Cunha e Silva  
José Urbano Gonçalves  
Justiniano José da Costa  
Antonio Luiz Pereira

nota: desconheço a data de formação desta orquestra, bem como a sua duração. Todavia, conforme outros esclarecimentos obtidos em diversas fontes, é possível informar que ela atuou durante 4 anos.

REMÉDIO – Além do Licor de Bellas, havia na época a famosa Água dos Amantes, preparado de José Paix y Bruguera – A virtuosíssima droga curava: toda e qualquer enfermidade da pele, como panos, sardas e espinhas. Fria, refrescava, tirava a pele farinhosa, abria lustro, e fazia desaparecer a cor trigueira... Curava também brotoejas, fazia desaparecer o ardor do sangue ao coçar-se a pele, e dava à cutis cores novas e saudáveis... Era também ótimo preservativo contra a sífilis, além de fazer desaparecer as marcas da bexiga. Curava ainda impingens. Garrafa 2\$000. Dava-se ao portador o dobro do preço se conseguisse provar que o medicamento não era eficaz...

CULTURA – O Liceu D. Afonso, estabelecimento de Instrução Secundária mais antigo da Capital, foi findado pela lei nº 52, de 26 de maio de 1846. Para um estudo consciencioso, neste setor, consultem-se os preciosos relatórios dos Governadores [sic] da Província.

TEATRO – Nota para ser acrescentada ao livro Palco, Salão e Picadeiro:

Conforme já se sabe, as obras do Teatro S. Pedro se arrastam com tanta lentidão, que surgiu a idéia de construir-se noutro local um teatro provisório, que lhe fizesse as vezes. Conforme também já se sabe, essa idéia foi abandonada. No Correio do Sul, de 13 de novembro de 1855, lê-se esta nota:

“Teatro. A Diretoria encarregada da construção do novo teatro desta capital tem resolvido pôr em arrematação a obra de carpinteiro e marceneiro do mesmo teatro. Os concorrentes podem dirigir as suas propostas em carta fechada até o dia 10 de dezembro próximo futuro ao sr. Manoel Domingues da Costa. Serão preferidos os

que oferecerem condições mais favoráveis de solidez, de preço e de tempo. As plantas e planos de obra podem ser vistos em casa do mesmo senhor”.

**MÚSICA** – A partir de novembro deste ano de 1855, o pianista Carlos Antonio de Barros passou a assinar-se Carlos Bernardino de Barros, adotando assim o nome de seu pai.

**ILUMINAÇÃO** – Porto Alegre, em 1855, era iluminada a gás hidrogênio. Disponha a cidade de 253 lâmpadas, sendo de 6\$700 o valor do gasto mensal de cada um.

**ÁGUA** – O Correio do Sul de 14 de novembro de 1855 (coleção do Fortini<sup>72</sup>) publica longo artigo de Angelo Cassapi que propusera ao Governo a organização de uma companhia para a exploração e fornecimento de água potável à cidade. Dado a importância do assunto e extensão do artigo, será este copiado à parte e anexado a este caderno.

**BEBIDAS** – No Café da Fama, além das iguarias já anunciadas, havia, todos os domingos e dias santos, das 6 da tarde às 9 horas da noite, excelentes refrescos gelados compostos das frutas mais agradáveis.

**DENTISTA** – Francisco Ventura Perfeito era também perfeito dentista. De regresso de Rio Grande e Pelotas achava-se pronto para colocar dentes, tanto em chapas de pressão como das singelas, podendo ser procurado diariamente em sua casa – Rua da Praia [nº] 160 ou Beco da Ópera<sup>73</sup> [nº] 41- Não só garantia a dentadura, como chumbava dentes com ouro ou mineral !!!

**TEATRO** – Nota a ser acrescentada ao Palco, Salão e Picadeiro.

Correio do Sul de 20 de outubro de 1855, depondo sobre o espetáculo da Cia. Dramática provincial (teatro D. Pedro II), tece os seguintes comentários antes de entrar na apreciação propriamente dita do sarau e que, como os demais, constitui extensa apologia do conjunto. A parte aqui transcrita é a que interessa mais, por nos fornecer dados acerca do comportamento do público.

“**TEATRO** – os mal fadados partidos teatrais, essas néscias cabalas a favor de atores e artistas ainda antes de ontem fizeram de uma bela, duma excelente récita, um campo de agitação e de desgosto; obrigando mais de uma família respeitável a abandonar mais cedo o seu camarote a uma boa parte da platéia a retirar-se para não correr os riscos de um conflito que se diria provável. Houve nesses temores exasperação, contida; e os partidos se, com justiça merecem acusação de levianos e pouco comedidos, não levam a coisa a um extremo que pudesse justificar tantos receios. Foram injustos; porém desordens sérias nem as promoveram, nem as teriam perseguido, se acaso houvesse por desgraça algum conflito. De ambos os lados havia mancebos exaltados, cabecinhas ardentes e pouco pensadoras; porém corações retos, jovens educados, que teriam recuado e recuaram diante de toda possibilidade de converter uma reunião de boa sociedade em campo de Aramante e de guerrilhas.

---

<sup>72</sup> Jornalista Arquimedes Fortini

<sup>73</sup> Rua Uruguai

Ainda assim, bom será que acabem estes choques. Quando menos começam eles a ser soberanamente ridículos. Não vale a pena de se dar a gente em espetáculo por questões de atores, servindo de palestra a meio povo na qualidade naturalmente pouco heróica de herói; os protagonistas de pateadas. Além de que, empregadas como elas vão sendo, perdem todo o seu valor; gastam-se; e em vez de recair sobre os atores o bom sucesso público devolve-as sem apelação nem agravo para os seus autores. Dissemos antes que a récita tinha sido excelente. A quem, porém, as honras dessa noite?" E por aí em diante...

MÚSICA – Mais um número do caderno Estrella do Sul é dado à publicidade em novembro, contendo uma fantasia do Carnaval de Veneza. Os dois anteriores, apresentaram a fantasia Rússia (1º caderno) e a Canção da Cigana, da ópera “O Trovador” (2º caderno).

NEGROS – O Correio do Sul de 1855 (junho à novembro), publica os seguintes anúncios sobre negros:

Aluga-se uma boa preta na Rua da Olaria<sup>74</sup> nº 56

Na Rua Nova nº 36 aluga-se uma ama com bom leite e muito carinhosa

A Francisco Ferreira d'Almeida fugiu ou foi seduzido há pouco mais de um ano um escravo pardo de nome Manoel, carpinteiro, de 34 anos de idade mais ou menos, de estatura regular, magro, e usa de um brinco na orelha esquerda; consta que se intitula liberto. Quem o capturar e levá-lo a seu senhor nesta cidade, casa nº 290, da Rua da Praia receberá a gratificação de 320\$000 [trezentos e vinte mil réis], protestando-se com todo o rigor da lei contra o sedutor do dito escravo e pessoas que o tiverem acoitado

Vende-se para fora da cidade uma negra ainda moça, sabendo cozinhar e lavar com perfeição, e engomar sofrivelmente. Ver e tratar no Caminho Novo<sup>75</sup>, chácara do sr. Domingos Martins Barbosa

Na Rua da Praia nº 385, vende-se uma negra sabendo lavar, engomar, cozinhar e cozer, por preço muito razoável

Aluga-se uma ama de leite, sem cria. Rua da Praia nº 95

Precisa-se comprar uma escrava que saiba lavar, engomar e cozinhar com perfeição. Sendo moça e sem vícios. Rua da Praia nº 194

Vende-se uma escrava sadia, nova, e com algum préstimo, dizendo-se ao pretendente o motivo do negócio

Vende-se para fora da cidade um escravo pardo de 20 anos, campeiro próprio para pagem. Rua da Ponte nº 263

No dia 31 do corrente mês de julho se há de vender em praça pública na porta da Casa da Câmara, depois da audiência do sr. Juiz de Órfãos, um preto crioulo de nome José, pertencente à herança do Barão de Santa Vitória<sup>76</sup> avaliado em 650\$000

Recebe-se mulatinhas para ensinar a cozer, marcar e bordar, na Rua Senhor dos Passos nº 55

---

<sup>74</sup> Rua Lima e Silva

<sup>75</sup> Rua Voluntários da Pátria

<sup>76</sup> Depois Visconde de Santa Vitória. Manuel Afonso de Freitas Amorim. Era natural de Porto Alegre e residia na Europa, falecendo em Paris

Fugiu há oito dias o escravo de nome Francisco, crioulo, estatura regular, bastante barba, porém estava raspada de véspera da fugida. No falar, um pouco gago e na cor bastante fula. Gratifica-se a quem der notícias dele na Rua do Rosário<sup>77</sup> nº 41.

Gratifica-se com 200\$000 a quem apreender e trazer à Rua da Praia nº 481 o pardo Laurindo, fugido em setembro do ano passado, o qual tem a idade de 17 a 18 anos, é muito claro, baixo, reforçado, e muito bem parecido. É natural desta Província e filho da parada Ludovina, escrava do Ten Cel José Joaquim Machado.

Fugiu no dia 8 do corrente um crioulo da Bahia de nome José, idade mais ou menos de 20 anos, estatura regular, nariz chato, beijos muito grossos, falta de um dente na frente e é muito prosa. Quem o apreender e levar ao sr. Antonio José Gonçalves Bastos, à Rua da Praia nº 351, será gratificado.

Precisa-se comprar um crioulo de 10 a 12 anos, na Rua do Ouvidor<sup>78</sup> nº 6.

Em cada de Manuel Ferreira Porto Filho vende-se uma escrava parda vinda de fora.

No dia 21 do corrente (agosto) à porta da Casa da Câmara, depois de audiência do sr. Juiz de Órfãos, se há de arrematar uma crioula moça pertencente ao finado Manuel Narciso Teixeira Frederico, a requerimento do inventariante respectivo.

Vende-se, de preferência para fora da cidade, uma escrava moça e de nação, sabendo quitandear e fazer o serviço ordinário de uma casa. Rua da Ponte nº 258.

Fugiu a 10 do mês p.p., um preto de nome Francisco, nação Angola, cor fula, baixo, pouca barba, tem sinal no alto da cabeça de ter carregado tabuleiro de quitanda. Levou japona de bichará forrada de baeta azul, calção de algodão azul, chapéu de palha, é conversador. Quem o encontrar será generosamente gratificado.

Pelo Juiz de Órfãos se há de arrematar na porta da Casa da Câmara, dia 28 de agosto, uma escrava crioula de 28 anos, avaliada em 400\$000 e pertencente ao casal Henrique da Silva Fróes.

Aluga-se na Rua da Praia nº 225, um negro que entende de serviço de roça

Compra-se um escravo roceiro, que saiba lavrar e não tenha vícios nem moléstias. Rua da Praia esquina de Bellas.<sup>79</sup>

Vende-se para fora da cidade uma crioula prendada de 18 anos de idade. [Rua de] Bragança<sup>80</sup> nº 130.

Tendo o abaixo assinado feito vários anúncios nos jornais desta capital para ser capturado o seu escravo pardo de nome Manuel, oficial de carpinteiro, declara que o dito seu escravo foi agarrado no dia 8 do corrente, na Fazenda da Capelinha, do sr. Carlos Augusto Nogueira da Gama, onde estava segundo consta há mais de um ano e hoje se acha na cadeia desta cidade por assim o querer o anunciante. P. Al. 15/9/55. Francisco Ferreira de Almeida

Dá-se 100\$000 de gratificação a quem apreender e trazer na Rua do Arroio<sup>81</sup> nº 13 uma preta de nome Hilária (Fugida há cinco anos) com os sinais seguintes: baiana, baixa, meia fula, pernóstica bastante no falar, olhos grandes, beijos grossos, n'um dos peitos tem um cicatriz de ter sido lancetado e sinais de cravos que costumam arrebentar-lhe no peito. Costuma andar sempre com a masca na boca. Há notícias

---

<sup>77</sup> Rua Vigário José Inácio

<sup>78</sup> Rua General Câmara [Rua da Ladeira]

<sup>79</sup> Rua General Portinho

<sup>80</sup> Rua Marechal Floriano Peixoto

<sup>81</sup> Rua General Bento Martins

que tem duas crias que existem em Sapucaia ou Vacaria n'uma casa como forra na companhia de um Índio de nome Henrique que costuma negociar com erva-mate. Precisa-se alugar uma ama de leite e não se duvida pagar bem; na Rua do Poço nº 42 Fugiu da Rua da Ponte nº 55, no dia 6 de outubro, uma escrava crioula de nome Eva. Tem os sinais seguintes: boa estatura, idade 20 a 21 anos, magra, cor pouco denegrida e é muito conversadeira. Levou um xale encarnado e dois vestidos, um barrado de azul e outro amarelado. É cativa de d. Escholastica Adolfo da Fontoura e consta achar-se acoitada por um embarcadouro. Paga-se boa gratificação a quem a indicar. E protesta-se contra quem a tenha oculta

Arrematar-se-á pelo Juízo de Órfãos, no cartório do escrivão Antunes Júnior, depois da respectiva audiência, no dia 13 do corrente mês, os seguintes objetos: Um escravo de nome Silvestre, crioulo de idade de 25 anos, no valor de 1:000\$000; uma escrava de nome Leonor, com 38 anos, por 800\$000; uma outra de nome Eva, de 7 anos, por 650\$000; animais vacuns e cavalares no valor de 1:020\$000 e móveis na quantia de 174\$660

Na Rua do Caminho Novo nº 22, aluga-se um escravo com préstimo para todo serviço de uma casa, sabendo cozinhar, lavar e engomar

Na Rua da Praia nº 307, precisa-se alugar ou comprar um preto cozinheiro que tenha boa conduta

Francisco Xavier Ferreira de Brito, solicitador, com escritório na Rua da Praia nº 229, além de tratar de negócios tendentes ao seu ofício, encarregava-se da venda e compra de escravos e despachos dos mesmos na Polícia

ÁGUA – Em 1855 o fornecimento de água à cidade era ainda muito precário. Alguns chafarizes, localizados em diferentes pontos, distribuíam aos necessitados o precioso líquido que era colhido e canalizado de várias fontes aqui existentes. Angelo Cassapi, já nosso conhecido como instalador de gás hidrogênio na Bailante, resolveu concorrer para a solução do problema ou, pelo menos, para a melhoria da situação. Promovendo a organização de uma companhia por ações, a que deram seu apoio e responsabilizando-se os seguintes comerciante e capitalistas: Abel Correa da Câmara; Venceslau Joaquim Alves Leite; José Pinto da Fonseca Guimarães; José Leal de Azevedo; Bibiano José Carneiro da Fontoura; Joaquim José Mendes Ribeiro; Joaquim Lopes de Barros; Antonio Luiz da Costa Esteves; Lopo Gonçalves Bastos; Silva e Lisboa; Francisco José Belo; Manoel José de Carvalho Bastos; Joaquim Caetano Pinto e José Pedro Alves e Irmão. Apresentou-se à Câmara Municipal de Porto Alegre longa e detalhada proposta, a fim de ser a mesma submetida ao sr. Presidente da Província que, por seu turno, a sujeitaria à Assembléia Provincial, para os devidos efeitos. A proposta em questão constava de 22 itens ou cláusulas e, em resumo, assim estava redigida:

1º Comprometia-se a proponente a organizar a Companhia.

2º As águas utilizadas seriam as das fontes e vertentes das elevações sul da cidade ou as do Guaíba, obtidas estas debaixo do seu leito e conduzidas por encanamentos aos lugares convenientes.

3º Os encanamentos seriam subterrâneos até os chafarizes ou bicas.

4º Formar-se-iam depósitos d'água, de acordo com as prescrições da Ciência.

5º Materiais de construção seriam os estabelecidos pela hidráulica.

- 6º As águas dadas a consumo, tanto as das vertentes quanto as do Guaíba, seriam do maior grau de pureza possível.
- 7º Todos os trabalhos da empresa seriam presididos por um ou mais engenheiros de sua escolha e aprovação da Câmara.
- 8º Seriam 12 os chafarizes. Mas se a Câmara achasse pouco poderia pedir mais...
- 9º A construção desses chafarizes seria simples porém sólida.
- 10º Sendo o capital exigido de 167:000\$000 para o transporte e aproveitamento das águas das vertentes e o de 180:000\$000 para as águas tiradas do fundo do Guaíba, a Câmara pagaria sobre o total o juro de 12% e mais 1:500\$000 para cada chafariz que mandasse construir.
- 11º A Câmara teria a faculdade de amortizar o capital por partes.
- 12º Deduzidas as despesas de conservação, vigilância e reparo dos chafarizes – o total de sua construção seria partível entre a Câmara e a empresa, e com cuja cifra poderia amortizar o capital.
- 13º Pelo tempo que a empresa estivesse no uso da exploração dos serviços, todos os ônus e responsabilidades seriam dela.
- 14º O Prazo para cada exploração seria de 25 anos, ao cabo dos quais o Município entraria na posse automática dos bens existentes, sem qualquer indenização ou exigência do proponente.
- 15º Para os seus serviços e imóveis haveria inteira isenção de impostos, tanto municipais quanto provinciais.
- 16º Realizado o encanamento a empresa poderia ramificá-lo para o aproveitamento das águas excedentes.
- 17º Essas ramificações correriam por conta da empresa, bem como a sua conservação e vigilância, durante o prazo do contrato.
- 18º O proponente não seria responsabilizado nem sofreria a mais pequena mingua em seus interesses, no caso de qualquer evento desastroso – terremoto, guerra civil, etc.
- 19º A Câmara daria todo o seu auxílio à execução dos trabalhos da empresa bem como se prestaria com os terrenos necessários à construção de edifícios, depósitos, chafarizes, e encanamentos, tanto na água como fora dela, sempre que os seus terrenos fossem de propriedade da Província, correndo por conta da empresa as transações com imóveis de propriedade particular.
- 20º Como a empresa nada percebesse de juros sobre o seu capital, durante os trinta primeiros [meses?anos?] de assinatura do contrato respectivo, a Câmara assumiria o compromisso de emprestar-lhe, mediante condições razoáveis, toda e qualquer consignação que custasse de seus orçamentos para aqueles serviços.
- 21º O proponente se obrigaria, dentro do prazo de 30 meses, a entregar ao desfrute público todos os chafarizes contratados, pagando a multa de 500\$000 por cada um deles, caso não cumprisse esta cláusula.
- 22º A fim de assegurar a efetividade da proposta, cujas cláusulas seriam mais amplamente expressas no contrato a assinar, o proponente daria todas as seguranças precisas, a fim de que a Câmara desse todo valor e peso que a dita proposta merecia e satisfizesse uma necessidade imperiosa que a população inteira reclamava.



Indo esta proposta de Cassapi à Comissão de Comércio e Indústria, integrada dos representantes Frederico Menna e Francisco A. Brusque, dissentiu ela dos meios expostos com os seguintes argumentos:

“Angelo Cassapi propõe-se a abastecer a capital da Província de água potável conduzida das vertentes dos morros ao sul da cidade, ou do rio Guaíba, por meio de encanamentos de ferro ou material vidroso, estabelecendo para este fim, doze chafarizes em pontos indeterminados. Para levar a termo estes trabalhos compromete-se a organizar uma companhia e exige, além de 1:500\$[000] de cada chafariz que construir, o prêmio de 12% ao ano sobre as quantias de 167:000\$ e 180:000\$ em que diz importarem os trabalhos respectivos. A Comissão de Indústria e Comércio é a primeira a reconhecer a utilidade e as vantagens que resultarão de semelhantes obras; mas entende que não deve prestar o seu voto à referida proposta pela razões seguintes: o autor não apresenta planta nem orçamento da obra que se propõe construir: apenas diz em quanto ela importa. E a Comissão entende que para conceder a um pedido de tanta importância, que virá sujeitar a Província por muitos anos a uma despesa avultada, seria mistér, além da planta e orçamento indispensáveis, outras garantias que o autor da proposta não apresenta. O juro de 12% é exorbitante e sem exemplo em empresas desta ordem: com pouco mais da metade desse prêmio poderia a Província tirar dinheiro em qualquer banco do país e com ele fazer a obra. Assim, é de parecer a Comissão que não pode ter lugar o que requer Angelo Cassapi. Sala de Sessões. 29/10/55 - Frederico Menna e Francisco A. Brusque.”

A rejeição pura e simples da proposta, desaponta e agasta fortemente a Angelo Cassapi. Pelas colunas do Correio do Sul, de 14 de novembro de 1855 vem ele a público. E, sem esconder a sua irritação, defende-se, dizendo em resumo o seguinte: que a sua proposta fora lida superficialmente;

que não iria fornecer água do Guaíba, mas sim as águas já filtradas do fundo daquele rio – o que, sem dúvida, era outra coisa;

que não apresentara planta nem orçamento porque, sendo a sua proposta apenas uma sugestão, só oportunamente cumpriria fazê-lo;

que os juros de 12% não poderiam ser considerados extorsivos porquanto, atentando para as formas de reembolso estipuladas, aquele prêmio ficaria, na realidade, reduzido a 9%;

que as garantias exigidas pela Comissão não poderiam ser maiores do que as por ele dadas, visto como a sua proposta era subscrita, não somente por ele, Cassapi, mas por 14 honrados comerciantes da praça, sobre cujo conceito não havia duas opiniões na cidade;

que, finalmente, em face da maneira como fora tratado, viam-se impossibilitado de prestar à Província um serviço que ao nome dela asseguraria reputação invejável.”

A Comissão – parece – não deu resposta a Cassapi, apesar de ter sido ironizada nas longas colunas do proponente desapontado... E a cidade continuou a beber pouca água – pouca e suja... - durante mais alguns anos...

Nota: Não encontrei, aos jornais seguintes, mais nada a respeito. Nos relatórios do Executivo Provincial haverá algo a propósito do angustioso problema? Verificarei.



1857

(Outubro a dezembro – incompleto)

INDUMENTÁRIA – A loja de fazendas, de Jayme Paradedda, à Rua do Paraíso<sup>82</sup> nº 24, (antiga casa do finado Falcão) era das mais sortidas da época. Tudo quanto se desejasse – em tecidos, roupas feitas, miudezas, chapéus, tapetes, etc. – ali se encontrava.

INDUMENTÁRIA – Loja igualmente sortida era a denominada Sol de Ouro, à Rua de Bragança 11, e de propriedade de Domingos Gonçalves Martins de Oliveira. – Mesmos artigos de Paradedda.

Havia ainda a loja de Manoel Leite Vieira Guimarães – Rua da Praia 352 – esquina Ouvidor – Sortidíssima !

INDUMENTÁRIA – Aqui se usava muito no verão paletós sobre, com gola de veludo (mais cores) – tecidos leves – Quem os pretendesse era só ir à loja do alfaiate Moura, ali na Rua do Ouvidor nº 13 – Também havia lá tudo quanto pertencesse a um grande armazém de roupas feitas.

COMIDAS – A carne em retalho (inclusive charque) se dava o nome da Cavacos – Cavacos de carne.

INDUMENTÁRIA – À Rua da Praia nº 431, havia a loja e alfaitaria de Antonio Magalhães Freitas.

Sobretudos de diversas cores.

Sobrecasacas de pano acetinado e de merinó preto Roial.

Calça de diversas fazendas.

Coletes de veludo, casimira, fustão, e grós de Nápoles, em cortes ou prontos.

INDUMENTÁRIA – Entre outras novidades, a loja de Manoel Leite Vieira Guimarães anunciava – modernos cortes de vestido de tarlatana com babados e barrados de seda de lindíssimas cores, ao gosto da... Imperatriz dos Franceses!...

ENJEITADOS – O assunto de enjeitados merece um capítulo à parte. Desde a chegada dos primeiros casais açorianos à fazenda de Jerônimo de Ornelas constituem eles um problema para a administração, figurando com impressionante frequência na pauta das sessões da Câmara de Vereadores que não tratava quase de outra coisa senão deles. O caso assumiu proporções tais que a Santa Casa de Misericórdia precisou de instituir a famosa Roda dos Expostos – através da qual recolhia e dava assistência aos chamados filhos das ervas... A instituição funcionaria como qualquer ramo de administração pública, dispondo de uma “Escrivania dos Expostos”, com o seu respectivo escrivão, regulamentados, etc. A

---

<sup>82</sup> Rua José Montauri

assistência médica era dada aos enjeitados e numeroso era o corpo de criadeiras, encarregadas de amamentar os pimpolhos... indesajáveis... Aqui se descreve, como documento da época, o seguinte edital daquela Casa de Caridade” “Pela escrivania dos exposto da Santa Casa de Misericórdia desta cidade se previne a todas as criadeiras que têm a seu cargo expostos da mesma Santa Casa que do dia 1º de maio último do mês de novembro vindouro, deverão apresentá-los na mesma Santa Casa das 8 para as 9 horas da manhã, a fim de serem ali examinados pelo médico da Roda, e à vista de informação deste a rubrica[,] pelo mordomo poder-se passar os documentos para o pagamento das mensalidades das que se conhecer haverem recebido bom tratamento, cumprindo mais a declarar que não se atenderá a outros atestados de outras autoridades e que, portanto, nenhuma das criadeiras referidas deverá deixar de comparecer em qualquer dos sobreditos dias, seja qual for o estado do exposto ou exposta a seu cuidado. Porto Alegre, 21 de outubro 57. O escrivão. Antonio José Lourenço.”

REMÉDIOS – O Xarope da Saúde, de Arrault, era a mais moderna e eficaz preparação contra as moléstias

UTERINAS, SIFILÍTICAS, E LINFÁTICAS EM GERAL !...

INDUMENTÁRIA – No Paraíso à Porta Larga grande sortimento de tecidos franceses, bem como franjas de seda para vasquinhas e manteletes.

CERVEJA – Havia aqui cerveja em garrafa. Mas havia também em barricas – provavelmente estrangeira, importada da Alemanha ou Inglaterra.

NOMES DA RUAS – Em 1857, a Câmara de Vereadores, sob a presidência de João Damasceno Ferreira, fez as seguintes mudanças na nomenclatura das ruas:

Beco do Motta passou a chamar-se.....Rua da Princesa

Beco do Carneiro – Rua do Guaíba

Beco do Chico Pinto – Rua da Floresta

Rua que cortava a chácara da viúva de

José Juan Lourenço – Rua da Boa Vista

Largo fronteiro à Caridade – Praça da Minerva

Continuação da Rua da Praia – Rua da Independência

Largo fronteiro à Igreja da Conceição – Praça da Conceição

Travessa da Igreja[ da Conceição ] para a Várzea – Rua da Conceição

Rua da Brigadeira – Rua União<sup>83</sup>

Beco do Barbosa – Rua da Aurora

À falta de novas ruas – novos nomes para as velhas! deliciou a imprensa com toda a razão!

ENTERROS –

1ª Classe

---

<sup>83</sup> No original Rua do Brigadeiro [sic]

adultos – Carro de 8 colunas guarnecido de filetes de ouro, sanefas de veludo preto com franjas de ouro, puxado à 4 cavalos

anjos – O mesmo carro, porém com sanefas de veludo encarnado e franjas de ouro

## 2ª Classe

adultos – Carro de 6 colunas, filetes de prata, sanefas de cetim preto, franjas de prata, 4 cavalos

anjos – O mesmo, sanefas de cetim encarnado, franjas de prata. Arreios e fardamento do cocheiro correspondente ao veículo

## 3ª Classe

adultos – Carro de 4 colunas, todo pintado de preto, sanefas pretas com franjas de retrós, 2 cavalos

anjos – O mesmo, apenas com pano encarnado. Arreios dos animais e fardamento do cocheiro muito simples

## 4ª Classe

adultos – Carro sem colunas, pintado de preto, sanefas de baeta, franjas de lã, 2 cavalos

anjos – O mesmo, apenas com baeta encarnada. Arreios e fardamento modestíssimos

Condução para Escravos – Carroça toda fechada, pintada de preto, com uma cruz branca em cima!

REQUIESCAT IN PACE !

PENA DE MORTE – O parágrafo anterior trata de enterros – prossigamos no assunto, tratando de pena de morte. Em novembro de 1857, aqui foram executados três indivíduos – Batista e Felix, assassinados de um tal Tavares, e o cabra Florentino, autor da morte de seu amo – Antonio de Almeida Leães, da freguesia de Belém [Velho]. O barão e o cutelo, conquanto manejados pela justiça sempre produziram repugnância nos corações bem dotados. Se é certo que o povo em geral assistia ao sinistro espetáculo das execuções sem dar grandes mostras de repulsa, muitas pessoas sensíveis se confrangiam diante da cena brutal. E se não chegaram propriamente ao protesto e exprobração, deploravam, contudo, o extremo recurso da penalidade e a bruteza excessiva do castigo. “A direção do Correio do Sul, por exemplo, noticiando a próxima execução de três criminosos, fê-lo em termos de comisseração, com os seguintes comentários: A segurança da Sociedade, à satisfação da Justiça todas as considerações, enfim, poderão reunir-se para tornar necessário esse recurso extremo, abrindo a cova pela mão do carrasco para os desgraçados que atentaram contra a vida dos seus semelhantes. Ainda assim, porém, o coração se condói à lembrança desse espetáculo horroroso, em que, a um tempo, três vidas, três homens no melhor de sua existência, vão desaparecer dentre os seus irmãos violentamente, vindo em santa paz e com o apoio de todos, à clara luz do dia, ante a multidão estática, fazerem-se a vagar os preparativos de uma tríplice e espantosa morte !”

NOTA: O mesmo jornal, registrando dias após, a execução, informou que a multidão que assistira ao ato era enorme, o que considerava com pesar...

NEGROS – “Anda fugido um moleque quase cabra de nome Antonio, escravo de Amaro da Silva Velho. Levou vestido camisa de meia lã branca, calça de riscado azul remendada nos joelhos e chapéu de palha ordinário. Gratifica-se” etc

IGREJA DO CARMO – No dia 6 de novembro, à tarde, o padre José Ignácio de Carvalho e Freitas, pároco do Rosário [igreja], benzeu e consagrou ao culto a nova Igreja de Nossa Senhora do Carmo, à Rua da Olaria. A igreja deveria ser – e parece que foi – inaugurada a 8 de dezembro, com a festa religiosa da Imaculada Conceição da Virgem. A construção dessa igreja foi obra, a princípio, da Irmã Joaquina. Saindo a pedir esmolas, de porta em porta, deu início à construção do templo, cuja sobras mais tarde passaram a contar com contribuições particulares mais expressivas e, sobretudo, com subvenção do Governo. Possivelmente mais adiante, possam ser acrescentadas a estas linhas mais algumas informações.

CLUB COMERCIAL – Na tarde de 17 de novembro de 1857, reuniram-se na Soirée Porto-Alegrense para mais de 70 comerciantes da praça, a fim de lançarem as bases de um Club Comercial, onde se debatam e examinem os assuntos de interesse da classe. A sessão teve por fim nomear a primeira diretoria do grêmio, (Diretoria provisória) e discutir os seus estatutos. Esta a origem da nossa atual Associação Comercial.

INSTRUÇÃO – Intensa é a propaganda que se faz da Revista de Instrução Pública para Portugal e Brasil, sob a direção de Antonio Feliciano de Castilho e Luiz Felipe Leite. Está o bi-mensário em concorrer com os estudiosos para a criação de um aparelhamento cultural capaz de, atentas as atividades dos dois países, elevar o nível social do povo. “Entre nós portugueses e brasileiros, - escrevia-se então – se confesse com amor e franqueza de irmãos, que, nem aquém nem além mar, se possui ainda educação nacional organizada segundo as mais recentes revelações da ciência e conforme as nossas peculiares necessidades e conveniências. E com a mesma franqueza concordaremos em que ambas as nossas legislações respectivas se acham mui longe não só da sua importância, mas das exigências imperiosas de posição política de qualquer dos dois países...”. A esses comentários, sem dúvida muito oportunos, ajuntam-se os propósitos em que se inspira a direção da Revista – empenhada na solução do grave problema. E ainda os objetivos a que visa, na ordem material, moral e espiritual das duas nações que deviam imitar o exemplo de outros povos civilizados, especialmente... da França!

CLUB COMERCIAL – Como já se anotou, funda-se a 18 de novembro de 1857, na Soirée o Club Comercial, logo de início transformado em Praça do Comércio. Neste sentido pronunciou-se favoravelmente a maioria. Diretoria Provisória: Presidente: Abel Correa da Câmara – Vice: José Antonio Coelho Júnior – Tesoureiro: Joaquim José Mendes Ribeiro – Proc. [procurador?]: João Afonso de Freitas Amorim – 1º Secretário: José Inocêncio Pereira – 2º Secretário: Domingos José Martins de

Oliveira – Suplentes: João Batista Pereira de Azevedo e Constantino José de Barcelos – Nomeia-se a Comissão de Estatutos. Sede provisória: residência do sr. Constantino Barcelos, no Largo da Alfândega. Oferta gentil e generosa daquele associado.

CÂMARA DE VEREADORES – Em 1857, é presidente da Câmara de Vereadores de Porto Alegre o Major João Damasceno Ferreira – bisavô paterno do alinhavador destas notas.

Importante, hein?!!!

CERVEJA – Aqui se bebia cerveja que não era brinquedo! Além da que nos vinha da colônia, bem como da que aqui já se fabricava, recebíamos o licor de Gambrinus não só da Alemanha, como também da Inglaterra. Em 1857 deram entrada em nosso porto (Rio de Janeiro) 1.819 barricas de cerveja, das quais muitas vieram parar em Porto Alegre!!! (procedência: Londres e Liver [sic])

NEGROS – Escravo que conseguisse, à custa de seu suor, a liberdade ambicionada, recebia da Câmara de Vereadores, a cuja autoridade requeria, licença para morar por si.

MORAR SOBRE SI...

REMÉDIOS – Específico incomparável para o tratamento das bichas era o famoso LAMBEDOR VEGETAL, de Hobensach (Filadélfia)

Ó lombrigas incautas!...

MÚSICA E RELIGIÃO – Instituído o culto de Santa Cecília, na Igreja das Dores, em 1855, realizou-se em 21 de novembro de 1857 a cerimônia da Benção ao altar ali erigido em honra da santa. O Correio do Sul assim noticiou o acontecimento: “Há dois anos que os esforços do sr. Mendanha<sup>84</sup> levaram a fim a organização da Irmandade de Santa Cecília, composta principalmente de músicos e amadores de arte. O ano passado ela realizou com sumo esplendor a festa a Santiago. E este aumentou ela em concorrência e brilho. A Igreja sem [sic – em] construção ainda, e acanhada, pouco se presta para atos semelhantes. Porém quanto pode fazer o zelo e o bom gosto a irmandade realizou para a tornar digna de sua solenidade. O altar, onde um painel de autoria do sr. Grassely<sup>85</sup> representava a Santa em posição de tanger harpa, brilhava de luzes, flores e adornos, fazendo-lhe custódia dois irmãos, com tochas acesas enquanto durou a festa. S.Exa. Reverendíssima oficiou em pontifical auxiliado por toda a sua cleresia e seminaristas. O exmº sr. Presidente, acompanhado pelo ajudante de ordens da Presidência, aceitando o convite da Irmandade, assistiu ao ato de lugar próprio da sua autoridade. O coro, dirigido pelo sr. Mendanha, mestre da capela da Catedral, honrava-se com o concurso das exas. Marcelina Coelho Barreto, Caetana Rangel da Silva Lobo, Josefina da Costa Leinant [?] e Matilde Barreto que, irmãs também de S. Cecília, prestaram-se por devoção a cantar ao Glória diferentes solos. A orquestra estava formada dos primeiros professores da

---

<sup>84</sup> Joaquim José de Mendanha

<sup>85</sup> Bernardo Grasseli – pintor e fotógrafo italiano

irmandade. O Provedor da Ordem 3ª [das Dores?], sr. Adolfo Gonçalves Bastos, e outras dignidades desta, estiveram presentes no hábito da Ordem. Ao evangelho, prepos o Ver. Padre Vicente Zeferino dias Lopes um belo panegírico da Santa, em que a expressão rivalizava com o sentimento e a unção das palavras com a elegância da frase. À tarde, apesar da chuva, houve o Te-Deum do estilo com grande concorrência, faltando, porém, o esperado sermão do Padre Paiva, porque infelizmente adoeceu o eloquente pregador. A festa de S. Cecília vai melhorar de ano para ano. E se a criação dessa irmandade foi um belo e esperançoso pensamento, o desenvolvimento que lhe vai dando a direção dos membros dela, deve-lhe prometer um futuro digno da nossa linda cidade, e de seu alto objetivo.”

INSTITUIÇÃO DE BENEFICÊNCIA – Instala-se na Corte, em 1857, a Sociedade Beneficente Riograndense, tendo como seu primeiro presidente a Antonio Alves [sic – Alvares] Pereira Coruja.

MÚSICA – Joaquim José de Mendanha foi provedor perpétuo por devoção, da Irmandade da Virgem e Martir Santa Cecília.

INDUMENTÁRIA – Ribeiro & Irmão – Loja de fazendas – Rua da Praia 411 – Antiga cada de M<sup>me</sup> Arthur.

Fazendas francesas – roupas feitas – chapéus – calçados.

E ainda bazar de perfumes, charutos, biscoitos, brinquedos, chá, objetos de vime, etc., etc.

CHAPÉUS À AMAZONA PARA SENHORAS

MUNDANISMO – Não esquecer os bailes dados em Palácio, por ocasião da passagem de datas solenes, como o aniversário do Imperador, etc... Fontes: além dos jornais da época, depoimentos pessoais como os do Cap. Müsell (Revista da Prefeitura e outros).

INDUMENTÁRIA – À Rua de Bragança nº 108, havia a loja denominada À Marquesa de Pombal, de Azevedo & Pereira Júnior.

Bem sortida – Grinaldas – Chapéus pretos franceses – Tecidos estrangeiros de prima qualidade!!!

NEGROS – A negra Maria Rita, manjola, de 35 anos de idade, fugiu vestida de...homem. Era baixa, mal feita de corpo, mãos e pés curtos, dentes amarelados, olhos sempre vermelhos, pelas bebidas, e tinha o costume de jurar e chorar quando queria persuadir.

INSTRUÇÃO – À Rua Nova nº 46, funcionava o Colégio São João – brasileiro e francês – dirigido pelo professor Francisco Polly.

MUNDANISMO – Por ocasião das eleições para presidência e diretoria do Soirée Porto-Alegrense, fazem os jornais extensos comentários sobre aquela Sociedade – Demorando-se especialmente na apreciação das suas instalações – pintura interna,

decoração das diversas salas, adornos, copa, etc. Sugerem, em certa altura, a mudança da copa para outro local, e lembram a necessidade de uma nova pintura em algumas dependências do edifício – senão para torná-lo mais luxuoso, ao menos para que fiquem mais decentes e de acordo com o escol citadino que lhe integram os quadros sociais.

INDUMENTÁRIA – Em voga as malditas saias balão e os não menos malditos bandós, com enchimento de crepe e crina. Vendiam-se muito na loja de Ribeiro & Irmão – Rua da Praia 411.

INDUMENTÁRIA – Dois bons alfaiates da época: Antonio Mendes da Silva e Thomaz de Oliveira Lima.

TEATRO – O nome da atriz Isabel, que integrava o elenco da Cia. Giani Dramática Riograndense, era Isabel Maria Cândida – Registre-se para a 2ª edição do Palco, Salão e Picadeiro, 1§ S.XIX.

[Transcrição e notas Miguel Duarte]

Ruas de Porto Alegre

1. CORUJA, Antônio Alvares Pereira. Antigualhas. Porto Alegre: UE, 2a. ed., 1996.
2. Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Liv. do Globo, nº 18, 1925, p.129 a 134.
3. FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2ª. ed, 1992.

| Nomes antigos                                       | Nomes atuais (1)       | Nomes Primitivos (2)                                                                                                                                                 | Em 1998 (3)                      |
|-----------------------------------------------------|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|
| Beco do Beco do Brito, Beco do João Coelho          | Travessa de Itapiru    | Beco do Brito e do João Coelho                                                                                                                                       | Acilino Carvalho [Travessa Eng.] |
| Rua da Praia, Rua da Graça                          | Rua dos Andradas       | Rua da Graça                                                                                                                                                         | Andradas [Rua dos]               |
| Rua Nova                                            | Rua Andrade Neves      | Rua Nova de São Jorge                                                                                                                                                | Andrade Neves                    |
| Beco do Oitavo                                      | Rua Três de Novembro   | Beco do Oitavo e rua Pombal, rua 3 de Novembro                                                                                                                       | André da Rocha [Av. Desemb.]     |
| Rua da Misericórdia                                 | Rua da Misericórdia    |                                                                                                                                                                      | Annes Dias [Rua Prof.]           |
| Beco do Firme                                       | Rua Avaí               | Beco do Firme ou rua do Valo                                                                                                                                         | Avaí                             |
|                                                     |                        | Estrada do Silveira e do Cemitério (aí existia o beco da Suzana)                                                                                                     | Azenha                           |
| Beco do Freitas, Travessa do Poço, Beco de Meireles | Rua General Paranhos   | Da rua Andrade Neves a do Riachuleo – beco do Freitas, daí à Duque de Caxias, beco do Poço, ou da Cacimba; e daí para baixo beco do Meireles                         | Borges de Medeiros [Av.]         |
| Beco de Inácio Manuel Vieira, Beco do Fanha         | Travessa de Paissandú  | Beco do Ignacio Manuel Vieira e do Fanha                                                                                                                             | Caldas Júnior                    |
| Rua da Figueira                                     | Rua do Coronel Genuíno | Caminho da Ponte e Figueira                                                                                                                                          | Coronel Genuíno [Rua do]         |
| Rua da Marcela, Beco do Chico Pinto                 | Rua da Floresta        | Beco do Chico Pinto, da Marcela e Floresta                                                                                                                           | Cristóvão Colombo [Av.]          |
| Rua da Bahia, Beco do Forno, Rua da Varzinha        | Rua Dona Isabel        | Da rua Major Pantaleão Telles até a do Vasco Alves – rua da Bahia, daí em diante Varzinha; beco do Forno, depois Dona Isabel. Mais tarde chamou-se toda ela Varzinha | Demétrio Ribeiro                 |



|                                                                        |                           |                                                                                                                                                                                                                                                                           |                         |
|------------------------------------------------------------------------|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
|                                                                        |                           | [dos] Coqueiros                                                                                                                                                                                                                                                           | Dezessete de Junho      |
| Rua de Santa Catarina                                                  | Rua Doutor Flores         | Santa Catarina                                                                                                                                                                                                                                                            | Doutor Flores           |
| Beco do Barbosa                                                        | Rua da Aurora             | Beco do Barbosa                                                                                                                                                                                                                                                           | Dr. Barros Cassal       |
| Rua da Igreja                                                          | Rua Duque de Caxias       | Da rua General Salustiano até a Vasco Alves – rua Tavares, desta até a praça Marechal Deodoro – Formosa, daí à rua Mamechal Floriano São José e Igreja, daí à praça General Marques rua do Hospício ou Hospital e Alegre. (Nela estava o beco dos Doze)                   | Duque de Caxias         |
|                                                                        |                           | Beco do Sapo                                                                                                                                                                                                                                                              | Emancipação [Rua]       |
| Beco do Império                                                        | Rua do Espírito Santo     | Beco do Cemitério e do Império                                                                                                                                                                                                                                            | Espírito Santo [Rua do] |
| Rua do Arvoredo                                                        | Rua Fernando Machado      | Arvoredo (aí existia o beco do Céu)                                                                                                                                                                                                                                       | Fernando Machado        |
|                                                                        |                           | Bellas                                                                                                                                                                                                                                                                    | General Auto            |
| Pecados Mortais, Jogo da Bola, Rua dos [sic – do] Nabos, Rua do Arroio | Rua General Bento Martins | Da rua dos Andradas até a do Riachuelo – Pecados Mortais, daí à Duque de Caxias – Jogo da Bola, desta para baixo do Nabos a 12; do Arroio nome que ainda conserva [sic]                                                                                                   | General Bento Martins   |
| Rua da Ladeira, Rua do Ouvidor, Beco do João Inácio, Garapa            | Rua General Câmara        | Da rua Riachuelo a dos Andradas – Ouvidor, da Andradas a 7 de Setembro – Ladeira, depois beco do João Inácio e da Garapa                                                                                                                                                  | General Câmara          |
| Beco do Pedro Mandinga, Beco do Conde de Porto Alegre, Rua Direita     | Rua General Canabarro     | Beco do Pedro Mandinga. Desde a rua Coronel Fernando Machado à de Demétrio Ribeiro – Cova da Onça, depois toda ela rua Direita de São José e Conde de Porto Alegre, por ali ficar localizado o palacete desse titular. (A história registra nesta rua o beco da Ferraria) | General Canabarro       |

|                                                                                                       |                                          |                                                                                                                             |                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| Beco do Beco do Bot'á Bica, Beco do Vieira, Beco do João de Castro <sup>86</sup> , Visconde de Castro | Rua Bela                                 | Beco do Bot'á bica, Visconde de Castro, rua Bella e João de Castro                                                          | General Portinho                                                      |
| Praia do Arsenal [Trecho da]                                                                          | Rua General Salustiano [Rua da Passagem] | Praia do Arsenal. Este nome prende-se a outras ruas, como se vê atrás (Por este trecho teve início a edificação da capital) | General Salustiano                                                    |
| Beco dos Guaranis, Rua da Guarda Principal                                                            | Rua General Vasco Alves                  | Beco dos Guaranis e rua da Guarda Principal                                                                                 | General Vasco Alves                                                   |
| Arco da Velha, Rua da Prisão Militar, Rua da Alegria                                                  | Rua General Vitorino                     | Arco da Velha, Prisão Militar e Alegria                                                                                     | General Vitorino [Rua]                                                |
|                                                                                                       |                                          | Santa Teresa, Menino Deus, Av. 13 de Maio                                                                                   | Getúlio Vargas [Av.]                                                  |
| Rua do Pântano, Rua do Poço, Rua São Jerônimo                                                         | Rua Jerônimo Coelho                      | Rua do Pantano, Nova do Poço e São Jerônimo                                                                                 | Jerônimo Coelho                                                       |
|                                                                                                       |                                          | Moinhos de Vento                                                                                                            | Independência [Av.]                                                   |
|                                                                                                       |                                          | Riachinho, Emboscadas e Margem (Existiam ali os becos do Vintém, Curral das Éguas, Ajura-me [sic] a Viver e Coqueiros       | João Alfredo                                                          |
| Rua Clara                                                                                             | Rua General João Manuel                  | Da rua Duque de Caxias a dos Andradas – Clara, daí para baixo beco dos Marinheiros                                          | João Manuel [Rua General]                                             |
|                                                                                                       |                                          | [de] Caxias                                                                                                                 | José de Alencar                                                       |
|                                                                                                       |                                          | Rua 15 de Novembro, Rua da Polícia e Conde d'Eu                                                                             | José Montauri                                                         |
| Beco do Barriga, Beco da Dona Úrsula, Beco do Lisboa, Beco do Leite                                   | Travessa Angustura                       | Beco do Barriga, D. Úrsula, do Lisboa e Leite                                                                               | Ligação da Rua Andrade Neves com a Rua dos Andradas. Não mais existe. |
| Rua da Olaria                                                                                         | Rua General Lima                         | Olaria (aí existia o beco Carioca)                                                                                          | Lima e Silva [Rua General]                                            |
| Rua de Bragança                                                                                       | Rua Silva Tavares                        | Da praça 15 de Novembro a rua Duque de Caxias – Bragança, daí para baixo – Ladeira do Liceu; General Silva Tavares          | Marechal Floriano Peixoto                                             |

<sup>86</sup> João de Castro Canto e Melo, 2º Visconde de Castro

|                                         |                          |                                                                                                                                 |                                                                       |
|-----------------------------------------|--------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| Rua Dona Aurélia                        | Rua Dona Aurélia         |                                                                                                                                 | Otávio Corrêa                                                         |
| Beco do Rosário                         | Rua 24 de Maio           | Rosário (beco do)                                                                                                               | Otávio Rocha                                                          |
| Beco da Marcela [Beco do Carneiro]      | Rua Dom Afonso           | Da rua da Floresta à rua Voluntários da Pátria – beco do Carneiro e da Marcela, depois toda ela D. Afonso                       | Ramiro Barcelos                                                       |
|                                         |                          | Imperador e beco do Israel [sic]                                                                                                | República                                                             |
| Rua da Ponte                            | Rua Riachuelo            | Da rua General Salustiano até a praça Marechal Deodoro – rua do Cotovelo, daí à praça General Marques – rua da Ponte            | Riachuelo                                                             |
| Beco do Juca da Olaria {Beco do Israel} | Rua Primeiro de Março    | Beco da Olaria, do Juca da Olaria do Israel, Rua 1º de Março                                                                    | Sarmiento Leite                                                       |
| Beco do Trem, Rua da Cadeia             | Rua 2 de Fevereiro       | Cadeia Velha e beco do Trem, Rua 2 de Fevereiro                                                                                 | Senador Salgado Filho [Av.]                                           |
| Beco do Cordoeiro                       | Rua do Senhor dos Passos | Beco do Couto e do Cordoeiro (Ali existia o beco da Pulga)                                                                      | Senhor dos Passos [Rua do]                                            |
|                                         |                          | Beco do Mota e rua [da] Princesa                                                                                                | Sete de Abril                                                         |
| Beco da Rua Clara, Beco dos Marinheiros | Rua Sete de Setembro     | Nova da Praia e da Alfândega. O trecho da rua Clara em diante chamava-se também beco dos Marinheiros, um dos nomes daquela rua. | Sete de Setembro                                                      |
| Beco da Ópera                           | Travessa do Comércio     | Rua do Comércio, Beco da Ópera                                                                                                  | Uruguai                                                               |
|                                         |                          | Imperatriz e Vasco da Gama                                                                                                      | Venâncio Aires                                                        |
| Rua do Bandeira, Rua do Rosário         | Rua Vigário José Inácio  | Bandeira, Laranjal e Rosário                                                                                                    | Vigário José Inácio                                                   |
|                                         |                          | Pretos Forros                                                                                                                   | Vinte e Oito de Setembro [Rua] – não mais existe – Bairro Menino Deus |
| Beco da Fonte, Beco do Jacques          | Rua Bento Gonçalves      | Beco da Fonte e do Jacques                                                                                                      | Vinte e Quatro de Maio [Rua]                                          |

|                            |                           |                                                                                 |                       |
|----------------------------|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| Costa do Rio, Caminho Novo | Rua Voluntários da Pátria | Costa do Rio e Caminho Novo. (Aí se achava o beco do Pau Fincado).              | Voluntários da Pátria |
| Praia do Riacho            | Rua da Margem             |                                                                                 | Washington Luís       |
|                            |                           | Praia do Riacho (aí se achava o beco da Maxambomba), Rua Major Pantaleão Telles |                       |

☐ Praças [ conforme bibliografia nº 2]

☐ Atual

#### Antigo

|                        |                                                                                     |
|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| General Osório         | Manoel Caetano, Senhor dos Passos, Conceição, Ladeira de São Jorge e Alto da Bronze |
| 15 de Novembro         | Paraíso, Mercado e Conde d'Eu (Existiu nessas proximidades a rua dos Ferreiros)     |
| Visconde do Rio Grande | Praça das Dores                                                                     |
| Martins de Lima        | Largo da Força, praça do Arsenal e praça da Harmonia                                |
| General Marques        | Portão                                                                              |
| Dom Feliciano          | Caridade                                                                            |
| Independência          | Também chamada como a do General Marques – Portão                                   |
| Padre Thomé            | Largo da Força e também Pelourinho                                                  |
| Senador Florêncio      | Quitanda e Alfândega                                                                |
| Marechal Deodoro       | Matriz, Palácio e D. Pedro II                                                       |
| Campo da Redenção      | Várzea e Campo do Bomfim                                                            |
| Jaime Telles           | São Miguel                                                                          |
| Garibaldi              | Concórdia                                                                           |
| São João Batista       | Areal da Baroneza. O povo chama esse local também Estado Oriental                   |
| Dom Sebastião          | Conceição                                                                           |

[fl.1]

Diário da minha campanha revolucionária, no **Rio Grande do Sul**, durante 40 dias, em 1932.

agosto

**15** – Às 18h, eu e o **Luzardo** embarcamos, ocultamente, em uma lanchinha, desembarcando na fazenda de **R. Morejano**, fronteira a **Porto Alegre**. Aí jantamos e em seguida montamos a cavalo, viajando toda a noite.

**16** – Às 5 horas da madrugada chegamos ao “**Passo do Fautisno**”, na margem direita do “**Arroio dos Ratos**”. Transpondo o arroio mais acima, às 9h, encontramos-nos na margem esquerda, com o dr. **Alferdo Simich** e outros, com os quais seguimos de auto, rumo a **Encruzilhada [do Sul]**, chegando às 21h à resi- [fl.2] dência do sr. **Volny Racier**, onde dormimos.

**17** – Separamo-nos do dr. **A. Simich**, e continuamos a viagem, acompanhados do **Joaquim Medeiros** e do vaqueano **Pedroso**. Atravessamos os “**Pinheiros**”, “**Passo do Vargas**”, dos “**Caldeirões**” e da “**Pitangueira**”, chegando às 20h ao “**Passo do Salso**”, onde a baratinha<sup>87</sup> do **Joaquim** caiu num fundão, ficando ele e o **Luzardo** completamente molhados. Estando próximo à cidade de **Caçapava [do Sul]**, resolvemos que o **Joaquim** e **Pedroso** fossem, a pé, até lá, a fim de trazerem um auto e avisarem alguns amigos da nossa passagem. Voltaram de auto, acompanhados do prefeito, dr. **Sylvio Corrêa** e **Bernabé Leão**. Continuando a viagem, passamos por **Caçapava** [fl.3] à meia noite.

**18** – Às 4h das madrugada chegamos à casa do sr. **João Luiz**, em **S. Raphael**, município de **S. Sepé**, onde recebemos a visita do cor<sup>el</sup> **Emiliano Brum** e outros. Daí saímos às 14h, passando pelos subúrbios de **S. Sepé**, e pernoitando na fazenda do sr. **Percival Brenner**. Aí chegaram depois o Cap<sup>m</sup> **Martim Cavalcanti** e ten<sup>te</sup> **Mesquita**, em trânsito para **Lavras [do Sul]**.

**19** – Às 11h transpusemos o “**Passo do Verde**”, almoçando na casa comercial de **Pedro Brenner**, vindo ao nosso encontro os srs. **Armando Borges** e **José Ignácio Xavier**. Às 15h atravessamos o “**Passo do Areal**” em direção à casa do sr. **Pedro Celestino da Silva**, onde che- [fl.4] gamos, à tardinha.

**20** – Às 10h deixamos a casa de **Pedro Celestino da Silva**, e seguindo pela colônia da “**Picada**” e campos do subprefeito **Anselmo Moreira**, fomos pernoitar em um rancho, perto do “**Passo das Tropas**”.

**21** – Às 9h fomos para o acampamento de **Armando Borges**, donde saio para **S. Maria** o **Joaquim**, a fim de mandar imprimir o manifesto, o que não conseguiu pelo que o entregou ao engenheiro **João Baptista Pereira**, que se encarregou de fazê-lo imprimir em **Porto Alegre**. [fl.5]

Mudança, à tarde, do nosso acampamento para uma légua mais distante. Continua em **S. Maria** o **Joaquim** que pode verificar ser aquela guarnição composta das seguintes forças:

**Dumoncel** e **Nelson Etchegoyen** – 800 homens;

**Olympio Rosa** – 600 homens;

1 esquadrão provisório da **Cachoeira** – 200 homens;

1 esquadrão provisório de **Rio Pardo** – 150 homens;

---

<sup>87</sup> automóvel

4º. R.A.M.<sup>88</sup> com 150 homens;  
1 pelotão do 1º. R.B.M.<sup>89</sup> – 40 homens;  
1º. R.C.<sup>90</sup>

1 pelotão de metralhadoras – 4 peças – 40 homens.

22 – Às 8h forte tiroteio com [fl.6] a nossa guarda no “**Passo das Tropas**”, não havendo baixas. Mudança de acampamento para as proximidades da casa de **Pedro Londero**, nos **Pinheiros**.

Às 16h saio o **Joaquim** ocultamente de **S. Maria**, caminhando, a pé, 8 léguas até a fazenda dos **Xavier**, nas **Tronqueiras (Arroio do Só)**.

23 – Marcha até as 11h, quando chegamos à casa de **José Londero (Pinheiros)**, depois de passar pela venda do **Fulano Penna de Moraes**, onde tomamos café. Expedi um próprio ao **Joaquim**, chamando-o.

24 – Continuamos na fazenda de **J. Londero**, donde marchamos, à tarde, para a fazenda de d. **Felicidade Teixeira**, arrendada a **Manoel Rodrigues**, dor- [fl.7] mindo-se af.

25 – Às 10h chegou o **Joaquim**, e 10 m. após, o aviso trazido por **Frederico Niederauer** que **Olympio Rosa** com 300 provisórios vinha ao nosso encalço, trazendo preso meu irmão **Chico**.

Encetamos a marcha sem parar e sem comer, até transpor o **Passo do Verde**, em cuja margem direita carneou-se uma teineira de **Percival Brenner**, e em cuja casa tomamos café, já noite fechada.

Acampamos, à meia-noite, à beira de um capão, na fazenda do “**Boqueirão**”, depois de atravessar fortes banhados.

26 – Chegamos, às 15h, à casa de **Félix Simões Pires**, no **Bojurú**.

Às 18h ali chegaram também [fl.8] o dr. **Glycério Alves**, Conde **Fernando Hugel**, e **Júlio dos Santos**, este como emissário do cor.<sup>el</sup> **Chico Flores**, dr. **Sinval Saldanha** e **Chico Medeiros**.

27 – Às 12 e 1/2h chegaram ao mesmo lugar **Chico Flores**, **Sinval**, **Chico Medeiros** e **Júlio Santos**. O primeiro, exibindo uma carta do interventor, autorizando-o a tratar conosco, convidou-nos ao abandono da luta, em troca de garantias individuais e de livre trânsito para **P. Alegre**, **Rio**, **S. Paulo** ou **Rivera**<sup>91</sup>. Explicando os motivos da nossa atitude e os objetivos que tínhamos em mira, recusamos peremptoriamente a proposta oficial, máxime porque já tínhamos de **S. Paulo** a promessa de dinheiro para a compra de armamentos. Nessa [fl. 9] mesma tarde resolveu-se a partida do dr. **Pilla** para **Buenos Aires**, via **Aceguá-Montevidéu**, a fim de providenciar sobre a aquisição dos armamentos, e a do dr. **Glicério** para o **Formigueiro** e **Cachoeira** com o fim de obter a vinda de dinheiro de **P. Alegre** e a de armas existentes na **Cachoeira**.

Nessa mesma noite chegou o emissário que havíamos mandado ao cor.<sup>el</sup> **Marcial Terra**, dizendo que este estava próximo de **Santiago do Boqueirão** com mais de 1000 homens armados e regularmente municiados, que, na manhã de quinta-feira anterior, a sua vanguarda havia derrotado forças do cor.<sup>el</sup> **Pedro Gay**. Adiantou mais o emissário que, dentro [fl. 10] de 10 dias, o cor.<sup>el</sup> **Terra**, com sua gente se aproximaria de **S. Maria**, o que não fazia antes, pela conveniência de ir primeiro a **S. Francisco de Assis** e ao município de **Alegrete**.

28 – Chegou à mesma fazenda o emissário enviado ao cor.<sup>el</sup> **Hermenegildo da Silva**, trazendo a informação de que este procuraria mandar companheiros, em pequenos grupos.

De manhã seguiu para o **Alegrete** o dr. **Sisson** com a missão de reunir civis e militares, que quisessem incorporar-se à força do cor.<sup>el</sup> **Terra**.

---

<sup>88</sup> Regimento de artilharia montada

<sup>89</sup> Regimento da Brigada Militar

<sup>90</sup> Regimento de Cavalaria

<sup>91</sup> República Oriental do Uruguai

À tarde apresentaram-se o cor.<sup>el</sup> **João Vargas** e o dr. **Sylvio de Faria Corrêa**, que regressavam imediata- [fl.11] mente depois de combinado o ponto em que devia reunir-se à nossa força, a que trouxessem de **Caçapava**.

**29** – Nada de extraordinário

**30** – Às 17 e ½ h. tivemos aviso de que provisórios de **S. Sepé** haviam acampado no “**Trancoso**”, havendo outras forças no “**Mato-Grande**” e no “**Passo do Verde**”.

Resolvemos acampar, ao escurecer, à margem direita do **Vaccahy** [sic] no “**Passo do Borges**”, fundo da estância do **Félix Simões Pires**, passando p.<sup>a</sup> a outra margem parte da nossa gente.

**31** – De madrugada começou a passagem do pessoal restante, em dois botes, seguindo-se a da cavallhada, a nado. [fl.12]

Às 10 h. estava toda a força acampada à margem esquerda, carneando-se aí uma novilha pertencente ao dr. **Astrogildo Azevedo**.

**31** [sic] – Passamos em completo descanso, apesar de estar o inimigo nos arredores da casa de **Félix S. Pires**, com um efetivo de mais de 300 homens.

Às 22 h. observou a nossa sentinela, postada no Passo, que um piquete inimigo chegara à margem direita, em frente, ali acampando.

setembro

**1º** – Antes de amanhecer, encilhamos os cavalos e ficamos na expectativa .

Às 10 h. o inimigo forçou a passagem do rio, havendo um ligeiro tiroteio.

Marchamos rapidamente em direção ao município de **S. Gabriel**, [fl.13] atravessando o “**Passo dos Corvos**” às 16 e ½ h, e chegando à fazenda do “**Pavão**” às 17 e ½ h. Aí tomamos café, e, em seguida, continuamos a marcha, através de campos de **Ilo Bicca**, acampando, à meia-noite, num capão pouco além da casa desse fazendeiro.

Durante a noite, principalmente no trajeto de dita casa até o pouso, esperamos o ataque de um piquete inimigo, que sabíamos estar nos arredores. Foram por isso detidos 9 homens que vinham pela estrada. Na ocasião de prendê-los, o comandante da vanguarda deu vários apitos, que foram interpretados como partindo do inimigo; isso estabeleceu momentânea confusão, mas logo a força entrou em for- [fl.14] ma, preparada para combater.

Houve uma forte disparada da cavallhada, como se fora uma verdadeira carga de cavalaria, o que bastante impressionou a tropa. Verificando-se, após o incidente, que os prisioneiros não eram soldados inimigos, prosseguiu a marcha sem mais novidade.

**2** – De manhã soltamos os prisioneiros da véspera, e marchamos em direção ao “**Passo das Carretas**”, e, depois de transpô-lo às 11 e ½ h., a nossa retaguarda trocou alguns tiros com o piquete vindo da estância de **Ilo Bicca**, e que tomara posição em uma casa do outro lado do arroio e do banhado.

Às 13 h. sesteamos debaixo do laranjal da casa de **Ataliba Cezim**- [fl.15] **bra**, prosseguindo às 17 h. na marcha em direção ao “**Pau Fincado**”, município de **S. Gabriel**. Daí desviamos para a direita, e, caminhando até alta noite, fomos acampar à beira de um capão, no lugar denominado **Santafé**, 2º. distrito de **S. Maria**.

**3** – Levantamos acampamento à tarde, e, marchando à noite debaixo de fortíssimo temporal em meio de uma escuridão espessa iluminada apenas pelos raios e coriscos que se sucediam com uma frequência pavorosa, chegamos à sede da fazenda de **Cândido Cauduro**, às 22 h.

**4** – À tardinha saímos desse ponto, e, marchando toda a noite, alcançamos, às 2 h. da madrugada a [fl.16] casa de **Nico Borges**, 1 légua abaixo do **Passo do Verde**, à margem esquerda do **Vaccacahy**.

5 – Pela manhã, depois de observada a enchente extraordinária desse rio, providenciamos sobre a obtenção de botes e canoas, a fim de vadearmos o rio, em frente à granja de **Nenê Carvalho e Jango Pohlmann**.

Deixando a cavalcada oculta nos poteiros de **Nico Borges**, à tarde passamos todo o pessoal e arreiaamentos para a margem direita. Precipitamos esse transporte, por estarem no “**Passo do Verde**” uns 100 provisórios, e na fazenda do dr. **Astrogildo Azevedo** outra força de 500 homens.

6 – Passamos este dia e a noite na referida granja. [fl.17]

7 – Depois do meio-dia, tendo conseguido cavalcada, levantamos acampamento, chegando, à 1 h. da madrugada, à casa da estância da “**Tapera**”, residência de um filho do dr. **A.A. Simões Pires**.

[há um salto para a data de:]

11 – Saímos daí, após o café da manhã, sestando no “**Passo do Biloca**”, que fica acima do da **Juliana**, ambos no arroio **S. Sepé**. Às 15 h. prosseguimos na marcha, e às 17 h. prosseguimos na marcha, e às 17 h. fomos surpreendidos, no coxilhão de uma encruzilhada da estrada, entre a casa de **João Cândido Brites (Nenê Brites)** e a de **Júlio Silveira**, por um contingente de 80 provisórios sob o comando do cap.<sup>m</sup> **Rubim**. Dentro de uma in- [fl.18] vernada travou-se renhido combate, que durou até o escurecer, quando retirou-se o inimigo em debandada, deixando no campo alguns mortos. Apreendemos arreiaamentos, munições, armas, cavalos e 5 prisioneiros. Dos nossos morreram os três valorosos irmãos **Rosa, Horácio, Carlos e Esmeraldino**, e mais 3 soldados. Encarregou-se de sepultá-los, na manhã seguinte, o sr. **Nenê Brites**.

Fomos pernoitar na casa de **Lauro Souto**, em **S. João**, distante 2 k<sup>s</sup> do lugar do combate.

12 – Iniciada a marcha de manhã, chegamos, à noite, à casa de **Reis Macedo**, depois de atravessarmos o “**Maricá**” e parte do município de **Lavras**. [fl.19]

13 – Cedo mudou-se o acampamento para a margem de um arroio, entre dois cerros, e próximo da referida casa.

Antes do meio-dia começou-se a notar o movimento de uma força, vinda das bandas de **Lavras**. Era o 3º. esquadrão do 1º. R.C. da **B.M.**, que à 15 h. viera até as proximidades da sede da fazenda. Distribuiu-se a força pelos melhores pontos estratégicos, na expectativa de ataque iminente. Limitou-se, porém, o inimigo a fazer alguns disparos contra sentinelas nossas, postadas nos cimos dos cerros.

Nesse ínterim pediu-se ao cel.<sup>cl</sup> **Coriolano Castro**, que vinha ao nosso encontro, mandasse uns [fl.20] 30 homens atacarem o inimigo, pela retaguarda. Isso determinou a retirada precipitada do 3º. esq., tomando uma parte dele a estrada de **Caçapava** e outra parte a de **Lavras**. Aprisionou-se 1 soldado e 3 cargueiros com víveres e peças de equipamento, inclusive barracas. À tardinha reuniu-se à nossa a gente do **Coriolano Carvalho** (mais ou menos 120 homens).

14 – De madrugada, e com um frio como não havíamos sentido até então, atravessamos o 6º. distrito de **Caçapava**, sestando em campos de **Pedro Dias**, nas proximidades do **Seival**. Daí rumamos para o “**Passo dos Enforcados**”, onde chegamos ao escurecer. Até às 22 h. [fl.21] passou o pessoal com os arreiaamentos para a margem direita, ficando a cavalcada em um poteiro, à margem esquerda. Eu, dr. **Luzardo** e mais alguns dormimos na casa do arrematante do Passo.

15 – Saímos dos “**Enforcados**” À 9 h., sestando no lugar denominada “**Tala**”. Acampamos, à tardinha, no “**Passo do Motta**”, proximidades das “**Tocas**”, município de **Bagé**.



16 – Sesteamos à margem esquerda do arroio **Velhaco**, município de **Cacimbinhas**<sup>92</sup>. Pernoitamos em **Cerro Chato**, sucessão dos **Lufzes**, no mesmo município.

17 – Sesteamos na estância de **Amaury Silveira**, e acampamos no “**Passo do Arroio Grande**” (**Passo dos Alves**), no município de [fl.22] **Piratiny**.

18 – Sesteada em campos da mesma sucessão **Alves**, e pouso nos da sucessão **Barbosa**.

19 – Sesteada em campos da mesma família, e pouso no “**Passo de Antonio Faria**”.

20 – Levantamos acampamento às 6 h. e fomos sestar às 10 h. na casa do cor.<sup>el</sup> **Nicanor Barbosa**, em **Cerro Alegre**, a 4 léguas da vila de **Piratiny**.

Aí, às 13 h., mais ou menos, surpreendeu-nos uma coluna inimiga que, tendo conseguido aprisionar a nossa retaguarda inclusive o cor.<sup>el</sup> **João Vargas** e o dr. **Sylvio Faria Corrêa**, logrou aproximar-se sem ser pressentida. Compunha-se essa força, sob [fl.23] o comando do Ten.<sup>te</sup> Cor.<sup>el</sup> **Adel Bento Pereira**, do 13 provisório de **S. Gabriel**, de uma ala do provisório de **D. Pedrito**, e do 3º. esquadrão do 1º. R.C. da **Brigada Militar**, destacado em **Lavras**, tendo, ao todo, mais de 600 homens muito aparelhados e municiados, providos de fuzis automáticos em número de 30 a 50.

A custo estendemos uma linha de atiradores, menos de 50 homens, dentro de um potreiro, ao lado esquerdo da casa, com frente para a estrada por onde vinha o inimigo. Nenhuma baixa tivemos aí, porque os nossos soldados atiravam ocultos atrás de uma cerca de pedras e de moitas abundantes. Mais de uma [fl.24] hora durou esse tiroteio até que [o] inimigo, vendo a impossibilidade de assaltar-nos por aí, começou a refluir para o fundo do potreiro, onde penetrou, em massa, avançando então em direção à casa, aproveitando os acidentes naturais e o fato que o encobria. Debalde tentou o dr. **Luzardo**, à frente de alguns atiradores, deter-lhe o avanço, viu-se, afinal, forçado a retirar-se com os companheiros montados diante do número dos atacantes e do esgotamento das munições. Estava eu no estabelecimento com uns 20 homens a pé, e o único cavalo encilhado era o meu. Era impossível retirar-me com essa gente, porque já estávamos cercados. Demais restava-me algu- [fl.25] ma esperança de que o dr. **Luzardo** e cor.<sup>el</sup> **Coriolano de Castro** viessem em nosso socorro.

Fiz da habitação do fazendeiro a nossa fortaleza, e de dentro dela sustentamos o fogo até o último cartucho. Eram cerca de 16 h. quando cessou a fuzilaria e pode o pessoal do 3º. esq.<sup>93</sup> do 1º. R.C. penetrar na casa.

Tratado com toda a consideração, fui logo conduzido para o acampamento do estado-maior do cor.<sup>el</sup> **Adel Pereira**, em cuja barraca passeia a noite. No dia seguinte (21), às 11 h., mais ou menos, segui de auto, em companhia do cor.<sup>el</sup> **Hypólito Ribeiro** e do major **Coimbra**, para vila de **Pinheiro Machado** (**Cacimbinhas**), donde, ao escurecer, con- [fl.26] tinuei a viagem, acompanhado do ten.<sup>te</sup> cor.<sup>el</sup> **Octávio Rosa**, com.<sup>te</sup> da guarnição de **Bagé** e do cor.<sup>el</sup> **H. Ribeiro**, chegando à estação de “**Pedras Altas**” às 22 h., mais ou menos.

Pouco depois passei para o trem do gen.<sup>al</sup> **Guilherme Cruz**, rumo do **Rio Grande**.

22 – Cheguei à cidade do **Rio Grande** às 6 h. da manhã, sendo imediatamente recolhido ao quartel do 9º. R. I.<sup>94</sup>, onde permaneci até a meia-noite de 24, quando sai para bordo do “**Araçatuba**”, acompanhado do gen.<sup>al</sup> **G. Cruz**.

25 – Transpôs a barra [do Rio Grande] o “**Araçatuba**” às 6 h. da manhã.

27 – Após 60 h. de viagem, fundeou o vapor na **Baía de Guanabara** às 20 h. Pouco depois da visita da [fl.27] polícia, chegou o Ministro da Marinha, que conduziu-me à **Ilha do Rijo**, onde fiquei alojado no 2º. prédio. Eram 22 h. quando pisei na ilha.

outubro

1º. – Recolhido à **Ilha do Rijo** o dr. **Arthur Bernardes**.

<sup>92</sup> Pinheiro Machado / RS

<sup>93</sup> esquadrão

<sup>94</sup> Regimento de Infantaria

11 – Veio para a ilha o dr. **Pedro Toledo**.

novembro

1º. – Removido para o **Forte do Vigia** o dr. **A. Bernardes**.

3 - Chegou o **Silval**<sup>95</sup> com a **Dejanira**<sup>96</sup> e a **Olenka**<sup>97</sup>.

22 – Embarcou, no “**Andalucia**”, para **Lisboa**, o dr. **P. Toledo**.

dezembro

4 – Embarcou, no “**Astúrias**”, para **Lisboa**, o dr. **A. Bernardes**.

22 – Regressou para **Porto Alegre** o **Sinval**. [fl.28]

29 – Recebi aviso, esta tarde, que o 4º. delegado virá amanhã, às 8 h., para conduzir-me ao vapor “**Riper**”, em que seguirei para o **Recife**.

30 – Acompanhado do 4º. delegado **Dulcídio Cardoso**, gen.<sup>al</sup> **Eurico de Andrade Neves e Ruth Ferreira Issler**, saímos da **Ilha do Rijo** para embarcar no vapor **Com.<sup>te</sup> Ripper**, que transpôs a barra às 11 h., mais ou menos. Foi-me reservado o camarote de luxo, preparado, há tempos, para a excursão do presidente da República aos Estados do Norte.

31 – Mar agitado, enjôo.

1933

Janeiro (**Recife**)

1º. – Mar mais calmo. Almocei no salão, continuando enjoada a **Car-** [fl.29] **linda**.<sup>98</sup>

2 – Às 3 h. da madrugada o vapor fundeu no porto de **S. Salvador**, continuando a viagem às 14 h.

3 – Às 15 h. o **Com.<sup>te</sup> Ripper** lançou ferros em frente a **Maceió**, prosseguindo na marcha às 19 h.

4 - Às 8 h. chegada ao **Recife**, sendo recebido pelo interventor e com.<sup>te</sup> da Região Militar. Hospedagem no **Hotel Central**.

5 – Transferência para a “**Pensão Landy**”, às 18h30.

20 – Embarque para o **Rio** [de Janeiro] de **José Nunes da Silva**, sócio da casa **Satto-Mayor & Cia.**, que aqui recebeu-me e serviu-me de assistente e cicerone, em virtude de recomendações de **Antonio Chaves Barcellos**. [fl.30]

31 – Jantar na casa do dr. **Luiz Dias Lins**.

fevereiro (**Recife**)

5 – Visita ao “**Hospital Infantil Manoel Almeida**”, o melhor que tenho visto. Almoço na residência de **Arnaldo Almeida**, e, à tarde, passeio à “**Boa-Viagem**” até a **Piedade**.

10 – Concluída a redação do anteprojeto de Constituição Federal, cuja primeira parte foi elaborada em dezembro de 1932, na **Ilha do Rijo**.

20 – Visita do interventor **Lima Cavalcanti** e do chefe de polícia, cap.<sup>tm</sup> **Nelson de Mello**.

22 – Visita ao matadouro. Jantar na residência do dr. **Luiz Lins**.

23 – Audição, às 21 h., no **Club de** [fl.31] **Engenharia**, da leitura do relatório do dr. **Luiz Dias Lins** sobre as obras contra a seca no sertão de **Pernambuco**.

---

<sup>95</sup> Sinval Saldanha

<sup>96</sup> Sobrinha (como filha) do Dr. Borges de Medeiros

<sup>97</sup> Esposa do dr. Othelo Laurant

<sup>98</sup> Carlinda Borges de Medeiros, esposa do dr. A.A. Borges de Medeiros

março (Recife)

6 – Compareci à sessão do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico, em comemoração à malograda revolução republicana de 1817. A convite do presidente dr. **Metódio Maranhão**, tomei assento a seu lado, na mesa.

Discorreu sobre o acontecimento histórico o dr. **L.C. Cardoso Ayres**.

8 - Passeio, em companhia de diversos, à residência rural do **Barão de Suassuna**, em “**Limoeirinho**”, município de “**Escada**”, a 70 km. desta capital.

Ali observei os trabalhos nas duas grandes usinas “**Mameluco**” an- [fl.32] tiga “**Bomfim**”, a primeira pertencente ao barão, é uma das mais antigas e tem capacidade para moer diariamente 700 ts de canas; a segunda pertence à comp<sup>a</sup>. de que é presidente **Luiz Dubon**, é moderna em tudo, e tem capacidade para a moagem diária de 1200 tons. de cana. Essa comp<sup>a</sup>, denominada **Agrícola e União Industrial de Pernambuco**, exporta toda a produção de açúcar da marca – **primoroso** – (granulado) para o **R.G. do S.** Depois do almoço opíparo, realizou-se uma excursão até o planalto do antigo engenho dos avós do barão, no sítio denominado **Matapiruna**. Lindos montes e vales ostentam aí pitorescas paisagens. [fl.33]

abril (Recife)

5 – Visita do dr. **Arsênio Tavares**, que informou-me estar **João Alberto** negociando a compra do “**Diário de Pernambuco**”, mas que, na frase do dr. **Carlos Lyra**, esse jornal é “de Maroca, que não se dá, não se vende e não se troca”.

6 – Tangerino (da gíria pernambucaba) – o que tange ou conduz o gado, tropeiro. Gengibre – grama muito nutritiva em Pernambuco.

7 – Chegada do **Sinval**, no avião da **Condor**.

12 – Regresso do **Sinval**, no avião da **Panair**.

22 – Recebida uma carta de **João Neves**, trazida por **Assis Brasil**, que passou ontem no “**Almada Star**” [fl.34]

28 – Penosa, injurizada – o mesmo que perua (da gíria pernambucana)

maio (Recife)

10 - Preserpada – brinquedo, vadiagem na rua (gíria pernambucana).

13 – Passeio ao engenho do dr. **Archimedes de Oliveira**, em **S. Lourenço**. Viagem de trem até “**Morenas**”, onde está situada a importante fábrica de fiação, pertencente à “**Société Belge**”.

A linha férrea passa por “**Jaboatão**”. No engenho o que chama a atenção é um bom lote de 300 cabeças de gado zebú.

17 – Chegada do dr. **Liberato Soares Pinto**, emissário dos drs. **Paim**, **Collor** e **J. Neves**, e portador de cartas destes. [fl.35]

20 – Passeio a Sapucagy, propriedade do dr. **Zenóbio Lins**, e visita à fábrica de fiação – Pirapama. Ali almoçamos, voltando às 18 h., e aqui chegando às 20h.

junho (Recife)

5 – Faleceu em **Porto Alegre**, o dr. **Protásio Alves**.

agosto (Recife)

17 – Visita, em companhia do dr. **Mário Mello e Othon Bezerra de Mello**, aos pontos históricos do **Recife**: capela fundada por **Henrique Dias**; obelisco no “**Arraial Velho do Bom Jesus**”, onde existia o forte de **Matias de Albuquerque**, que aí resistiu aos holandeses por espaço de 5 anos; portão, em ruína, do sítio de **João Fernandes** [fl.36] **Vieira**; obelisco no **Arraial Novo**, onde **João Fernandes Vieira** se fortificara contra os holandeses; estação da **Western**, no local da antiga fortaleza das “**Cinco Pontas**”, onde se encontra uma placa comemorativa do suplício de **Frei Caneca**, ali fuzilado, nas proximidades do mesmo local, obelisco comemorativo da entrega das chaves da cidade pelo gen.<sup>al</sup> holandês ao gen.<sup>al</sup> portugueses.

18 – Regresso de **Alfredo Faveret**. Recebido por ele uma carta, datada de 2 de julho, e subscrita por **J. Neves, L. Collor e Baptista Luzardo**.

13 – [sic] Regresso, no **Graf Zepelin**, de **Marcial Terra e Oliveira Vasconcellos**.

#### setembro (Recife)

4 – Passeio, em companhia do dr. **Costa** [fl.37] **Carvalho** e senhora, aos morros “**Guararapes**”, e visita à igreja de “**N. S. dos Prazeres**”, depois de percorrida a praia da **Boa Viagem** até a foz do rio “**Jangada**”.

19 – Entrega ao “**Diário de Pernambuco**” do projeto de constituição com a respectiva exposição de motivos.

30 p.m.<sup>99</sup> – Mudamos a residência para a **Boa-Viagem**, rua da **Praia** n.6

#### outubro (Recife)

8 – *Convalesce* no parque da residência do dr. **Monteiro de Moraes**.

16 – Visita ao banguê do dr. **Mário Castro**, em **Tigipió**, onde almoçamos com vários convivas, entre os quais os drs. **Andrade Bezerra**, diretor da Faculdade de Direito, **Heitor Maia**, secretário da Fazenda, professores [fl.38] **Genário**[?] **Guimarães** e **Gervásio Fioravante**, **Ulisses Correia**, etc.

19 – Passeio à usina estrelliana de **João Vanderlei de Siqueira**, em **Amaragi**, município de **Ribeirão**. Foram companheiros os drs. **Nilo Camara**, **Benedito Abreu Lima**, etc.

#### novembro (Recife)

9 – Pensamentos insertos no livro de **F. Nitti**. Problemas contemporâneos: “O difícil não é criar uma ditadura, mas sair dela”. Já uma vez lembrei a frase de **Solon**, que jamais quis aceitar a ditadura. Aos amigos que o exortavam e ao povo que o aplaudia, disse o maior legislador da antiguidade que a ditadura de apresenta como um jardim florido em [fl.39] que de bom grado se entra e do qual não se pode mais sair. Todas a ditaduras têm acabado mal, ou pela revolução ou pela restauração. Disso tiveram ciência os próprios ditadores inteligentes. Contam os historiadores de **Cromwell** que, quando voltava ele vencedor da **Irlanda** e o povo o aplaudia, um dos seus generais, para o adular, lhe disse: *Essa turba vem aplaudir-vos!* O ditador, ou como **Cromwell** gostava que o chamassem, o *protetor*, respondeu sorrindo: *Que maior turba seria, se viessem a ver-me enforcado!*

---

A crise mundial só depende da desordem política, e só acabará quando as causas de ordem políti- [fl.40] ca, que a determinaram, forem eliminadas. Esta era, em 1920, a minha convicção e esta o é agora. Mas os homens, mesmo os que se julgam mais sábios, têm

---

<sup>99</sup> à tarde

necessidade de errar por muito tempo antes de achar o caminho da verdade, e a verdade, em política, como diziam os romanos, não é *res condita*, mas *res condenda*.

(Causas de ordem política da crise mundial: o excessivo aumento das despesas públicas e a inflação, a ilusão das grandes indenizações da **Alemanha**, a loucura dos novos imperialismos e das ditaduras, a renúncia primeiro, da liberdade econômica e, depois, de muitas liberdades [fl.41] políticas, a difusão do militarismo e do protecionismo, etc.)

**14** – Chegada do **Silval** com a família.

**17** – Não são as idéias que governam o mundo, mas os instintos e as paixões, ou, para melhor dizer, as idéias não atuam senão quando despertam os instintos e excitam as paixões. Nisto está a diferença entre os homens de pensamento e os homens de ação; os primeiros falam às inteligências, e os outros não se preocupam jamais de saber se uma coisa é verdadeira ou não, se uma promessa poderá ou não realizar-se, mas somente se poderá excitar ódios ou atrair simpatias (**F. Nitti**) [fl.42]

**30** – Consideravam os gregos como democracias todos os governos que satisfizessem a três condições: a *isonomia*, pela qual todos os cidadãos são iguais perante a lei; a *isotímia*, pela qual todos os cidadãos são iguais quanto às honras e aos cargos públicos, segundo as aptidões; a *isogenia*, pela qual todos os cidadãos podem exprimir livremente as suas opiniões (**F. Nitti**)<sup>100</sup>

dezembro

**3** – Decreto contra a usura – 22626 de 7 de abril de 1933.

É proibido contar juros por juros.

Esta proibição não compreende acumulação juros vencidos aos saldos líquidos em conta-corrente [fl.43] de ano a ano (art. 4º.)

Admite-se que pela mora dos juros contratados estes sejam elevados de 1% e não mais (art. 5º.)

**1934**

fevereiro

**18** – Chegada de **Otacílio Fernandes**.

**21** – Regresso do mesmo

**23** – “A política não é senão uma história antecipada, e a história não é senão o passado das formas políticas, logo em oposição” (**Nitti**. *A Democracia*.)

agosto – **23** – Nossa partida de **Recife**

“ - **27** – Nossa chegada, à 8 horas, ao **Rio de Janeiro**

setembro – **11** – Nosso regresso, no hidro-avião **Ipiranga**, a **Porto Alegre**.

Chegada a esta cidade no mesmo dia, às 17 h. [fl.44]

**1935**

fevereiro

**7** – “Se a política não pode nunca ser uma ciência, porque ela trata sobretudo com os sentimentos e as paixões dos homens, e porque o efeito não se apresenta jamais separado das

---

<sup>100</sup> Francesco Nitti

variáveis condições do meio, o que torna impossíveis todas as previsões, ela resta em suas formas superiores uma expressão do gênio como a obra d'arte". (Nitti. *A Democracia* vol II, p.32)

Em termos mais corretos e precisos, dir-se-á melhor:

"Se a política não pode nunca ser uma ciência, porque é a resultante do jogo dos sentimentos e paixões dos homens, [fl.45] e porque a sua ação não se apresenta jamais separada das condições variáveis do meio, o que impede todas as previsões, só nos resta considerá-la, nas suas formas superiores, como uma expressão de gênio, à semelhança da obra d'arte."

[não consta 1936]

**1937**  
**Rio de Janeiro**

Agosto – **10** – Recebida a visita do dr. **José Américo de Almeida**, no **Hotel Itajubá**.

setembro – **28** – Apresentei na Câmara um projeto de Código Rural.

outubro – **18** – Renúncia formal do governador **Flores da Cunha**.

“ - **19** – Decretada a intervenção federal no **Rio Grande do Sul**. [fl.46]

**Rio de Janeiro**  
**1937**

novembro – **10** – Fechados o Senado e a Câmara, e guardados desde o amanhecer por praças da polícia e exército.

[não consta 1938 a 1943]

**Irapuazinho**  
**1943**

maio – **14** – “A história é como a vida: quanto mais as coisas mudam, mais permanecem inalteradas” (*História da Humanidade*. **H. Van Loon**, pág. 144)

maio – **21** – “A Política conduz o mundo, visto que tudo - até a História - leva o seu selo (**Henri Robert** – *Os Grandes Processos da História*, vol. IV, pág.128.) [fl.47]

**1943**

agosto – **24** – “Quando se estuda a fundo o problema da democratização das sociedades modernas, experimenta-se o sentimento do inevitável, que impressionara a **Tocqueville**.

Sem dúvida, muitos movimentos permanecem inexplicáveis, e tem-se a tentação de dizer como **Santo Agostinho**: Si nemo ex me quorat, scio; si quarenti explicare volo, nescio. (*Confissões*, XI, 14) **F. Nitti**. *Democracia* .

**1944**

**Emerson** consignou num dos seus livros: *Cada homem que encontro é, em alguma coisa, superior a mim. Tenho sempre, portanto, o que apreender com ele.* (*Reader's Digest* – Abril 1944, pág. 109) [fl.48]

[não consta 1945]

**1946**

Maio – 7 – às 13 hs. – Visita do cor.<sup>el</sup> **Adalberto da Rocha Moreira**, vindo ao **Rio Grande** [do Sul], na qualidade de emissário particular do presidente da República, para auscultar a sua situação política. Pediu minha opinião a respeito.

Outubro – 12 – às 21 hs. – Conferência, em meu gabinete, com os drs. **Raul Pilla**, **Flores da Cunha**, **Ivo Correia Meyer**, **Alcides Flores Soares**, **Salgado Martins** e **Othelo Laurent** sobre o encaminhamento do nome do dr. **Armando Câmara**, como candidato de conciliação, ao governo do Estado, no que estiveram todos acordes. Em seguida dirigiram-se à Arquidiocese para uma conferência a respeito com o Monsenhor **Scherer** <sup>101</sup>.

[Fim]

Diário político de **Borges de Medeiros** - 1932  
Cópia reprográfica pertencente a **Laudelino Medeiros**  
10 folhas – formato: 9,5cm x 6cm

[fl1.]

Diário político  
março 1932

dias

5 – Viagem a **P. Alegre**, encontro com o interventor<sup>102</sup> às 23 h., na altura da [filha da] **Pintada**.

7 – Primeira conferência com o interventor, e dr. **J. Neves**<sup>103</sup>, **Collor**<sup>104</sup>, **Luzardo**<sup>105</sup>, **Pilla**<sup>106</sup> e Gen. **Ptolomeu de Assis Brasil**.

8 – Segunda conferência com os mesmos.

[fl2.]

9 – Terceira conferência com os mesmos.

10- Quarta conferência com os mesmos e mais o dr. **Maurício Cardoso**<sup>107</sup>.

11- Redação definitiva da mensagem ao chefe do governo Provisório, de cujo preâmbulo fui incumbido.

12- Chegada do dr. [fl3.] **Assis Brasil**<sup>108</sup>.

14- Meu primeiro encontro, de manhã, com o mesmo.

Conferência coletiva, à tarde.

15- Um telegrama dele ao dr. **Getúlio Vargas**, consultando-o previamente sobre os pontos de vista da política rio-grandense.

16- Resposta do dr. **G. Vargas**.

[fl4.]

17-18 – Exame crítico do telegrama presidencial.  
Resolvida a ida ao **Rio do Gen. Flores da Cunha**.<sup>109</sup>

---

<sup>101</sup> Alfredo Vicente Scherer, futuro 1º Cardeal do RGS.

<sup>102</sup> José Antônio Flores da Cunha

<sup>103</sup> João Neves de Fontoura

<sup>104</sup> Lindolfo Collor

<sup>105</sup> João Batista Luzardo

<sup>106</sup> Raul Pilla

<sup>107</sup> Joaquim Maurício Cardoso

<sup>108</sup> Joaquim Francisco de Assis Brasil

19 – Embarque do dr. **A. Brasil** para **Pedras Altas**.

21 – Telegrama do Gen. **Flores** a mim e ao dr. **Pilla** sobre as disposições conciliatórias do ditador.<sup>110</sup>

23 – Meu regresso à estância [do **Irapuázinho**]

[fl5.]

28 – 3 – 1932

Conferência na **Cachoeira**<sup>111</sup> entre os drs. **Flores da Cunha**, **Assis Brasil**, **João Neves**, **L. Collor**, **B. Luzardo**, **B. de Medeiros**<sup>112</sup> e Gen. **Ptolomeu Brasil**. Ouvida a exposição do interventor sobre o resultado de sua [fl6.] viagem ao **Rio [de Janeiro]**, ficou resolvido unanimemente manter-se inalterável o heptálogo constante da mensagem enviada ao chefe do governo Provisório, em 15-3-32.

[fl7.]

abril 1932

13 – Conferência com o dr. **Oswaldo Aranha**, **Arthur de Souza Costa** e dr. **João Neves**, em casa deste. Explicou o primeiro a sua atitude e comprometeu-se espontaneamente a agir junto ao ditador na sentido de marcar-se já a data de eleição.

[fl8.]

maio 1932

12 – Vinda ao **Irapuázinho** dos drs. **Flores**, **Sinval** e **João Carlos** para o exame da proposta do pacto de aliança com a **frente única paulista**.

Combinadas as modificações, resolveu o interventor ir a **S. Paulo** para oferecer a sua mediação [fl9.] a favor de uma solução apaziguadora.

[fl10.]

28 – Vinda ao **Irapuázinho** dos drs. **Sinval** e **Raul Pilla** para discutirem a proposta do dr. **Oswaldo Aranha** sobre a reconstitucionalização por etapas e fixação da eleição dentro de 1 ano.

Recusada a primeira fórmula, e aceita a segunda.

[fim]

Rascunho da exposição ao Pe. **Luiz Gonzaga Jaeger** sobre a minha integração católica em 1951 no **Irapuazinho - Borges de Medeiros**

Cópia reprográfica pertencente a **Laudelino Medeiros**

8 folhas – formato: 13cm x 24,3cm

[fl.1]

(Rascunho)

### A minha crença religiosa

Sou católico pela minha origem e educação doméstica.

Filho de casal católico recebi no lar paterno os rudimentos essenciais da doutrina cristã, rezando habitualmente as suas principais orações.

---

<sup>109</sup> José Antônio Flores da Cunha

<sup>110</sup> Getúlio Dornelles Vargas

<sup>111</sup> Cachoeira do Sul / RS

<sup>112</sup> Antônio Augusto Borges de Medeiros



Com a idade de 2 anos fui batizado na Igreja Católica de **Cachoeira do Sul**, tendo nascido em 19 de novembro de 1863, na cidade de **Caçapava**, neste Estado. Terminada a minha instrução primária em **Cachoeira do Sul**, realizei no **Colégio Souza Lobo**, em **Porto Alegre**, os meus estudos secundários, matriculei-me, depois, na **Faculdade de Direito de S. Paulo**, que freqüentei até o fim do 4º. ano e, aprovado nos respectivos exames, segui incontinentemente para a cidade do **Recife**, em cuja Faculdade de Direito prestei exames extraordinários das matérias do 5º.ano, obtendo o diploma de bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas, aos 8 de junho de 1885.

Voltando a residir na cidade de **Cachoeira do Sul**, ali voltei a freqüentar a Igreja Católica e em 30 de janeiro de 1889 realizei meu casamento religioso, de que foi celebrante o vigário de **Cachoeira do Sul**, P.º **Marcolino de Maia Firme**.

Em 1890 fui eleito deputado à primeira Constituinte Republicana, inaugurando-se então a minha carreira política, que teria de prolongar-se até 1937, abrangendo consequentemente o longo período de 47 anos, durante os quais exerci sucessivamente os cargos de Desembargador do Superior Tribunal, Chefe de Polícia e Presidente do Estado.

Terminando definitivamente o meu governo em 25 de janeiro de 1928, passei a residir na minha propriedade rural, situada no município de **Cachoeira do Sul**, donde tive de sair em 1932 para associar-me ao movimento de solidariedade com a Revolução Constitucionalista de **S. Paulo**. Preso então e recolhido à **Ilha do Rijo**, na **Baía de Guanabara**, dali, pouco depois fui desterrado para a cidade do **Recife**, donde só regressei em agosto de 1934.

Eleito deputado federal, em seguida, compareci às sessões da respectiva Câmara até a dissolução violenta do **Congresso Nacional** pelo Governo de **Getúlio Vargas**.

Foi assim que durante minha longa vida pública os árduos encargos e trabalhos absorventes da política partidária e do [fl.3] governo foram contribuindo para que fosse relaxando os deveres religiosos, tornando-me arredio da Igreja.

Essa circunstâncias talvez haja contribuído para que se generalizasse então a hipótese da minha adesão à **religião da humanidade**, fundada por **Augusto Comte**! Nada mais falso. Nunca entrei numa igreja positivista. Apesar de tudo que fica exposto nunca perdi a fé em **Deus** e na divindade de **Cristo**! (vide pág. 4)

Tanto assim que, aproximando-se o 62º. aniversário do nosso casamento, eu e a esposa resolvemos solicitar ao ilustre sacerdote P.º **Luiz Gonzaga Jaeger**, S.J., o seu comparecimento em nossa residência, na **Estância Velha do Irapuazinho**, a fim de celebrar Missa e nos ministrar a comunhão, comemorando-se assim o transcurso da festiva data doméstica, em 30 de janeiro de 1951.

Em 1954 voltamos a residir definitivamente em **Porto Alegre** e aqui vou habitualmente ouvir a Missa dominical na **Catedral Metropolitana**, comungando não poucas vezes. [fl.4]

(cópia)

Aditamento

Completando os dados biográficos que tive a oportunidade de fornecer ao provector historiador e meu prezado amigo P.º **Luiz Gonzaga Jaeger**, cumpre-me informar que, após a sua desejada e grata visita à minha residência, em 1951, na **Estância Velha do Irapuazinho**, município de **Cachoeira do Sul**, onde celebrou Missas e

outras cerimônias religiosas, senti revigorar-se a minha fé Católica, passando desde então a freqüentar habitualmente a Igreja em **Porto Alegre**, cumprindo os seus mandamentos e rezando diariamente as principais orações do Catecismo. Sinto assim que estou vivendo atualmente sob a influência da graça santificante.

**Porto Alegre**, 19 de agosto de 1959

**B. M.**

[fl.7]

#### Aditamento

Completando os dados biográficos que tive a oportunidade e a satisfação de transmitir ao acatado historiador e emérito catequético, P.<sup>o</sup> **Luiz Gonzaga Jaeger**, S.J., cumpre-me ainda informar que, durante cerca de 50 anos de vida pública, em que consagrei-me de corpo e alma ao serviço da República e do meu Estado natal, fui pouco a pouco olvidando os deveres religiosos, afastando-me da Igreja.

Encerrada, porém, a carreira política e recolhido à minha vivenda de campo no município de **Cachoeira do Sul**, aí a meditação e a leitura do Novo Testamento e do Sermão da Montanha, entre outras obras religiosas, reavivaram em minha alma a fé nos dogmas católicos, de modo que, após a memorável visita do venerável P.<sup>o</sup> **Luiz Gonzaga [Jaeger]** à nossa residência, passei desde então a freqüentar habitualmente a Igreja, em meu regresso à **Porto Alegre**.

Desde então passo a considerar também que tudo no mundo é vaidade, e vaidade das vaidades, exceto amar e servir somente a Deus. (*Imitação de Cristo*, pág. 2)

**Porto Alegre**, 24 de agosto de 1959.

[a] **Borges de Medeiros**

[fl.8] [2 folhas – formato: 26cm x 19,7 cm]

[com letra de **Borges de Medeiros**] Rascunho da **Dejanira**

[com outra caligrafia].

Minha família sem nada me dizerem [sic], mas preocupados com a minha integração completa, começaram a fazer uma campanha de orações, livros e em trabalho junto com o P.<sup>o</sup> **Jager** [sic] o traziam a visitar-me como estoriador [sic]. Tornando-me amigo [d]o digno Sacerdote não foi difícil a este depois entrar em ação direta. Passaram-se alguns anos e na época do Ano Santo foi a [sic] Europa o reverendo Sacerdote. Procurando pessoas amigas para ajudá-lo em sua viagem tive injeção [sic] de também contribuir para este fim. Em sua ausência fui acometido de uma gripe [sic] gripal com uma congestão pulmonar, que preocupou muito aos médicos e a todos que me rodavam [sic]. Nessa ocasião, soube depois, os meus familiares se dispuseram [sic] a enfrentar a decisão que haviam tomado de aproximar-me da Mesa Eucarística.

Chegando da **Europa** o P.<sup>o</sup> **Jeger** [sic] comunicaram-lhe o que se havia passado e as apreensões por que passaram temendo um desenlasce [sic] sem os respectivos sacramentos. Foi nesta ocasião então tratado que o Padre me escreveria, como de fato o fez.

Dizia-me ele que **Deus** me havia dado a saúde do corpo para me dar tempo para curar-me também completamente da alma. Pedia que queria ir em seguida, isto era no mês de outubro, para preparar-me [fl.9] para o grande banquete. Pedi então que adiasse mais para diante cuja data marquei para 30 de janeiro, pois era o nosso aniversário de casamento, que ficaria, assim bem assinalado os 62 anos em que naquele mesmo lugar havíamos contraído matrimônio. Pedi mais que me enviasse um catecismo para poder preparar a minha 1ª. confissão.

Convidamos todos os vizinhos [sic] e amigos para a grande festa. Houve nessa ocasião grande número de comunhões, casamentos e batizados, completando desse modo a felicidade minha, de minha Esposa e principalmente daquelas pessoas que tanto almejavam por este dia. Ao meu bom amigo P.<sup>e</sup> **Jeger** [sic], eu e todos os meus somos-lhes [sic] devedores de uma enorme [sic] gratidão.

[Fim]



Antônio Augusto Borges de Medeiros e sua esposa Carlinda,  
fotografados por Virgílio Calegari  
Acervo do Arquivo Histórico do Estado

O meu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico reveste-se de singularidade.

É que desde jovem acostumei-me ao seu nome, às suas atividade e anseios, graças à aproximação de Aurélio Porto, quando governava minha terra natal<sup>114</sup>, e desse feliz contato, que constitui para mim uma das conquistas mais preciosas da minha vida, dada a sua inteligência, a sua afabilidade, a sua palavra fácil e o seu extraordinário dom de comunicação, - ficou-me valiosa herança: um exemplar dos estatutos deste sodalício, o respeito e admiração que passei a dedicar a esta agremiação e a amizade do autor das *Missões Orientais do Uruguai*, a qual se prolongou até a sua morte.

A transferência mais tarde de residência para esta Capital, proporcionou-me a aproximação de Eduardo Duarte, Othelo Rosa, Walter Spalding, Olyntho Sanmartim, de Paranhos Antunes, Afonso Guerreiro Lima, Mário Teixeira de Carvalho, Eurico Rodrigues, Pe. Luiz Gonzaga Jaeger e, finalmente, Arthur Ferreira Filho – para citar apenas aqueles com quem mais convivi – que haveriam de contribuir para consolidar as relações espirituais com esta agremiação respeitável.

E daí a frequência às suas reuniões festivas no velho prédio da Rua Riachuelo n. 1307<sup>115</sup>, onde vim a conhecer e admirar Thomaz Carlos Duarte, figura exemplar de servidor capaz, prestimoso e incansável desta Casa, que ele tem sabido estimar e exaltar e à qual deixará o seu nome indelevelmente ligado.<sup>116</sup>

Já vêm os nobres membros deste Instituto que, não obstante ser recebido hoje neste cenáculo presidido pelo meu eminente mestre Adroaldo Mesquita da Costa, a quem me ligam velhas relações de estima desde os bancos acadêmicos e devoto profundo respeito e apreço pelas suas qualidade pessoais e de jurista e de homem público, - já me achava ligado aos seus destinos, há muito tempo.

Lamento que a vida profissional intensa e a política me tenham afastado de todo das lucubrações de ordem histórica e do contato, durante muitos anos, daqueles que acostumara admirar e que integravam este centro de pesquisa e estudo.

Todavia, de longe, acompanhava as suas atividades.

E, quando à testa do governo de São Leopoldo, ao nosso prestigioso Instituto recorri para efetivação do primeiro congresso de História e Geografia como parte integrante das comemorações do primeiro centenário de seu vilamento, - ainda o trazia em meu espírito.

Ao seu apoio valioso, que julguei indispensável, devem as letras históricas a magnífica contribuição de estudos que foram enfeixados nos *Anais do 1º Congresso de História e Geografia de São Leopoldo*.

Esse acontecimento teve o condão de reaproximar-me da Casa da Rua Riachuelo e voltar a rever mais assiduamente os seus ilustres integrantes e privar da amizade de Armando Dias de Azevedo, Moysés Vellinho, Coelho de Souza, Mansueto Bernardi, Athos Damasceno Ferreira, Darcy Azambuja, Guilhermino Cesar, Carlos Dante de Moraes, Dante de Laytano, Carlos Reverbel e Paulo Xavier.

E no entanto não sonhei e nem tive a pretensão de integrar o seu quadro oficial.

<sup>113</sup> Discurso de posse em 22 de novembro de 1973

<sup>114</sup> Montenegro/RS

<sup>115</sup> Hoje n. 1317

<sup>116</sup> Em 5 de agosto de 1992 foi entronizada, no acervo bibliográfico IHGRGS, a placa com os dizeres: *Biblioteca Thomaz Carlos Duarte*, em homenagem à memória de seu administrador

Não fora o chamamento, o desvanecedor interesse de alguns de seus membros não estaria hoje vivendo um dos dias mais caros de minha existência ao ser acolhido, tão honrosamente, em seu seio.

Aceito o vosso gesto, em recebendo-me, como honra desproporcionada aos meus méritos de pesquisador.

Contudo nada negarei em esforço e dedicação à cruzada dignificante de meus eminentes pares, que já prestaram ao Rio Grande serviço respeitável para conhecimento e evocação de nosso passado.

Bem sei das responsabilidades que nos assaltam nos dias presentes para realizar a obra que se propôs o Instituto.

É que vivemos nova e extraordinária fase de civilização com o progresso científico.

A última década do século passado projetou o mundo civilizado, mercê da criatividade científico-tecnológica decorrente da Revolução Industrial, em estágio acelerado de transformações, para, depois de relativa estagnação, compreendendo algumas décadas, infletir de maneira impressionante para a tecnologia científica de base termonuclear e eletrônica.

A Segunda Guerra Mundial, com o uso sobretudo de energia nuclear, determinou, em razão dos conhecimentos e experiências acumuladas nesse período, transformações tão violentas no processo de desenvolvimento sócio-econômico que um novo sentido de vida se impôs e um receio pelo futuro da humanidade representa fantasma permanente para os estadistas.

“A Revolução Termonuclear”, mesmo nestes seus primeiros passos, - diz ilustre estudioso - colocou nas mãos das sociedades mais avançadas soma tão fantástica de poder destrutivo, construtivo e constritivo que tanto pode conduzir o homem ao reino da fartura e da equidade como pode desencadear um processo de deterioração sociocultural e até biológico mais profundo que qualquer das regressões anteriores. Nesse poder de modelar o futuro está sua característica distintiva da revolução tecnológica. Qualquer que seja o seu poder, o homem terá transitado por esta etapa e será marcado indelevelmente por ela.<sup>117</sup>

Enquanto no passado o homem estava submetido à natureza, hoje já é um instrumento da época tecnológica que ele mesmo criou e o sujeitou ao seu ambiente artificial. E depois da competição atômica entre os Estados Unidos da América e a União Soviética, transformou-se ele no *agente fundamental da ação humana sobre a natureza externa, sobre a ordem social e sobre a própria natureza humana*.<sup>118</sup>

Nessa corrida termonuclear, foram mobilizadas tal quantidade de cientistas e de recursos materiais que o futuro da humanidade ficou à sua mercê.

O autor de *O Processo Civilizatório*, examinando esse quadro impressionante dos dias que vivemos e em que se joga o futuro da humanidade, tem estas palavras:

*Desde seus primeiros passos, a Revolução Termonuclear provocou a mobilização de todos os quadros científicos das respectivas áreas de influência para tarefas de investigação de natureza militar. As universidades e os centros de pesquisa assim conscritos perderam grande parte de autonomia e até mesmo a capacidade de exercer suas funções decisivas de núcleos de pensamento independente e de criatividade cultural livre. Naqueles primeiros momentos, os cientistas, tratados como um misto de sábios e de magos detentores dos segredos da Bomba,*

---

<sup>117</sup> DARCY RIBEIRO – *O Processo Civilizatório*, pág. 193

<sup>118</sup> Idem ibidem, pág. 195

*experimentaram a ilusão de que assumiriam, afinal, as alavancas do poder. Foram, porém, reduzidos progressivamente, a uma função meramente assessorial das altas hierarquias civis, militares e empresariais, nada predispostas a abdicar do poder que detinham. E, mais do que isso, viram-se submetidos aos sistemas mais vexatórios e opressivos de vigilância policial, ao mesmo tempo em que se defrontavam – já de mãos atadas – com os problemas éticos de agentes humanos do desencadear de forças naturais capazes de dar fim a todas as formas de vida.*<sup>119</sup>

O grande historiador Arnold Toynbee, que dedicou a sua longa existência ao estudo da história das civilizações e viveu o drama de duas grandes guerras em postos oficiais de sua pátria, recentemente deteve-se na apreciação da auto-escravidão do homem ao ambiente artificial por ele mesmo construído.

*A mais irônica de todas as consequências das realizações do homem durante o primeiro milhão de anos de sua existência – diz ele – é que a luta travada para tornar-se senhor de sua situação, deixando de continuar a ser escravo dela, deu em resultado simplesmente trocar uma servidão por outra. No ato de tornarem-se humanos nossos ancestrais davam o primeiro passo para modificar, de modo que lhe fosse conveniente, o ambiente em que se encontravam confinados quando despertaram para a consciência. A primeira prova material deste despertar são as pedras que lascou com o fim de transformá-las em instrumentos mais utilizáveis do que eram na forma natural. Desde então, o ambiente natural original do homem, representado pelo instrumento de pedra não lascada do ancestral pré-humano, foi sendo progressivamente superado e finalmente obliterado por um ambiente artificial construído pelo homem. Isto foi na verdade um triunfo seu sobre a natureza. Mas o preço da libertação do homem da servidão à natureza foi o sujeição do ambiente artificial que criou pelo desenvolvimento da tecnologia, graças à qual realizou a conquista da natureza.*

*Hoje o homem se encontra autenticamente em perigo de ser destruído por um monstro de Frankenstein, obra de suas mãos. Infligiu a si mesmo grandezas, qualidades e velocidades que podem avantajá-lo à natureza humana, que até aqui ele não foi capaz de modificar para contrabalançar a modificação revolucionária do setor não-humano da natureza.*<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> Idem ibidem, pág. 193

<sup>120</sup> ARNOLD TOYNBEE – *Experiências*, pág. 407

Esse ritmo extraordinário de progresso influenciado pela tecnologia, com repercussão em todos os ramos da ciência e da atividade humana, determinarão, por certo, novos padrões e rumos na vida econômica, social e política, e com maior rapidez do que experimentamos até a metade deste século.

Todavia impõe-se considerar que *a Revolução Termonuclear* – segundo refere Darcy Ribeiro – *só se fará sentir, efetivamente, como a nova força conformadora da história, quando fizer suceder à trabalho industrial moderna toda a prodigiosa parafernália que hoje se encontra no nível de projetos ou de potencialidades ou de objetos, instrumentos, máquinas e motores de uso limitado.*<sup>121</sup>

É indiscutível que o impacto das forças desencadeadas pela tecnologia, revolucionando as estruturas da vida social e econômica, conseqüentemente o embasamento da organização do Estado, proporcionarão mutações constantes e rápidas do processo evolutivo das sociedades humanas, que têm de se readaptar celeremente às novas condições de vida.

Os meios de comunicação desenvolveram-se de tal maneira que implicou poderosamente no aceleração do progresso e numa documentação fatual jamais controlável.

As cartas geográficas que antigamente se mantinham estáveis durante anos, sem modificações no que diz respeito aos Estados independentes, se alteram constantemente, de ano para ano até, num processo quase revolucionário de rapidez, com a constituição de novos Estados, em decorrência da deterioração progressiva do colonialismo.

As guerras sucedem-se, provocando novas organizações estatais e a interferência de outras potências nas disputas com profundo reflexo nas relações internacionais.

A autodeterminação nacional tornou-se uma constante neste século e as greves explodem a todos os momentos por qualquer motivo, e deflagradas como “expressão de desespero, perda de paciência e de convicção, baseada em uma longa experiência de desilusões, de que nada a não ser a violência chamará a atenção e a consideração dos desumanizados receptáculos do poder”,<sup>122</sup>

Diante de um tal quadro, é de imaginar-se a copiosa documentação que se avoluma, desafiando o empenho, a curiosidade e a tarefa do historiador de nossos dias para fazer a história dos acontecimentos que se desenvolvem paralela, sucessiva e rapidamente.

Destarte, os instrumentos de pesquisa atuais vão-se tornando quase obsoletos senão inaplicáveis. Impõe-se reformulação de métodos de pesquisa e catalogação, pois que os convencionais já não estão em condições de absorver a história dos eventos e atender à demanda do material fatual que se acumula vertiginosamente.

Toynbee, estudando esse aspecto, refere que “o conteúdo cúbico da documentação produzida pelos departamentos do Governo do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial – durante seis anos – era igual ao conteúdo cúbico de todos os arquivos sobreviventes do Reino Unido e de seus predecessores, os reinos da Inglaterra e da Escócia, até a deflagração da guerra em 1939”.<sup>123</sup>

É de admitir-se, assim, que todo o trabalho histórico que transcenda a monografia ou estudo congênere exigirá tarefa cada vez mais difícil e por vezes inexequível daqui para diante, face ao volume do material a ser compulsado, ou consultado, e os recursos de que dispõe o historiador ou o estudioso para realizá-lo.

Entre nós, a História tem sido normalmente atividade lúdica de uns poucos, que roubam de suas obrigações diurnas ou de seus reduzidos lazes tempo para a pesquisa e estudo.

---

<sup>121</sup> DARCY RIBEIRO – ob. cit., pág. 192

<sup>122</sup> ARNOLD TOYNBEE – *Experiências*, pág. 407

<sup>123</sup> Idem ibidem, pág. 412



Nossos arquivos ressentem-se de organização, para o que tem concorrido grandemente a displicência do poder público, ainda divorciada da verdadeira realidade do muito que precisa e deve fazer.

Já se sente felizmente o resultado de providências governamentais nesse sentido, e às Universidades – cumpre reconhecer – precederam-nas de maneira saliente em medidas de real alcance, promovendo a seminários, a levantamento de dados nos arquivos e a publicação de um sem número de monografias valiosíssimas que constituem fontes preciosas de informação e orientação para estudos mais alentados, mais sérios.

O surgimento de uns anos para cá de diplomas em História, em Geografia, em Arqueologia e em outras disciplinas que interessam diretamente à História, representa, sem dúvida, enorme conquista para o progresso do estudo desta matéria. A Biblioteconomia vem-se desenvolvendo e fornecendo elevado número de formandos em condições de trazerem indispensável e esplendida contribuição para as nossas bibliotecas, carentes de pessoal capaz de pesquisar, catalogar e fichar o material conservado nos armários e prateleiras e que desafia o tempo e a disposição do estudioso quando a ele tem que recorrer.

Não há dúvida que muitos desses diplomados não têm condições de exercitar o seu ofício.

Lembra, com certo pessimismo, o historiador José Honório Rodrigues que o bacharel em história *não está preparado para a pesquisa, pois o próprio currículo e a falta de treinamento não o habilitam, e mesmo que o habilitassem, onde iria profissionalmente exercer sua função, se os institutos públicos, bibliotecas, museus e arquivos não possuem recursos econômicos, e os outros institutos sociais não usam recorrer a historiadores e pesquisadores nas suas específicas tarefas de pesquisa histórica ou de reconstrução histórica?*<sup>124</sup>

Essa é a situação real que defrontamos entre nós, e se não houver o concurso munificente do órgão público continuaremos a marcar passo e entravando o desenvolvimento da historiografia.

O autor de *Vida e História* proclama nestes termos as providências:

*Devemos incentivar, organizar e disciplinar a pesquisa histórica, como já fizeram vários outros povos. Conhecer o que se fez e propor o que se deve fazer... Atender a estes objetivos significa, no Brasil, restaurar a tradição imperial de cultivo da História, tão abandonada pela República, descuidosa do passado e de seus vozes e tão confiantes nas tarefas do memento, a tal ponto que o próprio futuro nem sempre foi bem assegurado. O passado só pode ser superado quando suas razões forem ouvidas; de outro modo, ele as reclama.*<sup>125</sup>

Este Instituto, a quem o Rio Grande e o país devem contribuição inestimável para o conhecimento da formação e evolução desta estremadura, incorporada ao território nacional através de lutas incessantes e gloriosas de que nos orgulhamos, - teve que suspender a publicação de sua valiosa revista por falta de recursos e não conseguiu até hoje catalogar a sua preciosa biblioteca e documentário pela mesma razão.

<sup>124</sup> JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES – *Vida e História*, pág. 51

<sup>125</sup> JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES – *A Pesquisa Histórica no Brasil*, pág. 11



Louvres contudo não lhe podem faltar, quando se recorda que o levantamento do acervo imenso de material histórico que já empreendeu foi produto do esforço, da dedicação beneditina de uns poucos, que souberam legar aos estudiosos manancial preciosíssimo.

Mas que fazer – é de perguntar-se -, diante da rápida e corajosa sucessão de fatos sociais, políticos e econômicos que vimos experimentando, se nem conseguimos ainda dominar a documentação do pretérito, ainda tão recente?

Diante de tal interrogação, o historiador francês MARROU diria:

*... é o caso normal em história contemporânea, em que o investigador sucumbe ao peso dos arquivos acumulados, e doravante excessivamente bem conservados. Os problemas realmente interessantes passam a ser inabordáveis, porque as operações de seleção se tornam praticamente infinitas ou, pelo menos, não têm proporção com os resultados esperados. Devemo-nos limitar a monografia-amstras ou, então, condenar equipes de investigadores (mas que sociedade no-los fornecerá?) a um trabalho monótono e ingrato.*<sup>126</sup>

E noutro passo:

*Não é tudo: na medida em que os documentos existem, temos ainda de chegar a ser senhores deles. Aqui intervirá de novo a personalidade, a qualidade de espírito, a formação técnica, o engenho, a cultura do historiador. Retifiquemos, para o completar, o esboço traçado: o grande historiador não será somente aquele que souber pôr melhor os problemas (porque há espíritos quiméricos hábeis em levantar questões insolúveis – o que é tempo perdido), mas aquele que, ao mesmo tempo, souber elaborar melhor um programa prático de pesquisas que permitam encontrar, fazer surgir os documentos mais numerosos, mais seguros, mais reveladores.*<sup>127</sup>

Não basta, porém, escolher o documento, o papel, o livro, o relatório, a memória, o jornal. Impõe-se recorrer, por vezes, à tradição oral e embrenhar-se nas ciências naturais, físicas e econômicas para reconstituir o fato histórico.

BURCKHARDT já dizia no último século que *o estudo da matemática e das ciências naturais, por sua vez, excluem totalmente toda e qualquer consideração histórica. Seja como for, a história espiritual do homem não deve excluir essas matérias.*<sup>128</sup>

Bem vemos que se trata de matéria hercúlea e tanto mais difícil se não dispusermos de meios mais adequados para a pesquisa, através do concurso de bibliotecas bem organizadas, orientadas, de que carecemos ainda.

Já estamos longe de períodos mitológicos, teológico e hegeliano.

VOTAIRE, FEURBACH, MARX e RANKE determinaram novo sentido ao estudo da história, através da crítica, emancipando-o do iluminismo e de dogmas.

Hodiernamente, a História amplia, em extensão e profundidade, o seu campo de pesquisa e de dependência a um sem números de ramos da ciência como a arqueologia, a

<sup>126</sup> H.I. MARROU – *Do Conhecimento Histórico*, pág. 64

<sup>127</sup> H.I. MARROU – *Do Conhecimento Histórico*, pág. 65

<sup>128</sup> JACOB BURCKHARDT – *Reflexões Sobre a História*, pág. 31

paleontologia, a antropologia, a sociologia e economia, que, com o seu desenvolvimento, cada vez maior, a tornam uma das disciplinas de preocupação mais exigente e sedutora.

O eminente historiador norte-americano SHOTWELL, depois de examinar as diversas teorias que tentaram explicar e orientar a História, assim se manifesta:

*Passamos em revista as interpretações mitológica, teológica, filosófica, materialista e econômica da História e chegamos à conclusão de que nenhuma delas, estabelecida em sua forma extrema, resolve a situação. A Teologia ou a metafísica pura omite e distorce a História que se propunham explicar; a História não lhes é tarefa adequada. O materialismo e a Economia embora – mais promissoras, por serem terrenas, não ultrapassam certo ponto. vida em si mesma escapa à análise. A conclusão é a seguinte: temos dois elementos nosso problema que devem ser conciliados, de um lado, o físico e, de outro lado, o material. Somente quando a Psicologia e as Ciências Natural e Econômica forem voltadas para o problema, a trabalhas em cooperação como aliadas, e não como rivais, poderá a História inteligentemente prestar boas contas dela mesma. Precisamos de mais dados do que temos atualmente. A única Economia que pode prometer resultados científicos é a que se baseia no método estatístico, porque, a despeito de BERGSON, conjecturas brilhantes dificilmente podem satisfazer, a menos que sejam verificadas. As Ciências Naturais estão somente começando a mostrar a relação íntima da vida com seu ambiente, e a Psicologia mal começou o estudo de grupo.*<sup>129</sup>

É de admitir-se que nenhum historiador que queira realmente fazer história poderá, como já reconheciam alguns historiadores do século passado, fugir ao exame do homem e do fato histórico, sob a dependência do meio ambiente, que envolve a psicologia social, e economia e outras ciências afins, agentes determinantes das mais diversas, respeitáveis e por vezes decisivas influências.

Para apreciação do acontecimento histórico, apresenta-se ao historiador, cioso de bem interpretá-lo, gama imensa de pesquisas e estudos que lhe exigirá esforço normalmente desproporcional ao resultado a obter.

E por maior que seja o seu empenho sempre estará longe de ter versado proficientemente o fato ou o tema histórico escolhido, pela deficiência de dados ou impossibilidade de buscar todos os elementos de pesquisa de que poderia desfrutar, mormente se se abalançar a cuidar de matéria que exija recorrer a alguns ramos da ciência a que aludi.

Côncio estou de que não venho trazer novidades para os estudiosos senão chamar a atenção para as dificuldades que se vão acumulando, mercê da rapidez e desenvolvimento dos acontecimentos deste fim de século, para fazer-se história.

Procurei assinalar os percalços que os pesquisadores terão de arrostar para produzir história honesta, ante a deficiência de subsídios, a dificuldade de servir-se de arquivos com condições adequadas, a impraticabilidade, por vezes, de socorrer-se de elementos que

---

<sup>129</sup> JAMES T. SCHOTWELL – *a Interpretação da História*, pág. 28

contendem com a antropologia, a sociologia, a psicologia e à impossibilidade humana, de consultar o copioso material existente.

A leitura da obra *A Pesquisa Histórica no Brasil* nos proporciona idéia segura de que temos feito no campo da investigação histórica e demonstra o atraso em que nos encontramos na tarefa de pesquisar, de microfilmear, de catalogar, de criar recursos, promover conferências e seminários sobre metodologia, teoria da história e historiografia nas Universidades, reformar e incentivar cursos de biblioteconomia, elaboração de dicionários biográficos e de história, incentivo e organização de pequenos guias sobre os arquivos estaduais e municipais, a feitura de uma bibliografia de estrangeiros sobre o Brasil, e preparação de introduções e roteiros para o estudo da história estadual, regional e local, além de tantas outras providências capazes de possibilitar a eficiência do estudo da História.

Como realizar tão amplo escopo, particularmente em nosso Estado, diante da carência de recursos materiais, senão através do interesse especial e liberalidade do poder público?

Apesar de toda essa série de problemas que desafiam o historiador, luta ele ainda com o fator poderoso do acaso, pois que, em contraposição a alguns doutrinadores, o termo *história não designa mais do que uma seqüência de eventos sem nexos racional, de fatos sem encadeamento*<sup>130</sup>, no dizer de LEFEBVRE.

E, segundo COMMAGER:

*Quanto mais envelhecemos, tanto mais claramente vemos que o Rei Acaso modela três quartos dos acontecimentos deste mundo miserável.*<sup>131</sup>

E mais adiante acentua:

*A História é uma selva de acidentes, cilada, surpresas e absurdos, e assim 'é o nosso conhecimento dela...'*<sup>132</sup>.

Como obviar esse fator ponderável do estudo da História?

Buscando leis para eliminá-lo, ou para reduzir-lhe os efeitos?

COMMAGER, a propósito, se manifesta:

*Ante a dificuldade aparentemente insuperável da formulação de leis ou resolução dos problemas da causalidade, alguns historiadores desistiram e, por assim dizer, refugiaram-se no princípio do acaso.*<sup>133</sup>

E mais conciliador pondera:

*E há também outra consideração consoladora, a de que, embora os acasos freqüentemente mudem o ritmo ou o método da História, raramente o modifica de uma maneira fundamental.*<sup>134</sup>

HENRI ADAMS e EDWARD P. CHEYNEY, entre outros, tentaram estabelecer leis, baseados no fato de que outras ciências – ostentavam leis – a lei de MALTHUS do crescimento da população, a lei de GRESHAM, em Economia, a lei dos salários de FERDINAND LA SALLE, a lei da Geografia, de HENRY BUCKLE, além de outras.

Por que não teria a História – pensavam eles – também as suas leis?

COLLINGWOOD, examinando tão tentadora empresa, alude:

*O passado, consistindo em acontecimentos particulares no espaço e no tempo que já não se verificam, não pode ser apreendido pelo pensamento matemático porque este apreende objetos que não têm situação específica no espaço e no tempo, e é precisamente essa falta de situação espaço-temporal*

<sup>130</sup> HENRI LEFEBVRE – *O Fim da História* – pág. 19

<sup>131</sup> HENRI STEELE COMMAGER – *Iniciação do Estudo da História*, pág. 119

<sup>132</sup> HENRI STEELE COMMAGER – *Iniciação do Estudo da História*, pág. 119

<sup>133</sup> Idem, ibidem, pág. 118

<sup>134</sup> Idem, ibidem, pág. 120

*que os torna cognoscíveis. Nem pode ser apreendido o passado pelo pensamento teológico porque o objeto deste tipo de conhecimento é um objeto singular e infinito, e os acontecimentos históricos são finitos e plurais. Nem pelo conhecimento científico, porque as verdades que a ciência descobre são reconhecíveis como verdadeiras ao serem atingidas através da observação e da experimentação exemplificadas naquilo que realmente percebemos, tendo o passado desaparecido e não podendo as nossas idéias acerca dele serem nunca verificados como verificamos as nossas hipóteses científicas.*<sup>135</sup>

A História não se deixa reduzir a equações, a beleza a axiomas, e a fé a sistemas – observa CHARLES MORAZÉ, que aduz:

*Mas nos prometem (as ciências), ou antes, já nos permitem distinguir em nosso saber o que pode ser compreendido do que só pode ser apreendido ou sentido. Nenhum raciocínio nem nenhuma máquina de calcular reconstituirão as biografias de Napoleão ou de Racine e não darão melhor conta da natureza dos homens e de suas obras que da das coisas.*<sup>136</sup>

É diante desse panorama que o historiador dos nossos dias vive o drama de fazer história honesta.

E quanto mais sentirmos os efeitos da tecnologia – tanto mais árdua será a sua missão no exame de acontecimentos que transcendam tema particular.

A Cibernética aí está com os seus computadores eletrônicos, ou de processamento de dados, para trazer, por certo, o seu concurso como instrumento de trabalho valioso e indispensável no futuro de nossas preocupações.

- Senhores do Instituto Histórico

Ao ser acolhido solenemente entre vós, bem avalio a responsabilidade que enfrentamos ante o volume da tarefa a realizar, sempre a multiplicar-se, quando somos tão poucos e pequenos os recursos para a empresa.

Todavia a magia de um passado luminoso de coragem e desprendimento dos centauros riograndenses, que souberam e puderam, destemerosamente, em lutas fragorosas, de lança e espada em riste e em cavalgadas impressionantes através das coxilhas e planuras sem fim, plasmar em definitivo as fronteiras do nosso Rio Grande, e a determinação daqueles que, fora dos entreveros e arremetidas, dirigiram a sua formação social, econômica e política – é penhor seguro de que temos nobre e indeclinável compromisso a cumprir: o de exumar dos arquivos esse passado aureolado de glórias e saber enfrentar o devir.

Aqui estou, pois, modestamente, para ajudá-los nesse empenho, que nos deve envaidecer, certos de que estamos construindo a história desta unidade federativa que com dedicação e renúncia tem servido ao Brasil.

<sup>135</sup> R.G. COLLINGWOOD – *A Idéia de História*, pág. 14

<sup>136</sup> CHARLES MORAZÉ – *A Lógica da História*, pág. 13

## O ANUÁRIO DE GRACIANO ALVES DE AZAMBUJA

S.C.F.

Anuário do RGS - 1913



Graciano Alves de Azambuja

Azambuja. Dos 30 números de que se compõe a coleção, Graciano dirigiu os 26 primeiros, passando, depois à orientação de Alcides Cruz, responsável pelos volumes relativos a 1911, 1912, 1913 e 1914. Houve sucessão também entre os editores: a publicação de 1899 leva a responsabilidade de Gundlach & Krahe; as subseqüentes, de Krahe & Cia. sucessores de Gundlach & Krahe.

Em todos os seus trinta números, o Anuário fundado por Graciano Alves de Azambuja conservou-se fiel aos propósitos anunciados no texto de apresentação, datado de 1º de julho de 1884, no volume dedicado ao ano de 1885, que é o primeiro da longa série:

*Empreendendo a publicação do Anuário da Província do Rio Grande do Sul tentamos suprir uma falta que nos parece demasiadamente sensível em nossa vida provinciana, - a de um livro anual, especialmente dedicado a esta província, aqui impresso e aqui inspirado, reunindo em si, quanto puder, o útil e o agradável e por meio do qual, ao lado das informações do calendário, das efemérides astronômicas, das tabelas, indicações e leituras amenas usuais em livrinhos desta ordem, se procure dar aos seus favorecedores alguns estudos sobre assuntos de interesse local e pequenos ensaios de vulgarização científica destinados à instrução popular.*

De fato, a vulgarização científica, sob a forma de divulgação geográfica, histórica, biológica e agrônômica, está presente em todos os números do Anuário. E mesmo que tal divulgação esteja hoje superada pelos avanços da ciência, constitui corpo de informações digno de consideração e respeito. Pelo índice que organizamos, pode-se perceber a riqueza de dados referentes à Botânica, à Zoologia e à Geologia. Trabalhos de Rodolfo Von Ihering e de João Dutra sobre as árvores do Rio Grande do Sul, de Francisco Araújo sobre as plantas medicinais, de

Herbert Smith e Ambrósio Schupp sobre geologia, e ainda de Von Ihering sobre mamíferos, peixes e aves da nossa região, mereceriam ainda hoje a atenção de naturalistas e geógrafos.

O historiador encontrará no Anuário a reprodução de interessantes crônicas sobre a Revolução Farroupilha, as primícias do livro de Wenceslau Escobar sobre a Revolução Federalista, valiosos ensaios de J.B.Hafkemeyer, preciosos dados estatísticos sobre a economia gaúcha durante o espaço de 30 anos, sem falar no forte manancial de informações sobre o cotidiano, em termos de transportes públicos e serviços diversos, suas tarifas, escalas e horários.

O etnólogo há de deparar-se com textos pioneiros como os apontamentos de Afonso Mabilde sobre os índios Coroados, alguns ensaios do P<sup>o</sup> Ambrósio Schupp e do P<sup>o</sup> Carlos Teschauer.

Todas as matérias do Anuário traduzem de algum modo as inclinações e as curiosidades científicas de Graciano Alves de Azambuja, que, apesar de bacharel em Direito por São Paulo e advogado militante, era especialmente seduzido pelas ciências naturais e pela agronomia. Prova disto são seus numerosos artigos sobre viticultura e as experiências diretas que teve nesse ramo em sua fazenda da Barra do Ribeiro.

Porto-alegrense de nascimento, Graciano viveu quase toda a vida em Porto Alegre e arredores, onde também faleceu a 7 de julho de 1911, à beira dos 64 anos. De Porto Alegre apenas se afastou para estudar na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se diplomou em 1866, e para representar o Brasil na Exposição Internacional de Chicago em 1892/93, como um dos comissários oficiais. -

A advocacia assegurou-lhe independência econômico-financeira, permitindo-lhe, ao fim da vida, dedicar-se preferencialmente às suas experiências agronômicas. Nunca abandonou, entretanto, a atividade jornalística, que foi prolongada e constante. Dele diz, a propósito, o autor de seu necrológio no Anuário para 1912, pp.213/223:

*Não há folha porto-alegrense destes últimos quarenta ano em cujas colunas não semeasse os frutos dos seus vastos conhecimentos. E mais:*

*De temperamento frio, próprio de homem de ciência, espírito refletido e sereno, no jornalismo se distinguiu pelo extraordinário bom senso com que se manifestava sobre o assunto submetido à sua consideração, pela profundidade com que discutia e pela preocupação em só tratar de coisas úteis e aproveitáveis.*

Ainda segundo o mesmo necrológio, de provável autoria de Alcides Cruz, Graciano exerceu o magistério, lecionando a estudantes que se preparavam para o curso superior Geometria e Filosofia, *cujas modernas doutrinas professadas por Bain, Spencer, Taine e Maudsley, recém conhecidas no país, ele adaptando-as no que era possível, ia vulgarizando-as já na aula, já na imprensa.*

Se o Anuário, pela sua própria condição de veículo de divulgação popular, não reflete por inteiro a maiúscula envergadura intelectual de seu diretor, ainda assim é um reflexo de sua ampla cultura e de sua larga e flexível curiosidade. Já em 1912 se dizia, segundo Alcides Cruz, que a consulta ao Anuário era indispensável a todos quantos escrevessem sobre o Rio Grande do Sul, e que, a sua coleção se tornara cada vez mais rara e de difícil aquisição.

Tudo isso, obviamente, justifica o trabalho de organizar este índice de suas principais matérias, para torná-las mais acessíveis aos pesquisadores.

Índice das principais matérias contidas no Anuário do Rio Grande do Sul, dirigido por Graciano A. de Azambuja (1885-1914)

A.C.

*Ligeiro esboço corográfico do município de Gravataí*, 1904, pp. 222/ 224.

A.A. da C.

*Um episódio da revolução de 1835*, 1887, pp. 214/ 216.

A.B.C.

*Belezas naturais do Rio Grande do Sul - A cascata grande*, 1899, pp. 273/84.

ALBUQUERQUE, Salvador de

*As árvores deste Estado* (notas aos estudos de Von Ihering e de Lúcio Cidade), 1895, pp. 157/58.

ALMEIDA, Dr. Gabriel Osório de

*Carvão de pedra nacional*, 1906, pp. 256/63.

ARAÚJO, Dr. Francisco

*Plantas medicinais do Estado do Rio Grande do Sul*, 1897, pp. 137/140; 1898, pp. 127/130; 1899, pp. 97/ 101; 1900, pp.193/96; 1901, pp. 197/98; 1902, pp. 125/28; 1905, pp. 307/09.

ARTAGÃO, Mário de

*Romualdo Magriço* (c/estampa), 1898, pp. 97/99.

ASSIS BRASIL, J.F. de

*Empresa pecuária em Ibirapuitã*, 1899, pp. 161/65  
*Exposição pecuária de Chicago*, 1902, pp. 259/69.

AZAMBUJA, Graciano A. de

*Elementos para o estudo e determinação do clima do Rio Grande do Sul*, 1885, pp.218/30.  
*Notas estatísticas sobre a província do Rio Grande do Sul*, 1885, 231/51.  
*O Brasil na exposição de Chicago*, 1896, pp. 209/18.  
*O Barão do Rio Branco*, 1896, pp. 145/58.  
*Videiras americanas*, 1897, pp. 218/19.  
*O Visconde do Rio Grande*, 1897, pp. 177/94.  
*Um juízo competente sobre o Visconde do Rio Grande*, 1898, pp. 261/66  
*As pragas dos nossos pomares e sua destruição*, 1898, pp. 231/34.  
*Cultura de Eucalyptus*, 1898, pp. 221/24.  
*Viticultura*, 1899, pp. 214/225.  
*A viticultura no Rio Grande do Sul*, 1900, pp. 262/65.  
*Ainda a superfície do Rio Grande do Sul*, 1906, pp. 246/47.  
*Viticultura*, 1898, pp. 251/54.  
*O conselheiro Leopoldino Joaquim de Freitas*, 1899, pp. 177/82.

AZAMBUJA, Graciano A. de / VOIGT, Carlos

*A erva mate e sua cultura*, 1900, pp. 177/83.



- AZEVEDO, Felicíssimo M. de  
*A primeira escola de Porto Alegre*, 1885, pp. 155/62.
- BESCHOREN, Max  
*Topografia da região missioneira*, 1908, pp. 122/34
- BRAZIL, Zeferino  
*Obsessão* (conto surrealista), 1903, pp. 188/90.
- BREDEL, J. H.  
*Jazidas metalíferas de Lavras* (relatório), 1910, pp. 130/32.
- CAMPELLO, F. de P. Chaves  
*Viação férrea do Rio Grande do Sul*, 1905, pp. 218/19.
- CÉZAR, J.J.  
*Notas sobre a imprensa do Rio Grande do Sul*, 1885, pp. 188/200,
- CIDADE, Lúcio  
*As árvores do Rio Grande do Sul pelo Dr. Hermann Von Ihering*, 1894, pp. 220/28.  
*A cabriúva*, 1895, pp. 227/32.  
*Estudinhos* (sobre palavras guaranis), 1896, pp. 171/74.  
*Usos e costumes*, 1897, pp. 260; 1897, pp. 232.  
*A vassoura do Monge* (sobre o Monge João Maria), 1899, pp. 117.
- COELHO, M.  
*Alegrete*, 1895, pp. 171/175.  
*Cidade de Uruguaiana*, 1899, pp. 110/11
- CORRÊA, Dr. José Romaguera  
*Poesia popular rio-grandense*, 1904, pp. 135/39.
- CORUJA, A.A.P.  
*Um novo catecismo* (noções gerais sobre a Província, em perguntas e respostas), 1886, pp. 124/29; 1887, pp. 119/24;  
*Senadores e deputados da Província do Rio Grande do Sul*, 1886, pp. 140/46;  
*Antigualhas - Origem dos nomes de algumas famílias conhecidas*, 1886, pp. 153/67;  
*Antigualhas - Alcnhas de Porto Alegre e outras alcnhas*, 1887, pp. 161/83;  
*Antigualhas - As ruas de Porto Alegre*, 1888, pp. 74/81; 1889, pp. 94/103; 1890, pp. 85/89;  
*Episódios da revolução de 1835*, 1888, pp. 120/23; *Efemérides rio-grandenses*, 1888, pp. 156/77.
- CORTHELL, F. L.  
*A barra do Rio Grande do Sul*, 1908, pp. 221/27.
- CRUZ, Alcides



*Vida de Rafael Pinto Bandeira*, 1904, pp. 177/201; 1906, pp. 224/234;  
*Município de Encruzilhada*, 1901, pp. 129/39.  
*Notas dos distritos da Serra e da Vacaria* por I.P.S.A.(1º/1/1851), 1896, pp. 135/142 (revisão e cópia de Alcides Cruz).

CUNHA, José Zeferino da

*Revolução de 1835/45 - O combate do Cerro da Palma*, 1903, pp. 136/37;  
*História da Revolução de 1835 - Combate da Conceição*, 1904, pp. 292

DORIA, Escragnolle

*Joaquim Caetano da Silva*, 1914, pp. 181/89

DUARTE, José Gonçalves

*Recordações históricas (revolução de 1835/45)*, 1896, pp. 196/202.

DUTRA, Dr. João

*As árvores do Rio Grande do Sul* (Continuação do trabalho de Von Ihering, do Anuário de 1892), 1900, pp. 236/40; 1901, pp. 186/91; 1902, pp. 203/208; 1903, pp. 248/54; 1904, pp. 141/48; 1905, pp. 235/239; 1906, pp. 250/54; 1907, pp. 208/211; 1908, pp. 253/56; 1909, pp. 197/201; 1910, pp. 327/35.

ESCOBAR, Wenceslau

*Um capítulo de uma história inédita da revolução rio-grandense de 1893*, 1910, pp.145/56; 1911, pp. 225/36; 1912, pp. 241/53.

FERREIRA, Ignacio de Vasconcelos

*Ao Campara*, 1897, pp. 93/95 - poema).

FORTES, J.B.

*Santa Maria da Boca do Monte*, 1902, pp. 155/62

FREITAS, Leopoldino Joaquim de

*Correções e aditamentos ao Dicionário Geográfico de Milliet de Saint Adolphe*, 1899, p. 234/45.

G.A.

*Morte do Coronel Afonso Corte Real*, 1901, pp. 209/11;  
*Pedro Moringue*, 1901, pp. 238/39.

GAMA, C.

*Canal da Laguna à Lagoa dos Patos*, 1888, pp. 181/83.

GAMA, José da Costa

*Confronto econômico dos diversos sistemas de transporte* (defesa do transporte fluvial), 1902, pp. 148/53.

GOBATTO, Celeste

*Exposição de Uvas - Teresópolis*, 1914, pp. 233/36

GORCEIX, Henrique

*Notícia sobre a jazida e a exploração de ouro em Lavras*, 1905, pp.

177/190.

GUIMARÃES, José Pinto

*O Professor J.P.H. Duplan* (c/estampa), 1901, pp. 225/32.

HAFKEMEYER, P<sup>o</sup> J.B.

*O primeiro mapa com o nome de América*, 1910, p. 225/32.

*As principais representações cartográficas da costa brasileira, nos primeiros três lustros depois da sua descoberta*, 1912, pp.113/127.

*A conquista portuguesa do Rio Grande do Sul*, 1912, pp. 161/ 207; 1913, pp. 177/213.

*Para o centenário da Companhia de Jesus*, 1914, pp. 113/169.

HÉBERT, A.

*Medidas agrárias antigas*, 1911, pp. 161/63.

IHERING, Hermann Von

*As árvores do Rio Grande do Sul*, 1892, pp. 164/96 (início de uma série continuada pelo Dr. João Dutra a partir de 1900).

*Os mamíferos do Rio Grande do Sul*, 1893, pp. 96/123.

*Os índios do Rio Grande do Sul*, 1895, pp. 104/119.

*Os peixes da costa do mar no Estado do Rio Grande do Sul*, 1897, pp. 98/124.

*Os peixes d'água doce do Rio Grande do Sul*, 1898, pp. 161/90.

*As aves do Estado do Rio Grande do Sul*, 1900, pp. 113/154.

*Os índios Patos e o nome da Lagoa dos Patos*, 1910, pp.113/126

J.C.

*O Conselheiro Sinimbu* (sobre a passagem de Sinimbu por Santo Antônio da Patrulha), 1904, p. 140.

KOSERITZ, Carlos Von

*Maximiliano Beschoren* (necrológio), 1889, pp. 143/45 (c/apêndice de Graciano A. de Azambuja)

L.A.H.

*O Padre Clemente Faller* (necrológio), 1898, pp. 139/140.

LEÃO, Sebastião de

*Escavações históricas - Os primeiros açorianos*, 1906, pp. 136/142.

LECOMTE, Cassius

*Tramandaí-Torres*, 1913, pp. 230/33.

LIMA, Antônio de Azevedo

*Asilo de Santa Tereza*, 1909, p. 233

LIMA, Josino S.

*Cruz Alta* (posição astronômica), 1910, pp. 171/73.

*Cruz Alta* (clima), 1912, pp. 154/55.

LINDMANN, C.O.M.

*A vegetação no Rio Grande do Sul* (resumo do livro), 1903, pp. 282/83.

MABILDE, P.F. Afonso

*Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados*, 1897, pp. 145/167; 1899, pp. 125/151.

MAIA, João

*Carlos Ferreira*, 1914, pp. 227/232.

MALAN, Alfredo

*Limites do Estado do Rio Grande do Sul*, 1910, pp. 311/315.

*Passos e vaus*, 1911, pp. 167/171.

*Esboço de uma faixa de fronteira* (Dom Pedrito e Bagé), 1912, pp. 273/78.

*Passo de Goio-En*, 1913, pp. 261/66.

MARTINS, Bráulio

*Major Dionísio Amaro da Silveira* (c/estampa), 1902, pp. 129/133.

*Major Frisão Gomes de Carvalho*, 1902, pp. 225/231.

MAXIMILIANO, Carlos

*O Professor Fernando Ferreira Gomes* (necrológio), 1898, pp. 193/201.

MAZUMBA, Argoacin (possível pseudônimo de Graciano Azambuja)

*Belezas naturais do Rio Grande do Sul - cascata pequena*, 1896, pp. 177/186.

MELLO, Tancredo de

*Santa Vitória do Palmar*, 1906, pp. 178/189.

*Almanaques do Rio Grande do Sul*, 1905, pp. 194/202.

MIILER, James E.

*Notas sobre a superfície geológica do Rio Grande do Sul*, 1910, p. 133/35.

MINSEN, G.

*Ensino agrícola*, 1897, pp. 224/28.

MIRANDA, P.A. de

*O mais antigo almanaque do Rio Grande do Sul*, 1900, pp. 188/89.

MONTENEGRO, J. Arthur

*Coordenadas geográficas*, 1903, pp. 116/128.

OLIVEIRA, Olinto de

*Dr. Sebastião de Leão* (c/ retrato), 1906, pp. 129/135.

OPPITZ, F.

*Tupi-guarani - Esboço sobre a língua indígena*, 1905, pp. 289/304.

ORTIGÃO, Ramalho

*Dom Carlos, rei de Portugal, o martirizado*, 1909, pp. 256/64.

OTTONI, Jorge Benedito

*Enchentes*, 1903, pp. 142/44.

PADTBERG, Augusto

*Um novo e grande atlas do Brasil* (do Barão Homem de Meio), 1911, pp. 113/18.

*Superfície do Brasil*, 1911, pp. 135/42.

*Extensão territorial do Rio G. do Sul* - 1908, pp. 281/83.

PALDAOE, João M.

*Viticultura*, 1902, pp. 313/16.

PORTO, Aurélio

*Fundação de São Sepé*, 1912, pp. 131/135.

PORTO ALEGRE, Aquiles

*Damasceno Vieira*, 1911, pp. 128/130.

RAMOS, Fileto

*O bispo Dom Feliciano e a Câmara Municipal de São Gabriel*, 1891, p. 174.

*David Canabarro* (com a narrativa da recusa ao apoio de Rosas), 1896, p. 167.

*O Campara*, 1897, pp. 92/3.

*A Santa Casa de Misericórdia de São Gabriel*, 1898, p. 220.

*São Gabriel* - 1899, pp. 119/121

RIBEIRO, José Paulo

*Padre Cacique* (ensaio biográfico), 1909, pp. 113/129.

*Pela nossa História*, 1910, pp. 179/185.

RIEDL, J.E.

*Município de Santa Cruz*, 1903, pp. 135.

RIO BRANCO, Barão do

*Limites e navegação na Lagoa Mirim e Rio Jaguarão*, 1911, pp. 245/260. (O texto do tratado está nas pp. 311/313).

RODRIGUES, Alfredo F.

*O nome da Lagoa dos Patos*, 1899, pp. 154/56.

*As areias do Rio Grande*, 1900, pp. 103/109.

SAINT-HILAIRE, A. de

*Viagem ao Rio Grande do Sul*, 1913, pp. 113/125.

SAMUEL

*Palmeira* (sobre Palmeira das Missões), 1900, pp. 286/290.

SCHUPP, Pe. Ambrósio

*Notícia sobre os louva-a-deus do Brasil*, 1899, pp. 257/65.

*Geologia da Lagoa dos Patos*, 1900, p. 173.

*Os aborígenes do Brasil sob o ponto de vista etnológico*, 1903, pp. 145/59.;

1904, pp. 116/128; 1905, pp. 263/72.

*As bolas dos bugres*, 1903, p. 183.;  
*Uma contribuição para a geologia do Rio Grande do Sul*, 1905, pp. 311/320.  
*A caranguejeira*, 1907, pp. 161/65.  
*Uma visita à Ilha dos Marinheiros (as dunas)*, 1911, pp. 145/52.  
*Na praia do Rio Grande*, 1908, pp. 232/37.

SILVA, Joaquim Gonçalves da

*Recordações históricas*, 1897, p. 210/12; 1898, pp. 141/44 (s/ a evasão de Bento Gonçalves do Forte do Mar).

SILVEIRA, Hemetério J. Veloso da

*Cruz Alta*, 1903, pp. 200/203.

*Antônio de Mello e Albuquerque*, 1906, pp. 161/67.

SIMCH, Francisco Rodolfo

*Minerais do Rio Grande do Sul*, 1911, pp. 177/188.

*Climatologia*, 1912, pp. 145/48.

SMITH, Herbert H.

*Geologia do Rio Grande do Sul*, 1901, pp. 113/122.

SPIELBERG, G.

*As terras de campo no Rio Grande do Sul* (com apêndice de Maercker sobre análise de solos), 1886, pp. 191/99.

TAQUARY, João Mendes de

*Fundadores de Taquarí*, 1896, pp. 232/41.

TEIXEIRA, José Gabriel

*Hino Republicano Rio-Grandense*, 1892, pp. 130/36;

*Bandeira da república Rio-Grandense*, 1892, pp. 160/61;

*Nó republicano*, 1892, pp. 198/99; 1895, pp. 177/180

*Hino Republicano Rio-Grandense*, 1893, pp. 180/82

TESCHAUER, Pº Carlos

*Estudos etnográficos - achados índios*, 1901, pp. 292/301.

*Poranduba rio-grandense*, 1902, pp. 169/89; 1903, pp. 300/317, 1904, pp. 241/72.

*Contribuições para a história da civilização do Estado do Rio Grande do Sul*, 1903, pp. 209/28.

*A catequese dos índios Coroados do Rio Grande do Sul*, 1905, pp. 129/68.

*A língua Guarani e o Pe. Roque Gonzalez*, 1906, pp. 278/96.

*A erva-mate na História e na atualidade*, 1907, pp. 241/56; 1908, pp. 289/309.

VÁRZEA, Virgílio

*Garibaldi e Anita*, 1901, pp. 257/64;

*No Rio Grande do Sul* (capítulo da obra "Garibaldi na América"), 1907, pp. 129/146.

VASQUES, Júlio

*Limites do Estado do Rio Grande do Sul*, 1903, pp. 175/76.  
*Navegação marítima*, 1906, pp. 270/72.  
*Produtos das charqueadas*, 1906, pp. 274/77.  
*Posições geográficas*, 1903, p. 40.

VIANA, Dr. José Gonçalves

*Biografia do P<sup>o</sup> Joaquim Cacique de Barros*, 1894, pp. 98/110.

VIEIRA, Damasceno

*A Carlos Von Koseritz* (soneto), 1891, pp. 182.  
*Carlos Von Koseritz*, 1892, pp. 84/94

VIEIRA, Damasceno

*Noite de Natal* (crônica sobre o Natal dos alemães em P.Alegre), 1902, pp. 145/47.  
*Resposta a P.A. de Miranda*, 1899, pp. 102/108.  
*Viagem a Porto Alegre* (crônica), 1906, pp. 200/203.  
*O Padre Corrêa de Almeida*, 1906, pp. 116/124.

WORTMANN, C.

*São Francisco de Paula de Cima da Serra*, 1903, pp. 197/98.

ZAMENHOF, Lázaro Luiz

*Esperanto*, 1907, pp. 184/89.

Artigos sem indicação de autoria

1885

*O ano de 1839 em Porto Alegre* - Diário da capital da Província por um bacharel em Direito que é hoje falecido e que residia então em Porto Alegre. . . . . pp. 101/121  
*Barra do Rio Grande do Sul* (resumo do projeto do Dr. Honório Bicalho)..pp. 139/144  
*Flora brasiliensis* ..... pp. 167  
*A ex-colônia Silveira Martins* ..... pp. 178/ 180  
*Biblioteca Pública de Porto Alegre* ..... pp. 215  
*Biblioteca Rio-Grandense* ..... pp. 216

1886

*Escola Agrícola e Veterinária de Pelotas*... pp. 115/116  
*Representação nacional em 1885*... pp. 181/189  
*O ano de 1840 em Porto Alegre* - Diário da capital da província (continuação de texto do Anuário anterior) ... pp. 201/219  
*Um episódio da revolução de 1835* (março a maio de 1840).....pp. 222/234  
*Assembléia Provincial do Rio Grande do Sul* (1885-86).....pp. 260/261  
*O inverno de 1885* (com notícia sobre a nevada excepcional de 27/7/1870)...pp. 287/291

## 1887

*Representação nacional em 1886.....pp.188/193*

*Memória sobre a revolução de 20 de setembro (anos 1835 a 1836) - I – pp.198/214*

*Poesia popular rio-grandense...pp. 229/241*

## 1888

*Memória sobre a revolução de 20 de setembro (anos 1835 e 1836) - II – pp. 110/119*

*Situação das colônias alemãs no Brasil - pp. 128/ 131*

*Viticultura – pp. 135/149*

*Notas estatísticas sobre a província do Rio Grande do Sul – pp. 227/228*

## 1889

*Memória sobre a revolução de 20 de setembro (conclusão) – III – pp. 116/129*

*Poesia popular rio-grandense (continuação) pp.151/ 159*

*Escola normal da província do Rio Grande do Sul – pp. 190/191*

*Barragens no Rio Caí (c/estampa) – pp. 196/ 198*

*Notas estatísticas sobre a província do Rio Grande do Sul –pp. 200/ 222*

## 1890

*Comandantes, governadores, capitães-generais e presidentes da província do Rio Grande do Sul – pp. 92/98*

*Poesia popular rio-grandense (continuação) – pp. 101/114*

*Viticultura – pp. 132/139*

*Despachos do General Andréa – pp. 149/153*

*Navegabilidade do rio Camaquã – pp. 168/169*

*A.A.P. Coruja (necrológio) – pp. 209/211*

*Família imperial: o Imperador, sua descendência e irmãs – pp. 215/216*

*Ministério e Senado do Império – pp. 216/219*

*Assembléia Provincial – pp. 219/220*

*Titulares rio-grandenses – pp. 220/222*

*Governo da província – pp. 223/224*

*Bispado do Rio Grande do Sul – pp. 225*

*Tribunal da Relação de Porto Alegre – pp. 225/226*

## 1891

*Irineu Evangelista de Souza (necrológio) – pp. 106/110*

*Notas estatísticas sobre o Rio Grande do Sul – pp. 191/221*

*Titulares rio-grandenses residentes no Estado e fora do Estado – pp. 234/236*

## 1892

*Antigalha (soneto sobre o aspecto bélico de Porto Alegre na Revolução Farroupilha) – pp.109*

*Poesia popular rio-grandense – pp. 141/ 147*

*Hino nacional da República Rio-grandense* – pp. 149  
*Notas estatísticas sobre o Estado do Rio Grande do Sul* – pp. 217/234

#### 1893

*Bibiano de Almeida* (necrológio) – pp. 88  
*Recordações históricas* (ofício de Pedro Boticário ao Encarregado da Estatística, em 24/6/1834) – pp.136  
*População da capital* (cálculo sobre a população de Porto Alegre em 1890) – pp. 155/157  
*Apontamentos sobre o arraial Teresópolis* – pp. 176  
*Notícia sobre a Colônia Militar do Alto Uruguai* – pp. 178  
*População do Rio Grande do Sul por municípios, segundo o Censo de 1890* – pp. 184/185

#### 1894

*Crônica rio-grandense* (efemérides de 1737 a 1823)- pp. 89/97  
*Estatística predial de Porto Alegre em 1892* – pp.172/ 175  
*População do Rio Grande do Sul por municípios, segundo o Censo de 1890* – pp. 219/221

#### 1895

*Crônica rio-grandense* (efemérides de 1824 a 1847)- pp. 91/ 103  
*Recordações históricas* (Revolução de 1835) - sobre tentativa de acordo em março de 1840 –pp. 161/ 162  
*Recordações históricas* (Revolução de 1835) - carta de Bento Manoel Ribeiro a J. Mariano de Mattos, 18/7/1839 – pp. 183/ 184  
*Recordações históricas* (Revolução de 1835) - carta de Bento Manoel Ribeiro a Manoel Veloso Rebelo – pp.192

#### 1896

*Crônica rio-grandense* (efemérides de 1848 a 1865) - Continuação – pp. 99 - 109  
*Sociedades de bailes de homens de côr* - pp.126  
*Forças em operações contra a revolução no Rio Grande do Sul* (tabela estatística) – pp. 143

#### 1897

*Dados estatísticos sobre a colônia Caxias em 1892*- pp. 125  
*São Gabriel - chegada do 1º trem em 1896* - pp.142  
*Prédios existentes na cidade de Porto Alegre nos anos de 1893 a 1895* –pp. 233  
*Crônica rio-grandense* (efemérides de 1866 a 1875 - continuação) – pp. 235/ 241  
*Casa de Saúde Bela Vista* (c/estampa) – pp. 257/ 259

#### 1898



*Adolpho Lindner* (necrológio) – pp. 136/137  
*Biblioteca Rio-Grandense - seu jubileu a 15 de agosto de 1896* – pp. 151/154  
*Orfanotrófio Rio-Grandense* – pp. 239/240  
*Prédios em Porto Alegre nos anos de 1893-1897* – pp. 257

#### 1899

*Pelotas e o dia 27 de junho de 1876* (sobre a primeira exportação direta pelo porto de Pelotas) – pp. 249  
*A mineração no Estado do Rio Grande do Sul* – pp. 252/255  
*Antônio de Azevedo Lima* – pp. 291

#### 1900

*As missões orientais do Uruguai* – pp. 209/216

#### 1901

*Cavalhadas* - pp. 193/ 196  
*O bergantim do Duque de Saldanha* – pp. 207  
*Um documento histórico: carta de Bento Gonçalves a João Evangelista Tavares, em 29/1/1836* – pp. 244  
*História do Rio Grande do Sul* - Antigo regime - regime republicano - secretários de governo - chefes de polícia - repartições de Fazenda - tesouraria da Fazenda - serviço de contrabando - Delegacia Fiscal - Alfândegas – pp. 269/ 285

#### 1902

*História do Rio Grande do Sul*: Alfândega de Porto Alegre - Alfândega de Rio Grande - Alfândega de S. José do Norte - Alfândega de São Borja e Uruguiana - Alfândega de Santana do Livramento - Correios - pp.113/121  
*José Arthur Montenegro* (necrológio) – pp. 284/285

#### 1903

*Conselheiro Araújo e Silva* – pp. 131/ 132  
*Joaquim Francisco do Livramento* – pp.184  
*Co1ônia Militar do Alto Uruguai* – pp. 192  
*Academia Rio-Grandense de Letras* (ref. à sua fundação em 1º/12/1901) – pp. 236/ 238  
*Poesia popular rio-grandense* (c/partituras musicais) – pp. 240/ 244  
*Estrada de ferro do Riacho* – pp. 285  
*O tope republicano de 1835* (c/ilustração) – pp. 288

#### 1904

*Posições geográficas de diversas localidades do Rio Grande do Sul* – pp. 36/39  
*Anita Garibaldi* – pp. 156/159  
*A Capela do Monge em Santa Maria - Santo Antônio Abade* (Festa do

Campestre) - pp. 208/212  
Santos Dumont – pp. 290/291  
A imprensa do Rio Grande (em 1902) – pp. 294/295  
Resumo mensal das observações meteorológicas em Santa Cruz (1899-1902) – pp. 306/310  
Antônio Rodrigues Barboza (1747-1809) – pp. 315/ 321

#### 1905

Estação balneária da Barra do Chuí – pp. 124  
Imigrantes em 1901 e 1902 (tabelas) – pp. 227  
Minas de São Jerônimo – pp. 257/259  
Imposto territorial - pp. 281/285

#### 1906

Versos Gaúchos – pp.143  
Movimento do porto de Porto Alegre em 1904 – pp.148  
Obituário da cidade de Porto Alegre - pp. 151/152  
Minas de São Jerônimo - pp. 242/244  
Philippson - pp. 299  
Clima do Rio Grande do Sul - pp. 300/306

#### 1907

Santo Antônio da Patrulha: Justiça de Sto. Antônio - pp.148  
Data da descoberta do Brasil - pp.154/155  
Conselheiro Ignacio Gaivão - pp. 158  
Receitas municipais orçadas para o ano de 1906 - pp.167  
Imposto territorial - pp.171  
O recenseamento de 1900 - pp. 232/233  
Imigração no Brasil - pp.257

#### 1908

Proprietários brasileiros no Uruguai - pp.135  
Fronteira Brasil-Argentina: posições geográficas determinadas pelas comissões brasileira e argentina - pp. 164/165  
John C. Branner (biografia do geólogo) - pp.193/202  
Força e luz porto-alegrense: bondes elétricos de Porto Alegre - pp. 246/248  
Clima do Rio Grande do Sul - pp.311/317  
Porto de Porto Alegre: movimento em 1906 - pp. 319  
Construções licenciadas em Porto Alegre - pp. 335  
Santana do Morro Grande – pp. 336/338

#### 1909

Movimento do porto de Rio Grande em 1907 - pp.170  
Sírios no Brasil - pp.175  
Comissão da Carta Geral do Brasil – pp.113/129

## 1910

*Recenseamento do Uruguai e notas demográficas* - pp.129 e 161

*Viação férrea: estatísticas de 1908* - pp.175

*Questão de limites Taquara* - São Leopoldo (sentença do árbitro Ribeiro Dantas) - pp.249/254

## 1911

*Chuvas em Rio Grande* - pp. 144

*Matanças nas charqueadas em 1910* - pp.210

*A Fundação de Porto Alegre* – pp.239/243

## 1912

*Obras da Barra* - pp. 136/138

*População de Porto Alegre* (recenseamento de 1911) - pp.139

*Jogo do bicho* - pp.157/160

*Graciano Azambuja* (necrológio) - pp.213/223

*Germano Hasslocher* (necrológio) - pp.233/238

## 1913

*Porto das Torres* - pp.145/161

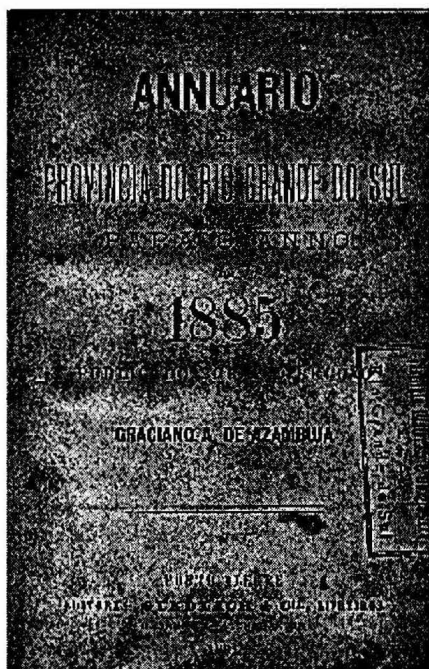
*Plantas do Rio Grande do Sul* - pp.241/255

*Graciano Alves de Azambuja* (c/Ilustração) – pp.225/229

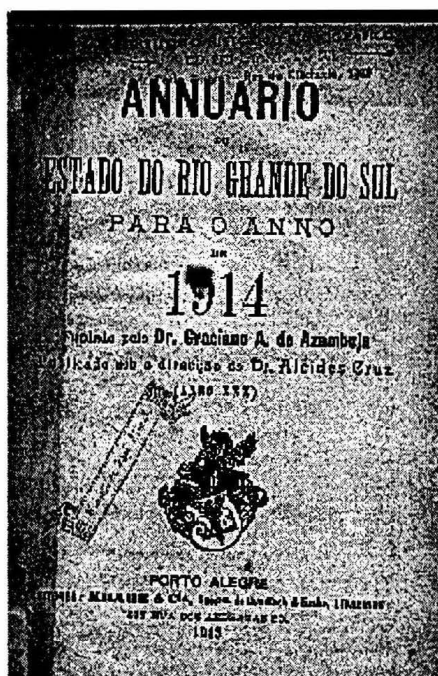
## 1914

*Flamengos e açorianos* - pp.171/178

*Adriano Nunes Ribeiro* (necrológio) - pp.179/180



Folha de rosto do primeiro  
número do Anuário e anúncio



Folha de rosto do último número  
do Anuário e anúncio

**Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**  
**Esboço de sua história**

Amaro Baptista<sup>137</sup>

1 – Em janeiro de 1917 o deputado federal Dr. **Álvaro Baptista**, tendo vindo a **Porto Alegre**, expôs a alguns amigos, intelectuais e extremosos pelas coisas e pelos fatos do **Rio Grande do Sul**, a conveniência social e moral da fundação de um **Instituto Histórico e Geográfico** do nosso caro Estado, à semelhança dos que existem em algumas unidades da Federação e sobretudo da Capital da República<sup>138</sup>.

2- Aceita a nobre e patriótica iniciativa, efetuou-se uma pequena reunião preliminar, no dia 21 de fevereiro, às 8 horas da noite, na casa do Marechal **João Cândido Jacques**, à rua **Marechal Floriano** n. 79, a qual compareceram os Srs. engenheiros civis **Demétrio Ribeiro**, **Antão de Faria** e **Amaro Baptista** (este por si e pelo seu irmão **Álvaro Baptista**), notário **José Paulo Ribeiro**, professor **Artur Candal**, engenheiro militar e general reformado **Manuel Teófilo Barreto Viana** e engenheiro militar marechal reformado **João Cândido Jacques**, ao todo sete pessoas. [2r.]

Nada foi definitivamente resolvido nesta primeira reunião, pela ausência de **Álvaro Baptista**. **Demétrio Ribeiro** declarou que seria conveniente organizar primeiro as bases da nova sociedade para em seguida ser convocada, mediante o conhecimento de tais bases, uma assembléia geral para a fundação. **Amaro Baptista** ponderou que a presente reunião, embora pequena, deveria ser considerada como o ponto de partida da projetada agremiação, pela sua futura importância histórica. **Antão de Faria** concordou com esta ponderação, dizendo que a próxima convocação provavelmente ele e **Demétrio** já não poderiam comparecer. **Barreto Viana**, **Candal** e **Ribeiro** lembraram que deveriam também ser convidados o diretor da **Biblioteca Pública**, o da **Repartição de Estatística**, o do **Arquivo Público** e muitos outros funcionários e homens capazes de ser úteis ao **Instituto**. **Amaro Baptista** lembrou que fossem pedidos à congênera do **Rio de Janeiro** os seus estatutos e outros dados porventura necessários. **J.C. Jacques** falou sobre uma contribuição mensal, módica porém muito numerosa e sobre a imprescindível necessidade da aquisição de um prédio, próprio, para o funcionamento da Sociedade. Para instalação provisório foram in- [3r.] dicados o prédio onde funciona atualmente o Governo do Estado, o da Assembléia dos Representantes e outros. **Demétrio** sugeriu ainda a idéia do início da organização da biblioteca social, para a qual desde já prometia donativo de diversas obras. **J.C. Jacques** informou que no **Arquivo do Estado Maior do Exército**, de que há anos foi chefe, existe grande e valiosa quantidade de plantas e mapas antigos, gerais e parciais, topográficos, hidrográficos, etc., referentes ao nosso Estado, e dos quais em 1909 trouxe uma relação completa, que entregou ao então Presidente do Estado<sup>139</sup> Dr. **Carlos Barbosa Gonçalves**.

Por fim foi unanimemente resolvido que **J.C. Jacques**, **Álvaro** e **Amaro Baptista** se encontrassem no dia seguinte, 22, em ponto posteriormente determinado, para combinarem os passos definitivos a dar no sentido de levar a efeito a criação, a organização e o desenvolvimento da útil associação.

3 – No dia 22 de fevereiro, às 2 horas da tarde, teve lugar esse encontro, no escritório do 1º. **Distrito Telegráfico do Rio Grande do Sul**, de que era engenheiro-chefe **Amaro Baptista**. Aí, **Álvaro Baptista** expôs clara e completamente as suas idéias sobre o importante assunto. Disse que não era de todo fiel a exposição do n. 1 deste esboço; que, de [4r.] fato, cogitara da

<sup>137</sup> Notas escritas. Seis páginas de papel almaço. Cota: Pacote 33/n.2

<sup>138</sup> Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com sede no Rio de Janeiro

<sup>139</sup> Governador do Estado

fundação, aqui no Sul, de uma sociedade semelhante ao **Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro**, porém com um programa mais vasto que este e com um título que correspondesse verdadeiramente aos seus múltiplos fins; que a futura agremiação deveria estudar a História e a Geografia do **Rio Grande**, mas os seus diversos ramos, opulentíssimos de fatos e detalhes nesta região, mas até hoje insuficientemente conhecidos e meditados: a Etnografia, a Etografia [?], a Numismática, a Paleontologia, a História Natural, etc, quanto à primeira, a Geografia, a Hidrografia, a Orografia, as vias de comunicação, a Agricultura, o Comércio, a Indústria, etc., quanto à segunda, em resumo o habitat e o habitante, a terra e o homem, o duplo e eterno problema das nossas cogitações; que, com este programa assim complexo e vasto, seria suficiente e quase incompressiva [sic] a qualificação de “Histórico e Geográfico”, cabendo-lhe melhor a de “Científico”. Aí, **Amaro Baptista** declarou que já pensara no mesmo assunto e chegara a uma idêntica conclusão, até quanto à denominação. **Álvaro Baptista** disse ainda que, logo ao chegar a esta Capital e ao falar aos primeiros amigos, [5r.] desanimara de tornar uma realidade a sua aspiração, por mais proveitosa que pudesse ser ao nosso Estado, por toda a parte e sobretudo no **Rio de Janeiro** acusado de preocupar-se exclusivamente da política e do comércio, com lamentável abandono das questões de ordem intelectual e literária. Mas, dias depois, encontra-se com **J.C. Jacques**, absorvido por uma preocupação semelhante e desejoso de realizá-la: o estudo da nossa história, o conhecimento dos nossos anais e principalmente da última revolução que abalou o **Rio Grande** (1893-1895)<sup>140</sup>. Fundiram-se, pois, em um só esses dois nobres pensamentos, completaram-se essas duas patrióticas iniciativas.

Dai nasceu a primeira reunião, constante do n. 2.

Em seguida, **Álvaro Baptista** senta-se à secretária<sup>141</sup> de seu irmão e faz uma lista de nomes de pessoas que devem ser convidadas para pertencer ao novel **Instituto**; as residentes em **Porto Alegre** serão sócios efetivos, as residentes em outras localidades serão sócios correspondentes. **J.C. Jacques** e **Amaro Baptista** ficaram encarregados de falar às primeiras, e **Jacques** prometeu escrever às segundas. [6r.]

No dia seguinte (23 fevereiro), às 3 horas da tarde, **Jacques** vem ao escritório de **Amaro Baptista** buscar essa lista, que ficara guardada por este.

4 – Poucos dias depois (25, domingo) **Álvaro Baptista** segue para o **Rio de Janeiro**, tendo, na gare da **Viação Férrea**, declarado ao seu irmão que o Dr. **A. A. Borges de Medeiros**, Presidente do Estado, com quem conversara na véspera sobre a fundação da sociedade, mostrara-se deveras contente e bem disposto para com a elevada iniciativa, cedendo uma das salas da **Escola Complementar** desta Capital (rua **Duque de Caxias** esquina da rua **Marechal Floriano**, antiga **Bragança**) para o início do funcionamento do **Instituto**. Seria preciso alguém entender-se, a respeito, com o Dr. **Protásio Alves**, Secretário do Interior. A 26 de fevereiro **Amaro Baptista** faz, por escrito, a **J.C. Jacques**, a comunicação destes dois fatos.

(Notas escritas por **Amaro Baptista**).

---

<sup>140</sup> Revolução Federalista

<sup>141</sup> móvel

**Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul** – Noticiamos, há dias, o próximo aparecimento por iniciativa do dr. **Florêncio de Abreu** <sup>142</sup>Pereira [sic], diretor do Arquivo Público, de uma revista destinada à inserção de tudo quanto se refere à História e à Geografia do nosso Estado.

Por essa ocasião, publicamos, também, a cópia da circular pelo dr. **Florêncio** profusamente distribuída nesta capital e no interior, solicitando a todos quantos pela idéia manifestassem entusiasmo à coleta de dados e resultantes de pesquisas, nos sentido de reunidos estes e aqueles, compilar elementos e tornar a revista de real interesse e preenchedora dos fins que tem em vista.

Agora, igualmente procurando trabalhar a fim de difundir entre nós o gosto pelo estudo das nossas coisas, pensa um grupo de cavalheiros fundar um Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Ontem, no salão do Arquivo Público, gentilmente cedido, teve lugar uma reunião, promovida pelos srs. **Octavio Augusto de Faria**, tenente **Souza Docca**, capitães **Manuel Joaquim de Faria Corrêa** e dr. **Florêncio de Abreu Pereira** [sic], para o estabelecimento das bases da nova instituição. À reunião estiveram presentes, além dos promotores os srs. dr. **Amaro Baptista**, **José Paulo Ribeiro**, **Aquiles Porto Alegre**, **Delfino M. Riet**, dr. **José Zeferino da Cunha**, **Afonso Guerreiro Lima**, padre **João Baptista Hafkemeyer**, por si e pelo padre **Carlos Teschauer**, coronel **Aurélio Porto**, dr. **José Vieira de Rezende**, coronel **João Maia**, monsenhor **Mariano da Rocha**, dr. **Armando Dias de Azevedo**, **Artur Candal**, dr. **Eduardo Duarte** e dr. **Leonardo Truda**, e representados: o capitão **Antão de Faria**, pelo dr. **Florêncio de Abreu**; o dr. **Adroaldo Mesquita da Costa**, e major **Miguel Pereira**, pelo tenente **Souza Docca**; dr. **Maciel Moreira**, **F. Antonio** [sic] **Xavier e Oliveira** e **João B. de Menezes** pelo sr. **Octavio de Faria**.

Iniciando a sessão, fez uso da palavra o tenente **Souza Docca**. O orador começou agradecendo o concurso das pessoas que ali se achavam, depois de [do] que expôs os fins da reunião. Terminou solicitando a indicação da diretoria dos trabalhos que iam ser iniciados.

Indicou, o sr. **José Paulo Ribeiro**, para presidi-los, o dr. **Florêncio de Abreu**, secretariado pelo sr. **Octavio de Faria**.

O dr. **Florêncio**, depois de agradecer a distinção de que era alvo, comunicou aos presentes que o dr. **Borges de Medeiros** o autorizara a declarar que o seu governo daria todo o apoio à nova instituição e, desde já punha à disposição do Instituto, para o seu funcionamento, uma das salas do Arquivo.

Acrescentou que o dr. **Protásio Alves**, secretário do Interior manifestara também o entusiasmo pela idéia, por ocasião de dar despacho referente à cessão do salão do Arquivo.

Disse o orador, que tendo em vista o trabalho do dr. **Protásio Alves**, há pouco terminado sobre os limites entre o **Rio Grande do Sul** e **Santa Catarina**, propunha o convidassem por uma comissão especialmente nomeada, a fazer parte do Instituto.

Continuando, o dr. **Florêncio** propôs fosse comunicado oficialmente ao dr. **Borges de Medeiros** a fundação do Instituto.

As propostas foram aprovadas pelos presentes, sendo nomeada para desempenhar aquela incumbência, uma comissão composta do professor **Aquiles Porto Alegre**, monsenhor **Mariano da Rocha** e capitão **Manuel Joaquim Faria Corrêa**. Essa comissão, em nome do Instituto, agradecerá ao dr. **Borges de Medeiros** o valioso auxílio prometido.

Após, o dr. **Florêncio de Abreu** concedeu a palavra a quem dela quisesse fazer uso.

---

<sup>142</sup> Florêncio Carlos de Abreu e Silva





Patente do Telefone sem fio (capa) – 22 novembro 1904 – acervo do IHGRGS



### O PIONEIRO DAS TELECOMUNICAÇÕES

No dia 30 de junho de 2000 transcorrerá o septuagésimo segundo aniversário da morte do Padre-cientista ROBERTO LANDELL DE MOURA, gaúcho, nascido em Porto Alegre, numa casa de esquina da rua Bragança, hoje Marechal Floriano Peixoto, com a antiga Praça do Mercado, aos 21 de janeiro de 1861, tendo sido batizado, conjuntamente com sua irmã Rosa, a 19 de fevereiro de 1863, na igreja do Rosário, que anos mais tarde viria a ser seu vigário. Landell de Moura era o quarto de quatorze irmãos, sendo seus pais o Sr. Ignácio José Ferreira de Moura e Sara Mariana Landell de Moura, ambos descendentes de tradicionais famílias rio-grandenses, com ascendência inglesa.

Roberto Landell de Moura estudou com o pai as primeiras letras. Frequentou a Escola Pública do Professor Hilário Ribeiro, no bairro da Azenha, a seguir entrou para o Colégio do Professor Fernando Ferreira Gomes. Com 11 anos, em 1872, estudou no Colégio Jesuíta de Nossa Senhora da Conceição, de São Leopoldo-RS, onde concluiu o curso de Humanidades. Após seguiu para o Rio de Janeiro, onde foi cursar a Escola Politécnica. Em companhia do seu irmão Guilherme, seguiu para Roma, matriculando-se ambos a 22 de março de 1878 no Colégio Pio Americano, após cursou a Universidade Gregoriana onde, em 28 de outubro de 1886, foi ordenado Padre.

Retornou ao Rio de Janeiro em 1886, residindo no Seminário São José e, neste mesmo ano, reza sua primeira missa na Igreja do Outeiro da Glória para Dom Pedro II e toda sua corte. Em função disso, expôs suas idéias sobre transmissão do som e da imagem ao Imperador. Substituiu o coadjutor do capelão do Paço Imperial, mantendo, ainda, palestras de caráter científico com Dom Pedro II.

No dia 28 de fevereiro de 1887 foi nomeado capelão da Igreja do Bomfim e professor de História Universal no Seminário Episcopal de Porto Alegre. A 25 de março de 1891 foi conduzido a vigário, por um ano, na cidade de Uruguaiana-RS. Em 1892 é transferido para o Estado de São Paulo, onde foi vigário em Santos, Campinas e Santana e capelão do Colégio Santana. Em julho de 1901 partiu para os Estados Unidos da América do Norte. Retornou a São Paulo em 1905, dirigindo as Paróquias de Botucatu e Mogi das Cruzes. Em 1908 voltou ao Rio Grande do Sul onde dirigiu a Paróquia do Menino Deus e, em 1916, a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário.

Padre Landell foi um dos pioneiros na descoberta do telefone sem fio, ou rádio, como é hoje conhecido, o precursor da radiotelefonia, o bandeirante da própria televisão, o descobridor das Ondas Landellianas. Em 1893, muito antes da primeira experiência realizada por Guglielmo Marconi, o gaúcho padre Landell de Moura realizava, em São Paulo, do alto da Av. Paulista para o alto de Sant'Ana, as primeiras transmissões de telegrafia e telefonia sem fio, com aparelhos de sua invenção, numa distância aproximada de uns oito quilômetros em linha reta, entre aparelhos transmissor e receptor, presenciada pelo Cônsul Britânico em São Paulo, Sr. C. P. Lupton, autoridades brasileiras, povo e vários capitalistas paulistanos. Tratava-se da primeira radiotransmissão da qual se tem notícias. Só um ano depois foi que Marconi iniciou as experiências com seu telégrafo sem fio. Em virtude de brilhante êxito de suas experiências inéditas, em nível mundial, Landell obteve uma patente brasileira para um "aparelho destinado à transmissão fonética à distância, com fio ou sem fio, através do espaço, da terra e do elemento aquoso", patente nº. 3.279. Era o dia 09 de março de 1901. O mérito do Padre Landell é ainda maior se considerarmos que desenvolveu tudo sozinho. Era dessas pessoas que além do seu lado místico, integrava em sua personalidade o gênio teórico e o lado prático para a construção de seus aparelhos. Ele era o cientista, o engenheiro e o operário ao mesmo tempo. Consciente de que suas invenções tinham real valor, o padre Landell partiu com destino aos Estados Unidos da América, quatro meses depois, com o

intuito de patentear os seus aparelhos. Obtém três patentes em Washington, Estados Unidos: "Transmissor de Ondas" - precursor do rádio, em 11 de outubro de 1904, patente de nº. 771.917; "Telefone sem fio" e "Telégrafo sem fio", em 22 de novembro de 1904, patentes de nºs. 775.337 e 775.846. Nas patentes agrega vários avanços técnicos como transmissão por ondas contínuas, por meio da luz, princípio da fibra óptica e por ondas curtas; e a válvula de três eletrodos, peça fundamental no desenvolvimento da radiodifusão e para enviar mensagens. Também em 1904 o Padre Landell começa a projetar, de forma precursora, a transmissão da imagem, ou seja televisão e de textos, teletipo, à distância. As Ondas Landellianas, denominadas assim por um jornal de São Paulo, que em 1900 se ocupou das teorias científicas do Padre inventor, conquanto sejam, aparentemente, do mesmo número das Ondas Hertzianas, todavia diferem muito destas últimas, porque estas são ondas mais ou menos amortecíveis e produzidas por movimentos vibratórios elétricos sem Constância nem Uniformidade, que vão pouco a pouco, decrescendo, ao passo de que as Ondas Landellianas não estão sujeitas a tais transformações e são produzidas por movimentos vibratórios elétricos, cujos valores ondulatórios são CONTÍNUOS e permanecem sempre iguais. Como bem se verifica, as Ondas Landellianas desempenham, em seu sistema de telegrafia e telefonia-sem-fio, o papel de um condutor metálico. A idéia da criação desse campo ondulatório através do espaço, além de ser genial, é de grande alcance prático e científico, pois já tem sido aproveitado para vários fins. Nela baseava-se o Padre Landell na possibilidade de transmitir, também sem fio, a IMAGEM a grandes distâncias, ou seja, a TELEVISÃO que agora se pratica.

Como consequência das suas descobertas, a Marinha de Guerra do Brasil, logo no retorno de Landell de Moura dos Estados Unidos, em 1º de março de 1905 realizava experiências com a telegrafia por centelhamento, no encouraçado Aquidabã. Foram usados os aparelhos patenteados em 1901, no Brasil e 1904, nos Estados Unidos. A Marinha de Guerra é a pioneira no Brasil, da radiotelegrafia permanente.

Por seu pioneirismo nas telecomunicações, o Padre Roberto Landell de Moura é considerado o "Patrono dos Radioamadores Brasileiros". Na verdade foi o 1º radioamador brasileiro em telegrafia e fonia.

Em 1984 a Fundação de Ciência e Tecnologia - CIENTEC, em Porto Alegre, construiu uma réplica daquele que pode ser considerado o primeiro aparelho de rádio do mundo: o Transmissor de Ondas (Wave Transmitter, patente nº. 771.917, de 11 de outubro de 1904). Esta réplica encontra-se em exposição no saguão da Fundação Educacional e Cultural Padre Landell de Moura, na Av. Ipiranga, 3501, em Porto Alegre - RS.

Além das ciências físicas, Roberto Landell de Moura se interessou pela química, biologia, psicologia, parapsicologia e medicina, sendo o primeiro cientista brasileiro com registro internacional de invenção pioneira. Suas descobertas estão servindo à humanidade até hoje.

Roberto Landell de Moura foi Cônego do Cabido Metropolitano de Porto Alegre. Em 17 de setembro de 1927 foi elevado, pelo Vaticano, a Monsenhor, e seis meses antes de falecer nomeado Arcebispo, promoções que lhe foram feitas merecidamente. A Igreja Católica, reconhecendo e apoiando o seu trabalho como cientista, concedeu-lhe permissão especial para viajar aos Estados Unidos da América, onde permaneceu por quatro anos para patentear seus inventos. Aos 67 anos, no dia 30 de junho de 1928, sábado, às 17:45 horas, morreu, abatido pela tuberculose, num modesto quarto da Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, cercado apenas por seus parentes e meia dúzia de amigos fiéis e devotos.

O Monsenhor João Emílio Berwanger, pró-vigário geral, celebrou, no domingo, dia 1º de julho, pela manhã, na Capela da Beneficência, missa de corpo presente. Em caráter solene, na Catedral Metropolitana, às 15:00 horas, foi celebrada a encomendação, tendo presidido as cerimônias o arcebispo Dom João Becker, secundadas pelos monsenhores João Emílio Berwanger, João Maria Balém, José Barea e Nicolau Marx, e assistidas por todos os cônegos do Cabido Metropolitano. O "Libera-me Domine" foi cantado com o

acompanhamento de todo o clero secular e regular da arquidiocese. O templo estava repleto de fiéis e lá fora, uma chuva torrencial.

Os restos mortais do Padre Roberto Landell de Moura estão depositados no Cemitério dos Padres, localizado no bairro Glória, na Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, em Porto Alegre - RS.

No Estado de São Paulo, em 16 de julho de 1992, pela Lei nº.7.957, assinada pelo Governador Luiz Antônio Fleury Filho, foi instituída oficialmente a “Semana Padre Roberto Landell de Moura”, a ser comemorada todos os anos, de 05 a 11 de novembro.

Nas comemorações do 1º Centenário da bem sucedida experiência pública do Padre Roberto Landell de Moura, acontecida em 1893, foi inaugurado, em 07 de junho de 1993, às 16:30 horas, na cidade de Santa Maria-RS, em frente ao Santuário de Nossa Senhora Medianeira, um monumento em sua homenagem.

O Prefeito Municipal de Porto Alegre-RS, Sr.Raul Pont, em 11 de outubro de 1999, sancionou a Lei nº. 8.355, autorizando o Executivo Municipal a erigir um busto em homenagem ao Padre-cientista Roberto Landell de Moura, no Belvedere Deputado Rui Ramos, no bairro Santa Tereza.

Em 03 de novembro de 1999, o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Ilustríssimo Sr. Olivio Dutra, sancionou a Lei nº. 11.384, instituindo a “SEMANA PADRE LANDELL DE MOURA”, a ser comemorada de 24 a 30 de setembro de cada ano. A Semana terá como motivo reverenciar a memória do Padre-cientista Roberto Landell de Moura.

A Lei nº. 8.355 e a Lei nº. 11.384 foram elaboradas atendendo a solicitação da FEDERAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE RADIOAMADORES – LABRE-RS, na pessoa do radioamador Ivan Dorneles Rodrigues – PY3IDR.

Colaboração de IVAN DORNELES RODRIGUES - PY3IDR

RUA VISCONDE DE PELOTAS, 259 AP. 302  
91030-530 - PORTO ALEGRE - RS  
TEL.: (0XX51) 341-3644, 341-6649 e 9961-4708  
e-mail: ivanr@cpovo.net  
Conselheiro da LABRE/RS



O Padre Roberto Landell de Moura aparece na nominata dos Fundadores do IHGRGS, em 5 de agosto de 1920, na categoria de sócio efetivo, por proposta do Prof. Artur Candal

## PARECER

Recebemos solicitação de Parecer do Prefeito **Beto Grill de São Lourenço do Sul**, sobre datas festivas do Município.

O surgimento de uma comunidade, de um povoado, se dá por várias razões: econômicas, religiosas e outras.

Durante o Império a Religião Católica era oficial, havendo, em consequência, união entre Estado e Religião. Os atos oficiais desta tinham cumprimento obrigatório.

O primeiro ato oficial reconhecendo a existência da Comunidade de **Boqueirão**, situado no entroncamento de estradas, foi a Provisão de D. **José Caetano da Silva Coutinho**, 8º Bispo do **Rio de Janeiro**, de 30.08.1809, concedendo licença para terem ali um capelão, pago pelos habitantes.

O mesmo Bispo, quando em visita canônica à Freguesia de **Pelotas**, a 10.12.1815, igualmente concede licença para os moradores do Distrito de **São Lourenço** para erigirem uma capela no mencionado porto, na época também pertencente à Freguesia de **Pelotas**.

Dessa forma, o primeiro ato oficial sobre a comunidade de **Boqueirão** é de 30.08.1809 e a de **S. Lourenço** e de 10.12.1815. Entendemos, assim, que essas datas podem ser consideradas como as das fundações dos referidos povoados.

Com o desenvolvimento da região, a Paróquia do **Boqueirão, N. Sra. da Conceição**, foi criada pelo Imperador a 11.12.1830, incluindo a capela de **S. Lourenço**.

Entretanto, a Freguesia, pelas Leis Provinciais n. 470, de 22.11.1861, e pela de n. 909, de 20.04.1874, teve transferida a sede da Paróquia para **São Lourenço**. Não foi criação de paróquia nova, foi apenas transferência de localidade.

Finalmente dois anos depois, mediante a Lei 1.031 de 29.04.1876, é restaurada a Freguesia do **Boqueirão** e elevada à Freguesia a povoação de **São Lourenço**. A Freguesia de **São Lourenço**, portanto foi criada pela Lei 1.031, de 29.04.1876. Canonicamente, criou-se a 20.11.1876, através de Provisão de D. **Sebastião Dias Larangeira**, 2º Bispo do **Rio Grande do Sul**.

Com a Lei n. 1499, de 26.04.1884, é elevada a Município a Freguesia de **N. Sra. da Conceição do Boqueirão**, incluindo a de **S. Lourenço**. Sua Câmara Municipal foi instalada a 11.02.1886. Era o ponto central do Município para onde convergiam as estradas.

A Freguesia do povoado de **S. João da Reserva** foi criada pela Lei 1703, de 13.12.1883 no Município do **Boqueirão**, este dividido em três Distritos: 1º **Boqueirão**, sede; 2º **S. Lourenço** e 3º **S. João da Reserva**.

Diante do progresso da **Colônia S. Lourenço**, fundada por **Jacob Rheingantz**, em

15.01.1858, é revogada a Lei 1499 que criou a Vila do **Boqueirão** e, pela Lei n. 1831, de 28.06.1889, elevou-se à Vila a Freguesia de **São João da Reserva**, onde se localizava a referida **Colônia de S. Lourenço**. Foi unicamente a transferência de sede do Município que ficou o mesmo.

Meses depois de proclamada a República, em face dos esclarecimentos prestados a respeito das localidades **Boqueirão**, **S. João da Reserva** e **S. Lourenço**, sedes das freguesias dos mesmos nomes, com o Ato n. 88, de 15.02.1890, conservando-se em um só município, agora transfere a categoria de Vila de **S. João da Reserva** para **S. Lourenço**, atento à maior importância do porto, como centro de exportação de mercadorias e entrada de imigrantes.

É a segunda transferência de sede no mesmo município. A Data da transferência da sede para **S. Lourenço**, portanto, é 15.02.1890, permanecendo com 3 Distritos.

Como vemos, essas duas transferências não criaram município novo, apenas mudaram a localidade da sede do Município que, efetivamente, foi criado com a Lei 1449, de 26.04.1884.

Ao tomar-se sede do Município **São Lourenço do Sul** em 15.02.1890, passou à condição de Vila. Nos termos do Decreto n. 7.199, de 31.03.1938, toda sede do Município passou a chamar-se cidade e a sede do Distrito, Vila.

As comunidades têm divergido quanto à escolha de uma data referencial para a celebração de seu aniversário, algumas, como é o caso de **Porto Alegre**, optaram por comemorar a data de criação da respectiva freguesia; outras mostram preferência pela data da criação do município; e outras ainda, sem razão plausível, se inclinam por celebrar a elevação à categoria de cidade. **São Lourenço do Sul** poderá, sem ofensa à história, reportar-se às datas de criação de suas primeiras capelas, ou a de criação das paróquias de **Boqueirão** ou do porto de **São Lourenço**, ou ainda à criação do município, que é aproximadamente o mesmo desde 26 de abril de 1884.

É nosso parecer. **Porto Alegre**, 3 de maio de 1994.

[a] **Luís Alberto Cibils**, Relator  
[a] **Sérgio da Costa Franco**, Revisor

Aprovado em sessão de Assembléia Geral de 1º de junho de 1994.  
[a] **Luís Alberto Cibils**,  
Presidente

## PARECER

O Governo do Estado manifestou interesse em comemorar os 250 anos do *início da colonização açoriana em nosso Estado*, pelo que a Direção do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul solicitou manifestação deste Instituto para definir a data histórica daquele evento.

Para nos desincumbirmos dessa honrosa missão devemos, inicialmente, rememorar de modo sucinto, a fixação humana em nosso território.

As praias do Rio Grande do Sul, vislumbradas pelos navegadores do século XVI, foram por eles definidas como ...*desertas e arenosas*...

A não ser por algumas incursões de bandeirantes à caça de mão-de-obra escrava índia, pelos duzentos anos seguintes permaneceram desertas e nuas, fora do interesse de sua exploração e uso. Sua ocupação se realizou só no século XVIII, podendo-se destacar sete correntes povoadoras.

A 1ª. semi oficial, é identificada como a Lagunista de 1725, conhecida como *frota de João de Magalhães*.

A 2ª. é espontânea e, eminentemente comercial, lenta e contínua. Proporcionou-a a abertura, a partir de 1735, do Caminho das Tropas para São Paulo e Minas, pelo qual se possibilitou, também, propalar a grandeza destas campanhas.

A 3ª. se compõe de paulistas e lagunenses trazidos por Cristóvão Pereira de Abreu (1736) com o objetivo de libertar a Colônia do Sacramento, agrupando nela tropeiros, vaqueanos do Rio Grande e sertanistas outros, até então desconhecedores deste território.

A 4ª., inteiramente oficial (1737), constituída por casais vindos, sobretudo, do Rio de Janeiro, para a instalação do Presídio de Rio Grande de São Pedro, acrescidos dos casais vindos da Colônia do Sacramento e Tropa do Regimento de Dragões.

A 5ª., também oficial, com a presença da Comissão Demarcadora de Limites determinados pelo Tratado de Madrid (1750).

A 6ª., da mesma forma oficial, constituiu-se pelos açorianos que atenderam (1752) à convocação do Comissário Gomes Freire de Andrada, para ocuparem os Povos Missioneiros, previstos para serem incorporados ao domínio de Portugal, nos termos do referido Tratado de 1750.

A 7<sup>a</sup>, finalmente, consideramos a constituída pela fixação das tropas que a partir de 1762 se agruparam para a defesa e posterior retomada da Vila do Rio Grande e seu amplo território adjacente.

A realização do I Congresso de História Catarinense, promovido pelo Instituto Histórico de Santa Catarina para comemorar o segundo Centenário da Colonização Açoriana no Brasil Meridional é outro acontecimento a considerar. Foi, naquela oportunidade revista a documentação relacionada ao evento. Ficou evidenciado a iniciativa (1746) dos moradores das Ilhas do Açores, pedindo providências ao rei para solucionar o excesso de população que os afligia, transportando casais para a América.

Pela resolução de 31-VII-1746 D. João V (1689-1750)

...faz mercê aos casais das ilhas que se quiserem ir estabelecer no Brasil de lhes facilitar o transporte e estabelecimento, mandando-os transportar à custa de sua Real Fazenda, não só por mar, mas também por terra, até os sítios que se lhes destinar...

O Conselho Ultramarino, consultado, admitiu que *se mandasse até 4.000 casais para as partes do Brasil que fosse mais preciso povoarem logo*. Para se cumprir a determinação do Conselho foram fixados editais nas ilhas do Açores e Madeira para o alistamento dos interessados na mudança. A Provisão Régia de 9-VIII-1747 ordena o transporte e o *estabelecimento de casais na Ilha de Santa Catarina como na terra firme*.

Segundo Walter Piazza, historiador dedicado ao estudo da contribuição açoriana em Santa Catarina, informa-nos que o primeiro transporte de ilhéus chegou ao porto de Desterro (hoje Florianópolis) em 6-I-1748, desembarcando *85 casais e seus filhos e agregados e dois vigários*... Estima este autor em 6.071 o total de ilhéus fixados em Santa Catarina (1748-56).

Alguns destes casais passaram para o Presídio de Rio Grande, onde se estabeleceram, amparados pelas medidas oficiais que os transferiram dos Açores e Madeira para o sul do Brasil. Os locais previstos para sua acomodação, pela costa marítima, desde a Vila de São Francisco até São Miguel (nas proximidades de Chuí). Por isso em registros eclesiásticos são encontradas referências de sua presença desde esta data.

Aurélio Porto por suas pesquisas, identificou os primeiros açorianos batizados em 1749 em Rio Grande. Um, chamado Felipe, em 8-V-1749, era filho de João Fernandes e de Helena de São José, naturais da ilha Terceira; e Francisco, em 6-VI-1749, filho de Manoel Cardoso Pinto e de Rita Maria, naturais de Angra (Terceira).

Moacir Domingues, relacionando com objetivos genealógicos todos os batismos realizados em Rio Grande, registrou cinco batismos de ilhéus realizados durante o ano de



1749. Informa-nos que nos anos de 1750 e 1751 também foram cinco os registros, em cada ano, de batismos de filhos de ilhéus.

Mas Aurélio Porto nos assegura que *...em 1752 os batismos já sobrem para 24; em 1753 a 40; em 1754 a 82* (batizados) o que, necessariamente, nos autoriza acreditar que o aumento do número decorre da maior presença de açorianos que atenderam à convocação de Gomes Freire de Andrada para a ocupação das Missões.

Muitos ilhéus já estavam antes no Brasil de onde puderam se transferir para o Rio Grande de São Pedro quando da instalação do Presídio (1737).

Como exemplo podemos referir o caso de Domingos da Costa Couto. Nascido na Ilha de S. Miguel, veio para o Brasil. No Rio de Janeiro, na Colônia do Sacramento como em Rio Grande e Rio Pardo, prestou serviços militares. No Rio, salvou uma peça de artilharia afundada no mar *a oito braças de fundo, rebentando até sangue pelos ouvidos...*; Em Rio Grande, sabemos que por ocasião da revolta dos soldados do Regimento de Dragões (1742) não aderiu. Domingos da Costa Couto se fixou no RS, depois de casado com paulista que lhe gerou pelo menos 7 filhos, nascidos em Viamão, Rio Grande e Rio Pardo.

Mas estes açorianos, chegados antes de 1752 no Rio Grande do Sul, devem ser considerados como casos isolados, não podendo autorizar o reconhecimento de início da colonização açoriana no Rio Grande do Sul.

Como acima afirmamos, a colonização açoriana integrou a quinta das sete correntes povoadoras deste Estado, aliás, a mais numerosa.

O Tratado de Madrid representa, em seu aspecto teórico, um esforço de se resolver a velha questão de limites entre Portugal e Espanha, que precedeu até a descoberta do Brasil (a questão tordesilhana).

Apesar do ingente esforço do grande diplomata Alexandre de Gusmão, o interesse dos negociadores castelhanos não fora resolver, em definitivo, a velha questão de fronteiras entre as duas Coroas.

Foram nomeados, respectivamente, o marquês de Valdelírios, por parte de Espanha e Gomes Freire de Andrada, comissário de Portugal, para dar execução ao tratado.

Gomes Freire de Andrada, nomeado em 21 de agosto de 1751, já em 16 de janeiro de 1752 tomou medidas efetivas para cumprimento de seu mandato, fazendo publicar o Bando convocatório de que consta o significativo trecho que transcrevemos:

*...Faço saber a toda pessoa que se quiser com a sua família ou sem ela, estabelecer nas ditas terras, tanto nas sete Aldeias que hoje se acham povoadas e os Padres entregam inteiras em casas como nas mais terras que delas correm para Castilhos, Rio Grande e Santa Catarina: lhe concedo, em nome de S.M. o mesmo*



mantimento, subsistência, ferramenta e mais convivências, que o dito Senhor tem dado aos Casaes que mandou tirar nas ilhas e ao presente estão na de Santa Catarina, dando-se-lhe maior número de gados e éguas que a estes, na ilha são permitidos...

Sem dúvida foi esta convocação que atraiu os numerosos *Casais Açorianos* que passaram ao Continente, constituindo o verdadeiro início da colonização açoriana. Este contingente ilhéu ficou conhecido como *casais do número*. Nos livros de registros eclesiásticos da época, guarda-se sua presença como *casais que S.M. manda para as novas povoações das Missões*.

Seu trajeto por mar (até Rio Grande), ou terrestre (por Conceição do Arroio – atual cidade de Osório – Mostardas, Viamão ou Porto Alegre), ficou marcado pelas escalas feitas, constantes nos registros paroquiais em que celebravam seus casamentos, batizados ou óbitos.

Surgiram, porém, dificuldades para seu assentamento nas Missões. Houve, como é sabido, resistência na entrega das Missões e subseqüente guerra (1754-1756) e até anulação do Tratado de Madrid (1761).

Infelizmente, apenas começada a operação da chegada dos ilhéus, procedentes de Santa Catarina, irrompeu um estado de beligerância: primeiro por ocasião das Aldeias missionárias e, depois, sobrevem a ocupação da Vila do Rio Grande pelos espanhóis (1763-1776).

Vão se acumulando os problemas administrativos.

O povoamento das Missões ficou adiado.

Os açorianos tiveram de ficar retidos nas diferentes etapas da marcha. E foram nelas se arranchando. Assim, por exemplo, surgiu o *Arraial de Ilhéus* (Porto Alegre), como refere o sargento-mór Luiz Manoel de Azevedo Carneiro da Cunha, em sua MEMÓRIA, e, na BREVE NOTÍCIA, atribuída ao cel. Miguel Ângelo Blasco, se lê: *A povoação (porto de Viamão) é um arraial de casas de palha habitadas de casais da ilha...*

Vinte anos depois de sua chegada ainda estava o governo demarcando os núcleos para sua acomodação.

No início do governo do cel. José Custódio de Sá e Faria (1764) foi que se tratou de promover a demarcação de lotes em dois sítios para a organização dos futuros núcleos de Taquarí e Porto Alegre. Desincumbia-se, assim, do que lhe fora determinado (como governador do Continente) pelo regimento respectivo, datado de 23-II-1764, inclusive ... *achar alguns retalhos de terra... (onde) os poderá repartir pelos casais de ilhéus que são os melhores agricultores...*

Sua destinação agrícola, consolidada nas ilhas, teve aqui confirmação.

Em Osório introduziram a lavoura canavieira e engenho de açúcar; em Rio Grande e Rio Pardo a vitivinicultura; em Canguçu, Gravataí, Porto Alegre e Rio Pardo, plantaram o trigo e instalaram moinhos para elaboração de farinha.

Em conclusão, à vista das provas apresentadas, consideradas suficientes e inequívocas, entendemos que, embora sem se poder fixar uma data exata, o início da chamada *colonização açoriana* no Rio Grande do Sul, só poderá se referir a 1752, nunca a 1749.

Porto Alegre, 12-VIII-1999

[a] Paulo Jaurès Pedroso Xavier, relator

[a] Earle Diniz Macarthy Moreira

[a] Sérgio da Costa Franco

**1999**

24 de agosto de 1999 – Acompanhado dos consócios **Francisco Riopardense de Macedo**, **Paulo Xavier** e **Heinrich Hasenack**, o Presidente do IHGRGS **Luís Alberto Cibils** estive na Assembléia Legislativa do Estado para conversar e apresentar projeto conjunto com aquela Casa e que visa a edição fac-similar do jornal **O NOTICIADOR**, acompanhado de índice produzido pelo sócio **Francisco Riopardense de Macedo**. Impossibilitado de comparecer à audiência, o Presidente da Assembléia Legislativa Dr. **Paulo Odone Ribeiro** determinou que sua assessoria trata-se deste expediente.

15 de setembro de 1999 – Palestra do Dr. **Telmo Lauro Müller** sobre a *Imigração Alemã: 175 anos de História* em continuidade ao ciclo de palestras alusivo ao 500 anos do Brasil.

20 de outubro de 1999 – Conferência do Prof. Dr. **Cezar Saldanha Souza Júnior**, a convite do IHRGS, sobre a *Posição do Brasil diante de Portugal antes da Independência*, inserida nas comemorações dos 500 anos do Brasil.

3 de novembro de 1999 – Às 14h30 mim. O Professor **Raymond Pebayle**, Sócio Correspondente do Instituto, residente em França e em visita à nossa Capital, onde ministrou curso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi recepcionado no IHGRGS por expressiva parcela de consócios, entre os quais seus antigos colegas da UFRGS e membros efetivos do IHGRGS.



Dr. Bernardo, à esquerda, e o Presidente

No mesmo dia, às 17h, estive em visita ao Instituto o Dr. **Bernardo Vasconcelos e Sousa**, Diretor do Instituto dos Arquivos Nacionais – **Torre do Tombo**, que participou da sessão mensal do IHGRGS, prestando informações valiosas sobre aquele portentoso acervo documental instalado em Lisboa (Alameda da Universidade, 1649-010 Lisboa – Portugal; <http://iannt.pt>). Pelo Presidente **Cibils** e demais associados, apresentou ao visitante as instalações da Casa, oferecendo, também, os três últimos números da nossa Revista (132/134).

17 de novembro de 1999 – Em parceria com o **Instituto dos Advogados do Rio Grande do Sul**, através de sua Presidente Dra. **Sulamita Santos Cabral** o IHGRGS, na pessoa do seu Presidente **Luís Alberto Cibils** discorreu sobre a figura de **José Feliciano Fernandes Pinheiro**, Visconde de **São Leopoldo**, em solenidade realizada na sede do IARGS. Personalidade destacada na História do Rio Grande do Sul, o Visconde de **São Leopoldo** foi o 1º. Presidente da Província de **São Pedro do Rio Grande**; Responsável pela Criação dos Cursos Jurídicos no **Brasil**; Fundador da **Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre**; Fundador da Colônia Alemã de **São Leopoldo** entre outras atividades que o destacaram no cenário nacional e regional.

15 de dezembro de 1999 – Palestra do Professor Dr. **Moacyr Flores**, intitulada *O Liberalismo na Revolução Farroupilha*.

## **2000**

29 de março de 2000 – Palestra do Dr. **Miguel Frederico do Espírito Santo** sobre *O Tratado de Madri (1750): A definição do Corpo da Pátria*.

29 de março de 2000 – Inauguração da placa alusiva aos 500 anos do Brasil, 250 do Tratado de Madri e 80 anos de fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Na solenidade de descerramento, o Presidente pronunciou as seguintes palavras: *No ano em que se comemora o octagésimo aniversário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, suas portas são abertas para os festejos de duas outras efemérides: o achamento do Brasil (Brasil, 500 anos) e o Tratado de Madri (13.01.1750). E relacionando estes dois eventos de significação transcontinental, decide colocar em seu aceso uma gravura em granito, executando uma operação fundamental. Sendo o Tratado de Tordesilhas a fixação dos limites das áreas que no futuro fossem descobertas, a colônia portuguesa acabaria antes de alcançar Laguna. O outro lado era espanhol. A área que seria o Rio Grande de São Pedro ficava do lado de lá. Duzentos e cinquenta anos depois o Tratado de Madri viria corrigir o mapeamento da ocupação. A linha que o representa na gravura, foi calcada no original fac-similado, assinado por Thomas da Silva Teles em Madri – 12 de julho de 1751. Subtraindo-se as áreas determinadas por estas duas linhas a colônia luza ficou três vezes maior e o Rio Grande do Sul passou a ser português... Brasil – 500 anos; Rio Grande do Sul – 250 anos; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – 80 anos.*

01 de abril de 2000 – Em exposição realizada nos altos do Mercado Público de Porto Alegre, onde se encontrava a mostra sobre **Virgolino Ferreira da Silva**, o Secretário Executivo do IHGRGS recebeu dos autores do livro *DE VIRGOLINO A LAMPIÃO*, Antonio Amaury (estudioso da matéria) e Vera Ferreira (neta do biografado), um exemplar para o acervo da Casa. Da mesma forma, um folheto da exposição *Lampião, uma viagem pelo cangaço*, folheto fartamente ilustrado e que sintetiza a exposição.

26 de abril de 2000 – Palestra do Dr. Earle Diniz Macarthy Moreira, sobre A questão Platina: uma tentação luso-brasileira.

1º. de maio de 2000 – A convite do Prefeito Municipal de General Câmara/RS, sr. Gilberto Amaro Pires Pereira, os consócios Cibils, Costa Franco, Cabeda, Hessel, Macedo, Mozart e o Secretário Executivo, foram à Santo Amaro do Sul/RS para prestigiar a Semana do Município que, neste dia contou com a inauguração de Sala Açoriana, na Casa de Cultura, iniciativa do Dr. Francisco Pereira Rodrigues e visita à Igreja Matriz. Depois de lauto almoço, oferecido pela prefeitura no salão da Irmandade de Santo Amaro, que contou com a presença de mais de 200 pessoas convidadas, realizou-se, à tarde, a proclamação do resultado da 3ª. Edição do Concurso Literário Açoriano e entrega das premiações. Antes do retorno do ônibus à Porto Alegre, e que estava com sua capacidade de 45 assentos preenchidos, foi feita visita à Barragem Amarópolis, que tem eclusa, um canal que eleva as embarcações para transpor o desnível do Rio Jacuí.



O Irmão Elvo Clemente (e), Presidente da Academia Rio Grandense de Letras e o Presidentendo do IHGRGS (d), Luís Alberto Cibils, quando descerravam a placa inaugural da Casa de Cultura Miguel José Pereira, no distrito de Santo Amaro do Sul – Município de General Câmara/RS

17 de maio de 2000 – Palestrante do Dr. **Arno Alvarez Kern**, sobre a **CULTURA MATERIAL, DESCOBERTA E COLONIZAÇÃO DO BRASIL: UMA SÍNTESE SÓCIO-CULTURAL IBEROINDÍGENA**.

16 de junho de 2000 – Inauguração do Espaço Cultural “Prof. Dr. **Ruy Ruben Ruschel**”, com mostra de sua Vida e Obra, no Campus Torres da **Universidade Luterana do Brasil**. O Dr. **Ruschel** foi membro da diretoria do **IHGRGS**.

21 de junho de 2000 - Palestra do convidado, Professor Coronel **Altino Berthier Brasil**, sobre a **REVOLUÇÃO DE 1932 – TEATRO DE OPERAÇÕES DO EXÉRCITO DO SUL**.



Dr. Francisco Riopardense de Macedo (e) e Dr. Luis Alberto Cabús, Presidente, junto à placa comemorativa

Faleceu em Porto Alegre em 18 de fevereiro de 2.000 aos 92 anos, Dante de Laytano, sócio do nosso IHGB no Rio Grande do Sul desde 13 de julho de 1954, como honorário e, como correspondente desde 15 de dezembro 1975. De origem italiana calabresa, nasceu em Porto Alegre em 23 de março de 1908. Foi casado duas vezes sem deixar descendentes terminando com ele o ilustre nome Laytano de tão expressiva, longa e alegre animação efetiva da cultura gaúcha e em especial o seu Folclore e História.

Dante de Laytano, que completaria 46 anos de sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, era seguramente um dos mais antigos sócios do IHGB Ele foi personalidade singular, marcante e muito querida no mundo intelectual gaúcho como o seu maior folclorista, além de historiador, escritor e conferencista disputado.

Sua produção literária foi vastíssima e variada e balizada no Dicionário Bibliográfico de **Historiadores, Geógrafos e Antropólogos Brasileiros**.

Rio de Janeiro: IHGB, 1991. p.93194, v.1 e, em mais de uma página no Dicionário Bibliográfico Gaúcho de Pedro Leite Villas-Boas em 1991. Este, outra grande e sentida perda recente da historiografia gaúcha onde deixou nome imortal, bem como a de Ivo Caggiani, o maior historiador residente nas fronteiras do Brasil, com obra modelar relacionada com a pesquisa, preservação, reconstituição, registro diário e divulgação da História de Santana do Livramento.

Da obra de Dante de Laytano destacamos dentre muitas História da **República Rio-Grandense** 1936; O Rio Grande do Sul e a Marinha Brasileira; Presídio de Torres; O Negro e o espírito guerreiro; Africanismos no dialeto gaúcho; A fala do gaúcho; Os portugueses dos Açores na consolidação moral do domínio lusitano no extremo sul do Brasil; História de Rio Pardo; Bibliografia do Rio Grande do Sul; Italianos e descendentes no Rio Grande do Sul; Açorianos e alemães na colonização e Agricultura no Rio Grande do Sul; A estância gaúcha; Folclore do Rio Grande do

---

<sup>152</sup> Lida em sessão do IHTRGS em 3 de maio de 2000.

<sup>153</sup> Presidente da AHIMTB e do IHTRGS e correspondente do IHGRGS, do CIPEL e da Academia Riograndense de Letras

Sul; Porto Alegre cidade açoriana; Vida religiosa de cidade do interior; Origens do folclore brasileiro; Um gaúcho amigo de Darwin; 80 lendas do Rio Grande do Sul; Colonização açoriana do Rio Grande do Sul; Manual de fontes bibliográficas para o estudo da História do Rio Grande do Sul; Linguajar do gaúcho brasileiro; Arquipélago dos Açores; Populações indígenas etc.

Na Revista do IHGB conforme seu índice na de número 400, publicou:

Arquipélago dos Açores; Corografia da Capitania de Santa Catarina; A estância gaúcha; O gaúcho e o cavalo; O japonês no Rio Grande do Sul;

Lendas do Rio Grande do Sul; Recordando Viana Moog e traços gerais de interrelações Bahia - Rio Grande do Sul.

Foi um pioneiro em estudos sobre as presenças do negro, dos italianos, alemães e japoneses no Rio Grande do Sul.

Dante foi um grande animador e líder cultural carismático e muito prestigiado pelas autoridades gaúchas até ser Colhido por perda de memória que recuperou em parte, mais tarde, milagrosamente, graças a dedicação de sua 2ª. esposa, Tereza.

De sua parte Dante possuía uma grande paixão platônica confessa por Cecília Meireles que incursionara em sua área ao produzir **Folclore gaúcho açoriano - notas comparativas da poesia popular das ilhas com a do Rio Grande do Sul cultural.**

Dante formou-se pela Faculdade de Direito da UFRGS. Dentre outras várias e importantes funções registre-se: Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUÇ, do Jornal Zero Hora, da Revista do **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, do Museu Júlio de Castilhos e de sua revista e, do Arquivo Histórico do Estado, a frente do quais realizou obra notável. Integrou o Comitê Internacional de Museus, o Conselho Estadual de Educação e a Comissão Nacional de Especialistas em Faculdades de Filosofia, do Ministério da Educação.

A História sempre o motivou e fascinou Foi catedrático da cadeira de História na UFRGS e autor de obras consagradas mencionadas. Também lecionou História da América Latina e folclore na PUC em Porto Alegre. Adorava viajar! Visitou diversas vezes a Europa e a África, Percorreu. o seu amado Rio Grande de 'ponta a ponta e conheceu todos os seus rincões. Possuía especial carinho pelas cidades gaúchas de Rio Pardo e Torres Os Estados Unidos ele visitou em viagem de



estudos em 1942, a convite do governo daquele país.

Mais do que escreveu falou incansavelmente e de improviso como conferencista emérito e muito disputado. Assim pronunciou centenas de conferências sempre bem humoradas e animadas e pelo mundo afora, inclusive nas universidades do Texas, Colúmbia, Fisk, Xavier, Harvard, Stanford, Novo México, Vermont, etc, e particularmente na Espanha, França e Portugal. Sempre tinha na ponta da língua uma tirada espirituosa como por exemplo: Uma jovem ex-aluna ao encontrá-lo disse-lhe! “Mestre, como o senhor esta bem conservado para a sua idade!” E Dante de Laytano lhe respondeu: “- Querida é uma grande mentira, mas é tão agradável ouvi-la!”

Dante de Laytano fundou e presidiu por 50 anos a Comissão Gaúcha de Folclore. Foi Juiz Municipal, Promotor Público e Consultor Jurídico das Secretarias da Agricultura e da de Educação do Rio Grande do Sul. Fundou e presidiu a Academia Brasileira de História que com a sua retirada do cenário cultural por motivo de doença, definiu Nela fomos por ele saudado pessoalmente em São Paulo em 1976, focalizando nosso torrão natal Canguçu (Mato Grande) ao assumirmos a cadeira 12 Gen Augusto Tasso Fragoso. Aqui no Instituto ele realizou uma sessão de posse em sua Academia do historiador José Honório Rodrigues.

Presidiu a Academia de Letras do Rio Grande do Sul e foi agraciado com medalhas de distinção em diversos pontos do globo, sendo um dos detentores da Medalha J. Simões Lopes Neto, a mais alta comenda gaúcha. Foi Cidadão Emérito de Porto Alegre e necessitaríamos de enorme espaço para relatar todas as suas qualificações.

Ao fundarmos em 10 de setembro de 1986, em Pelotas, o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, no sesquicentenário do combate de Seival, Dante de Laytano foi eleito o seu conselheiro de Folclore, ao lado do seu grande amigo já falecido e também sócio correspondente deste IHGB Arthur Ferreira Filho, eleito então conselheiro de História do Rio Grande do Sul.

Abordou como escritor e conferencista os mais variados aspectos rio-grandenses, nos campos histórico, sociológico, culinário, folclórico, lingüístico e econômico Dante integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e foi correspondente dos de Santa Catarina, São Paulo, Bahia e Pará.

Sem dúvida, uma enorme lacuna se abriu no Rio Grande do Sul e no Brasil e

neste Instituto com a partida do nobre, digno e, sobretudo, humano, muito acolhedor e conciliador Dante de Laytano, segundo o Jornal **Tradição** do Rio Grande do Sul, órgão de divulgação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), da Confederação Brasileira de Centros de Tradições Gaúchas (CBCTG) e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Estado cuja civilização denominava de castrense em razão de suas cidades terem sido fundadas atendendo a imperativos estratégicos militares e que tiveram seus início como fortes, acampamentos e seus habitantes uma mistura de soldado e fazendeiro e soldado e agricultor, circunstância muito bem abordada pelo fluminense Oliveira Vianna em **Populações meridionais do Brasil**.



**DANTE DE LAYTANO**

Em 24 de junho de 1992, através de Sessão Solene, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul homenageou o Dr. Dante de Laytano, fazendo-lhe a oferta de uma placa de prata com os dizeres: *Assinalando-se o meio século de atividade exemplar em favor da agremiação e da cultura rio-grandense.*

# INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

*80 anos de História*



*(Mas) quem fez profissão de  
lealdade incorruptível deve falar  
de cada um sem amor e sem ódio -  
Tácito*

NÚMEROS DA REVISTA DO IHGRGS disponíveis para venda:

6-7,8,11-12,36,42,51,52,60,63,64,66,67,68,70,81,83,84,85,86,87-  
88,89,90,91-92,93,94,95,96,97,98,99,100,101,102,103,104,105-  
108,109-112,113-116, 117-120,121,122, 123,124,125,126, 127,128,  
129,130,131,132,133, 134, 135 e Índice.